



Universidade de Brasília  
Centro de Excelência em Turismo  
Mestrado Profissional em Turismo

## **O DESVELAR DO CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA PELO TURISTA/FLÂNEUR**

Lara Santana Santos da Nóbrega

Brasília, DF  
2013



Universidade de Brasília  
Centro de Excelência em Turismo  
Mestrado Profissional em Turismo

## **O DESVELAR DO CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA PELO TURISTA/*FLÂNEUR***

Lara Santana Santos da Nóbrega

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Turismo da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup> Karina e Silva Dias

Brasília, DF  
Julho de 2013

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de  
Brasília. Acervo 1010042.

N754d Nóbrega, Lara Santana Santos da.  
O desvelar do Centro Histórico de João Pessoa pelo  
turista/flâneur / Lara Santana Santos da Nóbrega. --  
2013.  
140 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,  
Centro de Excelência em Turismo, Mestrado Profissional  
em Turismo, 2013.  
Inclui bibliografia.  
Orientação: Karina e Silva Dias.

1. Turismo cultural - João Pessoa (PB). 2. Paisagens  
- João Pessoa (PB). 3. Centros históricos. 4. João  
Pessoa (PB) - Turismo. I.Dias, Karina e Silva. II.  
Título.

CDU 338.482.2:39

Universidade de Brasília  
Centro de Excelência em Turismo  
Mestrado Profissional em Turismo

## **O DESVELAR DO CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA PELO TURISTA/*FLÂNEUR***

Lara Santana Santos da Nóbrega

### **BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karina e Silva Dias – UnB (Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Júnia Marques Caldeira - UnB

---

Prof. Dr. Christus Menezes da Nóbrega - UnB

---

Prof. Dr. Luis Carlos Spiller Pena - UnB (Suplente)

Brasília, 22 de julho de 2013.

A minha *mainha*, Maria José, que sempre me incentivou a estudar, e que me apoiou durante toda a realização desta investigação, carinhosamente dedico.

## AGRADECIMENTOS

À minha família - a *mainha*, Maria José, a *painho*, Petrônio, e ao meu irmão, Bruno, que sempre estiveram presentes na minha vida, nos bons e maus momentos, nos difíceis dias vividos durante a investigação. E por me apoiarem em toda a caminhada do mestrado, sempre me incentivando.

À minha orientadora, Karina Dias, pela dedicação e paciência; por ter acreditado nesta pesquisa; e por me dar o suporte e orientação necessários durante todo o percurso.

Aos meus amigos, que, mesmo longe, me apoiaram, aturaram o meu estresse, os meus dias de alegria e de tristeza, e que sempre torceram por mim.

A todos os Professores do Mestrado Profissional em Turismo, do Centro Excelência em Turismo, da Universidade de Brasília, pelo auxílio e pelos momentos de aprendizagem.

A todos aqueles que, direta, ou indiretamente, ajudaram-me, de alguma forma, a construir este trabalho.

Ficar sentado o menos possível: não pôr fé em pensamento algum que não tenha sido concebido ao ar livre, no livre movimento do corpo – em ideia alguma em que os músculos não tenham também participado. Todo preconceito provém das entranhas. Ficar “*chumbado na cadeira*”, repito-o, é o verdadeiro pecado contra o espírito. (GROS)

## RESUMO

Esta dissertação tem o objetivo de discutir a relação entre a experiência de caminhar/passear e o desvelar do Centro Histórico de João Pessoa pelo turista/*flâneur*. O fenômeno turístico, a experiência turística, o tempo, o caminhar/passear, o turista/*flâneur*, a paisagem e o olhar do turista são abordados como conceitos essenciais para esta discussão. Inicialmente, o turismo é tratado a partir dos discursos tidos como mais pertinentes, e que o concebem como fenômeno, como experiência do sujeito, considerando-se os sentidos daqueles que o envolvem. Nesse processo de desvelar da cidade, o tempo é um fator relevante e se configura como um elemento diferencial para a experiência do turista. Caminhar/passear pela cidade transcende, aqui, a noção de uma mera atitude locomotiva do corpo, posto que tais ações englobam o local, a maneira como se passeia e o olhar daquele que passeia. Propõe-se, assim, a concepção de um turista diferente daquele indivíduo tido apenas como mero consumidor de cartões-postais. O turista/*flâneur* evocado neste projeto é aquele que passeia pelos lugares com desenvoltura e atenção, sempre disponível às diferentes percepções. Descreve-se, ainda, a capital paraibana e a consolidação do seu Centro Histórico, com o intuito de fazer uma breve apresentação do estudo de caso em questão. A partir do Centro Histórico de João Pessoa, empreenderam-se as considerações sobre a experiência singular de caminhar/passear pela cidade.

**Palavras-chave:** Fenômeno turístico. Experiência turística. Tempo. Caminhar/passear. Turista/*flâneur*. Paisagem. Centro Histórico de João Pessoa.



## ABSTRACT

This thesis aims to discuss the relationship between the experience of roaming/walking and the unveiling of João Pessoa's Historic Center by the tourist/*flâneur*. The phenomenon of tourism, the tourist experience, the time, the roam/walking, the tourist/*flâneur*, the landscape and the tourist gaze are discussed as essential concepts to this discussion. Initially, tourism is treated from the speeches considered more relevant, and that conceive it as a phenomenon, as the subject experience, considering the senses of those who involve them. In this process of uncovering the city, the time is a relevant factor and is configured as a differential element to the tourist experience. Roam/walking through the city transcends, here, the notion of a mere locomotive attitude of the body, since such actions include the location, the way you walk and the look of that who walks. It is proposed, thus, the conception of a different tourist than that individual had as a mere consumer of postcards. The tourist/*flâneur* evoked in this dissertation is one who walks through places with ease and attention, always available to different perceptions. It describes, also, Paraíba's capital and the consolidation of its Historic Center, in order to make a brief presentation of the case study in question. From the Historic Center of João Pessoa, the considerations were undertaken on the unique experience of roaming/walking in the city.

**Keywords:** Touristic Phenomenon. Touristic Experience. Time. Roaming/Walking. Tourist/*flâneur*. Landscape. João Pessoa's Historic Center.

## **LISTA DE SIGLAS**

**IPHAEP** – Instituto Histórico e Paisagístico do Estado da Paraíba

**IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**OMT** – Organização Mundial do Turismo

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**PIB** – Produto Interno Bruto

**PIT** – Ponto de Informação Turística

**SETur** – Secretaria de Turismo

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> Paraiba. Rio de São Domingos.....	59
<b>Figura 2</b> Frederick Stadt.....	60
<b>Figura 3</b> Parayba.....	60
<b>Figura 4</b> Parayba.....	61
<b>Figura 5</b> Frederyce Stadt.....	61
<b>Figura 6</b> Frederica Civitas.....	62
<b>Figura 7</b> Frederick Stadt.....	62
<b>Figura 8</b> Ostium Aluminis Paraybae.....	63
<b>Figura 9</b> Conjunto Franciscano.....	67
<b>Figura 10</b> Convento Igreja de Nossa Senhora do Carmo.....	67
<b>Figura 11</b> Igreja da Misericórdia.....	68
<b>Figura 12</b> Praça de São Frei Pedro Gonçalves.....	68
<b>Figura 13</b> Sobrado Comendador Antonio Santos Coelho (Casarão dos Azulejos)...	70
<b>Figura 14</b> Faculdade de Direito.....	70
<b>Figura 15</b> Mapa do Centro Histórico de João Pessoa.....	73
<b>Figura 16</b> Faculdade de Ciências Médicas, antigo Colégio de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> das Neves.....	78
<b>Figura 17</b> Catedral Basílica N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> das Neves.....	79
<b>Figura 18</b> Altar-mor da Basílica de Nossa Senhora das Neves.....	80
<b>Figura 19</b> Casa da Pólvora.....	82
<b>Figura 20</b> Visão do Centro Histórico com natureza ao fundo.....	83
<b>Figura 21</b> Praça Antenor Navarro.....	87
<b>Figura 22</b> Casa 48, ao lado da Igreja São Frei Pedro Gonçalves.....	88
<b>Figura 23</b> A carroça.....	89
<b>Figura 24</b> Pôr-do-sol visto a partir do pátio do Hotel Globo.....	92
<b>Figura 25</b> Igreja de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> do Carmo.....	96
<b>Figura 26</b> Painel de azulejos.....	97
<b>Figura 27</b> O Cruzeiro.....	100
<b>Figura 28</b> Pátio interno do Conjunto Franciscano.....	101
<b>Figura 29</b> Vista do Coro.....	103
<b>Figura 30</b> Fachada da Igreja de São Francisco.....	104

<b>Figura 31</b>	Catedral Basílica de N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> das Neves.....	105
<b>Figura 32</b>	Ladeira da Borborema.....	106
<b>Figura 33</b>	Fachada da Igreja de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> do Carmo ao fundo.....	107
<b>Figura 34</b>	Acolhida das árvores.....	109
<b>Figura 35</b>	Caminho sob a copa das árvores.....	109
<b>Figura 36</b>	Paço Municipal.....	112
<b>Figura 37</b>	Theatro Santa Roza.....	112
<b>Figura 38</b>	Comando da Polícia Militar da Paraíba.....	113
<b>Figura 39</b>	Praça João Pessoa.....	114
<b>Figura 40</b>	A Pedra do Reino – escultura.....	116
<b>Figura 41</b>	Lagoa - Parque Sólon de Lucena.....	116
<b>Figura 42</b>	Centro Cultural São Francisco.....	122
<b>Figura 43</b>	Igreja de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> do Carmo.....	124
<b>Figura 44</b>	Jardim da Igreja de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> do Carmo.....	125
<b>Figura 45</b>	Jardim da Igreja de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> do Carmo.....	126
<b>Figura 46</b>	Jardim da Igreja de N <sup>a</sup> Sr <sup>a</sup> do Carmo.....	126
<b>Figura 47</b>	O céu.....	129
<b>Figura 48</b>	Torre da Igreja.....	131
<b>Figura 49</b>	Apropriação do espaço.....	132

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> Observação direta, sistemática.....	22
<b>Tabela 2</b> Classificação de turistas para Cohen, American Express e Smith.....	49
<b>Tabela 3</b> Classificação de turistas para McIntosh.....	50
<b>Tabela 4</b> Principais estilos do Centro Histórico de João Pessoa.....	74

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1 TURISTA/FLÂNEUR: UMA EXPERIÊNCIA FENOMENOLÓGICA.....</b>	<b>19</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>26</b>
2.1 A ESSÊNCIA DO FENÔMENO TURÍSTICO: A EXPERIÊNCIA.....	26
2.2 TEMPO E TURISMO: DO TEMPO CRONOMETRADO AO TEMPO DA FRUIÇÃO.....	31
2.3 O CAMINHAR/PASSEAR.....	32
2.3.1 O turista/ <i>flâneur</i> .....	33
2.4 PAISAGEM/PAISAGENS.....	40
2.5 O OLHAR DO TURISTA/FLÂNEUR .....	48
<b>3 DA GÊNESE URBANA À CONSOLIDAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA.....</b>	<b>58</b>
<b>4 SÍNTESE INTERPRETATIVA.....</b>	<b>76</b>
4.1 O CORPO EMBALADO PELA CHUVA.....	76
4.2 ORIENTANDO-SE PELAS TORRES DAS IGREJAS.....	92
4.3 DE PORTAS FECHADAS.....	117
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>134</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>138</b>

## INTRODUÇÃO

De acordo com dados da OMT - Organização Mundial do Turismo (2012) é inegável que, apesar da crescente importância demonstrada pela contribuição ao PIB (entre 3% e 5% do PIB mundial), ao emprego (entre 7% e 8% de todos os postos de trabalho) e às exportações (30% das exportações de serviços do mundo), as viagens e o turismo carecem ainda do devido reconhecimento político e econômico.

No Anuário Estatístico de Turismo – 2011, do Ministério do Turismo, encontram-se diversos gráficos e números que relatam a atividade turística no Brasil, incluindo dados do turismo receptivo, de chegadas de turistas ao Brasil, movimentação internacional de passageiros, desembarques internacionais, entre outras informações.

Sem entrar na discussão política que envolve essa atividade, é importante destacar, nas informações mencionadas, a intensa visão econômica sobre o Turismo, sempre repleta de dados numéricos e longe de aspectos mais humanos ou sociais.

Partindo dessas colocações, a presente investigação se distancia de uma concepção apenas economicista do Turismo. Concorde-se, aqui, com a ideia de que o fenômeno turístico é um movimento humano repleto de “objetividade/subjetividade” (MOESCH, 2004). Portanto, esse fenômeno é construído pela experiência do turista, pelo o que ele apreende de algo.

O interesse nesta pesquisa origina-se de uma experiência pessoal na cidade de Granada<sup>1</sup>. A autora constatou o quanto é habitual na Europa conhecer as cidades caminhando, apenas com a orientação de um bom mapa e livre do acompanhamento de um guia, aquele profissional habilitado para orientar os

---

<sup>1</sup> Localizada em Andaluzia, ao sul da Espanha, possui um dos maiores e mais visitados patrimônios culturais desse país – Alhambra. É conhecida como a terra de Federico García Lorca (FUNDACIÓN, 1984), uma cidade “*Abierta todo el año*”. “Cidade Universitária” é, também, um dos destinos mais desejados pelos estudantes, vindos de diversos países. A experiência de conhecer pessoas do mundo todo e com elas poder viajar por diversas cidades da Espanha foi inesquecível. Brasileiros, portugueses, espanhóis, franceses, holandeses, coreanos, marroquinos... intercâmbio cultural enriquecedor para um estudante de qualquer nacionalidade.

visitantes por roteiros turísticos, que tem um tempo cronometrado para apresentar ao turista cada atrativo.

Conhecer a cidade a pé, utilizando meios de transporte como ônibus, táxis e metrô apenas para longas distâncias, parece desvelar um turista disposto a diferentes percepções. Esse indivíduo segue o seu próprio caminho, percorrendo a cidade de acordo com seu ritmo e interesse. A forma como ele desvela o espaço urbano se assemelha à figura do *flâneur*<sup>2</sup> das cidades, que tem um olhar que reconhece a efemeridade das circunstâncias, andando com desenvoltura e atenção.

Durante um estágio na Secretaria Municipal de Turismo (SETur) de João Pessoa, surgiu a oportunidade de conhecer mais sobre o turismo na capital paraibana. Assim, a experiência de trabalhar concomitantemente nos Pontos de Informação Turística (PIT) e no Centro Histórico de João Pessoa<sup>3</sup>, fez-me constatar que a visitação ao Centro Histórico, muitas vezes, era feita com um profissional habilitado, conduzindo os turistas em algum tipo de transporte. Na maioria das vezes, a visita era feita em ritmo bem acelerado, distanciando-se de um tempo mínimo para o conhecimento de alguns atrativos, como o Centro Cultural São Francisco, por exemplo.

Diante dessa identificação, pensou-se se o caminhar pelo Centro Histórico de João Pessoa não seria uma forma de melhor aproveitar esse local, percorrendo-o e desvelando-o.

A partir dessas inquietações, surgiu o tema desta pesquisa: o desvelar da cidade pelo turista/*flâneur*. Delimitando-se um pouco mais, a intenção seria estudar o desvelar do Centro Histórico de João Pessoa pelo turista/*flâneur* ao caminhar/passear por esse local.

---

<sup>2</sup> Conceito que será desenvolvido nas próximas páginas.

<sup>3</sup> O que atualmente chama-se de Centro Histórico é um conjunto urbano formado por núcleos que, historicamente, se desenvolveram de forma paralela, desde o início da colonização e com funções diferenciadas. De um lado, a Cidade Baixa, que foi o início do núcleo econômico e arquitetônico da cidade, tendo como ponto forte a utilização do Porto do Capim, propiciando o escoamento da produção, bem como a Associação Comercial, responsável por gerir o escoamento da produção; de outro, a Cidade Alta, área considerada mais nova, mais cuidadosamente planejada, onde se encontram as sedes dos poderes Executivo, Judiciário e Legislativo.



Nesse sentido, o problema central da pesquisa coloca a seguinte questão: Como o caminhar/passear, pela experiência do turista/*flâneur*, desvela o Centro Histórico de João Pessoa?

A partir do questionamento inicial, mais algumas indagações foram propostas:

- Como a paisagem da localidade se revela na experiência do turista/*flâneur*, ao caminhar/passear pelo Centro Histórico de João Pessoa?

- De que forma a experiência do turista/*flâneur*, ao caminhar/passear pelo Centro Histórico de João Pessoa, revela uma experiência espaço-temporal singular?

Desta forma, o desvelar do Centro Histórico de João Pessoa pelo turista/*flâneur* é, para este projeto, o grande corpus de análise. O conjunto de preocupações apresentadas constituiu-se em forte motivação para a pesquisa.

Conforme o contexto apresentado foram definidos os objetivos da pesquisa, coerentes aos elementos conceituais, visando transparecer a percepção do turista/*flâneur* ao desvelar o Centro Histórico de João Pessoa e buscando entender essa colocação a partir de um formato científico.

Objetivo geral:

- Investigar as possibilidades de desvelamento do Centro Histórico de João Pessoa pela experiência do turista/*flâneur*.

Objetivos específicos:

- Investigar como a experiência do turista/*flâneur*, ao caminhar/passear pelo Centro Histórico de João Pessoa, desvela a paisagem da localidade.

- Revelar, a partir do caminhar/passear do turista/*flâneur* pelo Centro Histórico de João Pessoa, uma experiência espaço-temporal singular.

Nesse sentido, estruturou-se esta dissertação em quatro capítulos, a fim de facilitar a compreensão do tema da pesquisa, além da introdução, das considerações finais e das referências consultadas.

Introduz-se o trabalho apresentando o tema da pesquisa, a justificativa que levou a autora a abordar esse assunto, os objetivos geral e específicos e a própria organização desta investigação.

O primeiro capítulo contempla o caminho metodológico da investigação, traçando os procedimentos metodológicos que forneceram uma base científica a este trabalho.

O segundo capítulo é dedicado à fundamentação teórica apropriada ao tema da dissertação, sendo apresentado o fenômeno turístico, a experiência turística, o tempo do turismo, o caminhar/passear, o turista/*flâneur*, a noção de paisagem e o olhar do turista/*flâneur*.

O terceiro capítulo apresenta e delinea o objeto do estudo, o Centro Histórico de João Pessoa, localizado no estado da Paraíba, Brasil.

O quarto capítulo se refere à pesquisa de campo no Centro Histórico de João Pessoa, apresentando as imagens, os relatos e as percepções dos transeuntes que caminharam/passearam nesse limite da capital paraibana. No decorrer do texto, cada relato é analisado de acordo com o contexto conceitual construído.

Por fim, demonstraram-se quais as conclusões alcançadas ao longo de toda a investigação, finalizando a dissertação com as referências consultadas no desenvolvimento da pesquisa.

## 1 TURISTA/FLÂNEUR: UMA EXPERIÊNCIA FENOMENOLÓGICA

Para se compreender o tema desta pesquisa, as indagações levantadas, e responder aos objetivos propostos, foram adotados alguns procedimentos metodológicos a fim de se delinear o caminho para construir um trabalho científico. Quando o pesquisador escolhe a metodologia a ser utilizada para a construção de um trabalho, ele articula sua investigação em uma pesquisa científica, verificando as teorias, os conceitos e todo o processo teórico/prático do trabalho.

Nesse sentido, serão apresentados os aspectos metodológicos seguidos durante a investigação, classificando-se, inicialmente, como uma pesquisa qualitativa e interpretativa. Assim considerada pelo seu objeto - a ação interpretada.

Considerando que o Turismo faz parte das ciências humanas, aquelas ciências que têm as relações sociais como objeto do conhecimento, esta pesquisa é considerada qualitativa e de nível exploratório porque busca familiarizar-se com a experiência do sujeito, do turista/*flâneur* ao caminhar/passear pela cidade. Explorar essa experiência, compartilhando das ideias de Schluter (2003, p. 72) “[...] consiste em descobrir novas ideias e novas perspectivas.” Ou seja, buscar novas perspectivas para o estudo do turismo, com ênfase no sujeito na essência da sua experiência ao caminhar pela cidade.

Optou-se pelo método fenomenológico para estudar o objeto da pesquisa, pois, aplicado à pesquisa na esfera social, a fenomenologia, de acordo com Triviños (1992) apud Coltro (2000, p. 39):

...é uma exposição do mundo vivido através de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, sem outras explicações causais. Trata-se de descrever e não de explicar nem de analisar.. pois para Husserl... todo o universo da ciência (social) é construído sobre o mundo vivido... buscando ...a fenomenologia colocar as idéias básicas e em seguida tratar de esclarecê-las.

Dessa forma, a fenomenologia ajudará a compreender, por meio da análise e da constatação dos fatos, a experiência do turista/*flâneur* ao caminhar/passear pelo Centro Histórico de João Pessoa.

Buscando conhecer o Turismo de acordo com essa perspectiva, Molina (2000, p. 79) afirma que

a investigación Fenomenológica se refiere a la explicación del fenómeno considerando su esencia y sus hechos manifestados. Para el estudio de la esencia del turismo (del modelo fenomenológico), es necesario auxiliarse de la Eidética, que es la ciencia que estudia las esencias, las posibilidades de todo fenómeno.

Trata-se de um conhecimento científico que, segundo Husserl (apud Bruyne, 1977, p. 75), seria então o método de um positivismo superior, que permite voltar “às próprias coisas”. Isso quer dizer que a fenomenologia nega os empiristas, tornando a consciência dos atos, a sua essência. Portanto, compreender o turismo através da fenomenologia significa observar e perceber esse fenômeno, interpretando a sua dinâmica. Para Capalbo,

cabe a fenomenologia descrever o fenômeno, aquilo que lhe é apresentado, revelado, dado a consciência o qual nos faz pensar e falar nele. A fenomenologia quer liberar o nosso olhar para a análise do vivido das experiências puramente vivenciais que não pode ser definido, apenas descrito. Assim, ela se interessa pela descrição dos atos pelos quais percebemos os objetos, imaginamos, julgamos e amamos.(1996, apud ESTANISLAU, 2010, p. 102)

Para Martins e Bicudo, “a pesquisa fenomenológica parte da compreensão do viver e não de definições ou conceitos, e é uma compreensão voltada para os significados do perceber, ou seja, *“... para expressões claras sobre as percepções que o sujeito tem daquilo que está sendo pesquisado, as quais se expressam pelo próprio sujeito que as percebe.”* (1989, apud COLTRO, 2000, p. 39) Segundo Capalbo (1996)

“a atitude fenomenológica é fazer com que as coisas apareçam como elas se dão, deixando as essências se manifestarem na transparência dos fenômenos. A atitude fenomenológica não pretende transformar ou alterar a originalidade dos fenômenos. Além disso, ela instaura uma atitude dialogal, de acolhimento, de opiniões, idéias e sentimentos procurando sempre se colocar na perspectiva do outro para a compreensão do modo de ver, sentir e pensar do outro.” (1996, apud ESTANISLAU, 2010, p. 102-103).

Estalislau (2010), citando Capalbo (1996), fala que a consciência sempre tem em vista um objeto. O ato do conhecimento (de perceber) foi chamado por Husserl de NOESIS da percepção. E a cada um desses atos de perceber, se verifica

uma maneira de os objetos se darem à percepção ou à imaginação que Husserl chamou de NOEMA (percebido), isto é, o conteúdo relativo ao ato do conhecimento. Assim, Husserl afirma que cada Noesis corresponde a um Noema correlativo. Nesse sentido, cada turista/*flâneur* terá uma percepção particular ao caminhar/passear e olhar a paisagem do Centro Histórico de João Pessoa.

Dando sequência aos processos metodológicos, a interpretação e análise das evidências, propostas no início da pesquisa, também serão trabalhadas a partir da fenomenologia.

Quanto ao modo de investigação, adotaram-se o estudo de caso e a pesquisa de campo. O estudo de caso foi realizado no Centro Histórico de João Pessoa, Paraíba, Brasil, onde foram feitas as análises com base nos problemas e nos objetivos propostos. O estudo de caso me permitiu investigar a experiência do turista/*flâneur* em tempo real, condição essencial para uma investigação desta natureza. Com esse modo de investigação foi possível compreender o tema proposto. Aqui, o tema foi o recorte escolhido para se começar a pensar sobre a importância de se construir uma percepção singular sobre uma localidade, percepção essa que alia o lado objetivo, concreto do espaço, com a subjetividade daquele que o experimenta.

A pesquisa de campo é a técnica que dá os parâmetros de como o pesquisador vai recolher a informação da pesquisa. O pesquisador qualitativo não vai a campo somente para encontrar respostas para suas perguntas; mas, também, para descobrir algumas questões, surpreendentes sob alguns aspectos, mas, geralmente, mais pertinentes e mais adequadas do que aquelas que ele se colocava no início. Para Bruyne (1977, p. 227)

Os estudos de caso rigorosos não devem se limitar a uma descrição, por mais documentada que seja, mas apoiar-se em conceitos e hipóteses; devem ser guiados por um esquema teórico que serve de princípio diretor para a coleta de dados; assim eles evitam “o erro do concreto mal colocado” (Hempel) para melhor assegurar a pertinência e a interpretação dos dados que eles reúnem.

Portanto, para realizar o estudo de caso, foram abordados conceitos e questões essenciais para o desenvolvimento da dissertação, tanto conceitualmente quanto na prática. Como exemplo, algumas categorias que foram tratadas: Turismo,

Experiência, Tempo, Caminhar/Passear, Turista/*flâneur*, Paisagem. A definição desse quadro teórico, orientou a pesquisadora para a delimitação do que seria essencial para a pesquisa.

Nesse sentido, as técnicas de apreensão dos dados foram essenciais para auxiliar durante a investigação. Foi por meio das informações colhidas e da interpretação desses dados, que se chegou às constatações apresentadas. Optou-se, assim, pela pesquisa bibliográfica e pela observação direta (a descrição do olhar pessoal da autora sobre a experiência dos turistas/*flâneurs*).

Para Dencker (1998), uma investigação de caráter bibliográfico é desenvolvida a partir de material já elaborado: livros e artigos científicos. De acordo com Lakatos e Marconi (2008), a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema em estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais (filmes e televisão).

Assim, diversas fontes como livros de fundamentação teórica, artigos publicados em revistas científicas na área dos estudos turísticos; documentos, informações e mapas referentes ao Centro Histórico de João Pessoa; e outros meios de conhecimento, como os debates em sala de aula, foram utilizados para a construção do conhecimento desta pesquisa. A revisão bibliográfica teve um papel importante, ao longo da investigação, porque conduziu a autora, a partir das leituras, a delimitar as análises e interpretações acerca do objeto do estudo.

Por isso, este trabalho trata de, a partir dos conceitos desenvolvidos no decorrer da pesquisa, estabelecidos previamente para responder às indagações e aos objetivos propostos, tentar mostrar a importância de uma percepção singular ao caminhar/passear pela cidade para o estudo e a prática do turismo.

Na pesquisa qualitativa, a observação, para Chapoulie, “[...] implica a atividade de um pesquisador que observa pessoalmente e de maneira prolongada situações e comportamentos pelos quais se interessa [...]” (1984, apud JACCOUD; MAYER, 2008, p. 255). Assim, atentou-se à perspectiva dos turistas/*flâneurs* ao caminhar/passear no Centro Histórico de João Pessoa, observando e analisando repetidas vezes e de maneiras diferentes a experiência de cada um deles, de modo

a obter as respostas dos questionamentos propostos no início da pesquisa e a descrever a cultura do objeto estudado, aspectos que serão tratados ao longo da dissertação.

Dessa forma, a técnica da observação “[...] possibilita a coleta de dados materializados em fatos e contribui para a objetivação ou para a explicação das atividades dos atores sociais e das experiências que eles vivenciam.” (JACCLOUD; MAYER, 2008, p. 260). Ao utilizar a técnica de observação, houve a intenção de explicar o objeto tal qual ele realmente é; e, com essa compreensão e acesso ao objeto, agregar conhecimento na produção do saber turístico. Percebe-se, no quadro a seguir, as características mais importantes da técnica de observação direta sintetizadas por Bruyne (1977, p. 212):

**Tabela 1: Observação direta, sistemática**

<b>Tipos de informações</b>	<b>Escolhas técnicas</b>	<b>Obstáculos (a minimizar)</b>	<b>Vantagens relativas</b>
Caracteres ou propriedades de um número acontecimentos ou de unidades (distribuições, freqüências); Vários caracteres ou propriedades da mesma situação ou do mesmo objeto; Ações constatadas, explicações recebidas, significações referidas; Incidentes ou histórias, fatos recorrentes.	Definição dos objetos a serem observados e das unidades; Amostragem representativa; Contagem; Seleção dos dados; Monografia ou etnografia (pequena amostra, massa de observações); Necessidade de sistematizar as anotações (categorias, escalas).	Manifestações sensíveis (sinais) a serem interpretados; Diversidade de objetivos e de níveis da observação; Quadro de referência “sobre-determinante”; Sujeito observado comportando-se de modo diferente do que sozinho; comportamento diferente do pensamento; condutas ambíguas; Imprecisão, acúmulo inútil dos dados; observação intencional; interpretação <i>expost</i> das notas.	Intervenção mínima do pesquisador

Fonte: Elaboração da autora, adaptado de Bruyne, p. 212-213.

Durante a pesquisa de campo, ao observar o fenômeno, utilizaram-se três espécies - metodológicas, teóricas e descritivas (denominação utilizada por Schatzman e Strauss (1955)), - que auxiliaram nas anotações de apreensão do objeto estudado:

As anotações metodológicas consistem na descrição do desenvolvimento das atividades da pesquisa e no relatório sobre a integração social do pesquisador no meio observado. As anotações teóricas visam à construção de uma interpretação teórica da situação pesquisada. Nas anotações descritivas, registra-se o trabalho de percepção do vivido e relata-se exhaustivamente a situação observada. (LAPERRIÈRE, 1984, apud JACCOUD; MAYER, 2008, p. 274).

Sendo assim, para alcançar os objetivos propostos, alguns pontos foram considerados durante a etapa de observação, ao se analisar os percursos dos turistas/*flâneurs*.

No primeiro momento, acompanhou-se o percurso de alguns turistas/*flâneurs* no Centro Histórico de João Pessoa. Entre habitantes e visitantes, a experiência do percurso se revelou diferente para cada um deles pelo seu modo de olhar a cidade. Os percursos aconteceram de acordo com as particularidades de cada sujeito, onde eles próprios escolheram o dia, a hora e por qual caminho seguir. Foram deixados livres para seguirem seu próprio caminho. Nesse sentido, o primeiro percurso foi realizado com dois habitantes da capital paraibana: um jovem casal, Carolina Araújo e George Martins, no dia 08 de agosto de 2012, em uma tarde de quarta-feira. O segundo percurso aconteceu no dia 15 de outubro de 2012, numa manhã de domingo, com o visitante de São Paulo, Reginaldo G. Martins. E o terceiro percurso, com um grupo formado por visitantes e habitantes, entre eles George, Clareanna, Lívia, Cláudia, Marcos e Janair, em um sábado à tarde, no dia 29 de dezembro de 2012.

Desse modo, todas as análises foram realizadas no segundo semestre de 2012, com um intervalo de dois meses para cada percurso. Variando dia da semana e finais de semana, período da manhã ou da tarde, todos os transeuntes fizeram o percurso a pé e de acordo com os seus interesses.

No segundo momento, aproximando-me da experiência dos transeuntes, os percursos foram analisados com base nas categorias e no referencial teórico desenvolvido no decorrer da pesquisa.

Assim, no terceiro momento, a intenção foi investigar como esse tipo de experiência revela a paisagem da localidade. Durante a pesquisa de campo, atentou-se para os passos e o olhar dos transeuntes, a maneira como se movimentavam pela cidade, o que se revelava no momento em que eles caminhavam/passeavam pelo Centro Histórico de João Pessoa.



No quarto momento, a análise foi realizada de acordo com os relatos descritos pelos transeuntes, unindo a observação da pesquisadora e a percepção registrada por eles. O objetivo foi vivenciar *in situ* a experiência de turismo aqui proposta. Como um *flâneur* a autora deixou-se levar pelo percurso, não impondo qualquer regra para a sua observação. O intuito foi vivenciar o espaço como ele se apresentava, tentando aliar o andar e o olhar, a percepção e a disposição para encontrar, em meio ao movimento, os pontos de vista a serem observados. A experiência do tempo, aqui, foi fundamental: o tempo do deslocamento, o tempo da parada para descanso, o tempo do olhar e da fruição do espaço e o tempo da natureza, que aqui se revelou pelo pôr-do-sol, pela chuva, pelo sol. Durante todo o percurso, atentou-se para o que animava os espaços: os cheiros, as conversas, os ruídos, a movimentação dos transeuntes.

Por último, serão apresentadas as concepções obtidas durante a investigação, a interpretação e análise da experiência dos turistas/*flâneurs*, incluindo as imagens captadas por eles durante o percurso no Centro Histórico de João Pessoa. As fotografias foram utilizadas para mostrar o recorte que cada turista/*flâneur* fez da paisagem, e também para tentar situar e auxiliar o leitor no decorrer de cada percurso. Em nota, o leitor encontrará uma sucinta caracterização de cada monumento percebido pelos transeuntes.

Ao longo da análise, entre texto e imagens, será apresentado o desvelar do turista/*flâneur* no Centro Histórico de João Pessoa.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 A ESSÊNCIA DO FENÔMENO TURÍSTICO: A EXPERIÊNCIA <sup>4</sup>

Na década de 1980, Oscar de La Torre (1994, apud MOESCH, 2004, p. 28) apresentou uma concepção do turismo diferente daquelas apresentadas pelos que o consideram uma indústria, como se essa atividade tivesse apenas um teor mercadológico e econômico. Para ele, o turismo é um fenômeno social pelo qual os indivíduos se deslocam buscando recreação, descanso, cultura ou saúde.

Continuando com um debate mais atual acerca do discurso científico do Turismo, Marutschka Moesch coloca que

a dimensão libertadora, humanizadora, prazerosa do Turismo pouco foi estudada pela academia. O olhar míope sobre a fecundidade desse fenômeno social alicerça-se nas raízes da construção do pensamento moderno, o empirismo. (MOESCH, 2004, p. 12).

Para ela, o fenômeno turístico é um movimento humano que requer estudos mais aprofundados sobre o tema.

[...] o fenômeno turístico é a composição de uma prática social com base cultural, com herança histórica, meio-ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural parte de um fenômeno recheado de objetividade/subjetividade, que venha a ser consumido por milhões de pessoas, enquanto síntese – o produto turístico, que está sendo tratado como um fenômeno totalizante, e não dialeticamente – uno/diverso, mas como produto final possível de total controle, suficiente em si mesmo. (MOESCH, 2004, p. 15).

A partir da citação de Moesch, percebe-se que o turismo é tratado como fenômeno. Aspectos culturais - como herança histórica - e subjetivos são alguns dos pontos que a autora destaca.

---

<sup>4</sup> A experiência do sujeito do turismo, aqui desvelada, será mencionada ao longo desta dissertação.

Antes, porém, de aprofundar a conceituação do turismo a partir dessa perspectiva, é importante esclarecer, para uma melhor compreensão dessa definição, qual o significado do termo “fenômeno”.

Para Molina (1991) é fenômeno tudo o que é objeto do conhecimento humano. Continuando, ele afirma que fenômeno *é o que se manifesta e a essência do que se manifesta*.

No Dicionário de Filosofia, Abbagnano (2007) menciona três definições para o termo:

1. aparência sensível que se contrapõe à realidade, podendo ser considerado manifestação desta, ou que se contrapõe ao fato, do qual pode ser considerado idêntico;

2. objeto específico do conhecimento humano que aparece em condições particulares, características da estrutura cognitiva do homem. É correlativa com a coisa em si, a ela remetendo por oposição contrária;

3. aquilo que aparece e se manifesta em si mesmo, como é em si, na sua essência.

Há, ainda, nesse Dicionário, outros entendimentos filosóficos acerca do que seja “fenômeno”. Dentre essa diversidade de concepções, escolheram-se as compreensões de Hobbes, Kant e Husserl mencionados em Abbagnano (2007, p. 510-511). Segundo Hobbes, trata-se de qualquer objeto possível do conhecimento humano. Para Kant, fenômeno é, em geral, o objeto do conhecimento humano quando condicionado pelas formas da intuição (tempo e espaço) e pelas categorias do intelecto. Para ele:

é o que não pertence ao objeto em si mesmo, mas se encontra sempre na relação entre ele e o sujeito, sendo inseparável da representação que este tem dele. Por isso mesmo, os predicados do espaço e do tempo são atribuídos aos objetos dos sentidos como tais, e nisso não há ilusão. Ao contrário, se atribuo à rosa em si a cor vermelha, a Saturno os anéis ou a todos os objetos externos em si a extensão, sem levar em conta a relação desses objetos com o sujeito e sem limitar meu juízo a essa relação, então nasce a ilusão.” (KANT, apud ABBAGNANO, 2007, p. 510).

De acordo com Husserl, fenômeno não é uma manifestação natural ou espontânea da coisa: exige outras condições que são impostas pela investigação filosófica como a fenomenologia.

Observando as definições acima, chega-se à compreensão do termo fenômeno a partir da colocação de diversos autores; entretanto, apesar de tantos significados, percebe-se que há concordância entre eles. Assim, entendendo resumidamente o significado desse termo, considera-se, neste trabalho, que fenômeno seja o objeto do conhecimento humano e a revelação do objeto em si. Isto é, aquilo que se apresenta à consciência do sujeito que a convoca, fazendo com que o mundo seja vivenciado, percebido, configurado por uma “consciência imaginante” (BACHELARD, 1996). Uma consciência doadora de sentido, encarnada em um corpo que pertence a uma história e a uma cultura; que, percebendo, sente; que, conhecendo, experimenta e que sentindo, conhece.

Desse modo, chega-se ao ponto que aqui nos interessa: o turismo como fenômeno. Pensar o turismo como fenômeno é compreendê-lo como uma instância que inclui o sujeito e o mundo, o sujeito e o(s) outro(s), que revela possibilidades de encontro, percepção e familiaridade com o que nos é estranho. Seria essa a razão pela qual o turismo é considerado objeto de estudos na seara do conhecimento humano?

Diante das colocações sobre o que seria o “fenômeno”, tratar-se-á, agora, da relação entre turismo e fenômeno, definindo o fenômeno turístico a partir da concepção que sintetiza o significado do turismo para o presente estudo.

Para Panosso Netto (2005), “falar do fenômeno turístico significa dizer que uma ação está acontecendo, que pode ser apreendida pela consciência e que tem uma essência em si.” O autor afirma:

[...] sabemos que experiência é vivência e também história. Essa experiência é fenômeno, então é correto dizer que o turismo é um fenômeno. A pergunta que se faz é: Que tipo de fenômeno é o turismo? [...] Então podemos dizer que o turismo é um fenômeno de experiências vividas de maneiras e desejos diferentes por parte dos seres envolvidos, tanto pelos ditos turistas quanto pelos empreendedores do setor. (PANOSSO NETTO, 2005, p. 30).

Portanto, de um lado são as experiências e vivências dos turistas que definem o turismo como fenômeno. Isto é, turismo é fenômeno porque se compõe pelos sentidos daqueles que o envolvem, pela experiência do turista, pela essência do sujeito. “O turismo, por sua vez, é experiência. É experiência no momento em que constrói esse ‘ser’ turista.” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 29).

Assim, posso especular que o turismo se faz pela vivência do turista, em um movimento constante que configura e reconfigura a experiência nos lugares visitados. Se o turismo acolhe a experiência do turista, ele acolhe também a sua subjetividade, o seu mundo. Se o turismo é fenômeno é porque ele também é fusão de horizontes.

Diante da profusão de “termos” para melhor entender algumas conceituações, a definição de Panosso Netto ao tratar o turismo como fenômeno, nos leva a refletir não a respeito de mais um significado, mas de um diferencial na prática do turismo: a experiência turística.

Entre a diversidade de experiências vividas através do turismo, uma das mais recorrentes é aquela em que o turista compra um pacote na agência de viagem e segue um roteiro exatamente como o previsto – passo a passo. Na maioria das vezes, a forma de viajar dos turistas assemelha-se à confecção de uma receita culinária. Primeiro, a pessoa escolhe para onde quer ir e, depois, conhece todos os atrativos com um tempo determinado: 10 minutos para olhar a igreja, 15 para ver o museu, 20 para almoçar e 30 para fazer compras. Essa é uma realidade bastante comum no universo turístico, principalmente para o turismo de massa, que recorre a uma experiência turística como essa mencionada.

O turismo, segundo esses moldes, reduz a experiência turística a um conhecimento apenas superficial do lugar. Considerando-se a experiência do turista como elemento norteador do fenômeno turístico, destaca-se aqui, outra maneira de conhecer a cidade, semelhante ao movimento internacional – *slow travel* – que chama a atenção para outra forma de se fazer turismo: vivenciar mais e melhor cada destino.

Há duas formas de *slow travel*: uma consiste em ficar uma semana ou mais em um único lugar, ou seja, experienciar mais, viver mais, conhecer mais esse lugar; a outra consiste em conhecer o que está mais próximo no destino onde se está e em fugir das indicações dos guias de viagem a respeito do “imperdível” ou do “o que ver”. Em outras palavras, uma forma de viagem inteligente. (PANOSSO NETTO, 2010, p. 48).

Portanto, enfatiza-se esse movimento pelo fato de ele fazer alusão à experiência segundo a qual o turista vivencia e conhece mais cada destino,

diferenciando-se de uma concepção em que ele é apenas consumidor de cartões-postais, incapaz de enxergar além das indicações dos guias de turismo.

Partindo-se da ideia de que o turista pode conhecer mais e melhor cada destino, ressaltaremos a experiência turística que se constitui pelo caminhar/passear pela cidade, considerando a possibilidade de se viajar e desvelar várias cidades a pé. Com uma pequena orientação acerca de cada uma dessas cidades, a exemplo de mapas e sinalizações turísticas, é possível conhecê-las por meio da singela prática da caminhada, utilizando meios de transporte como carros, ônibus turísticos e metrô apenas para percorrer longas distâncias. Considero que o ato de caminhar/passear revela as camadas de uma cidade: o seu movimento, a sua arquitetura, a vida dos seus habitantes... Conhecer uma cidade com os próprios pés é perceber as suas nuances, é constatar os seus detalhes, é perceber que a cidade visitada tem a dimensão de nossos passos. Na experiência da caminhada não há passos perdidos, pois sempre se pode ser surpreendido pelo que se vê/ se vive. Caminhar é desejar se aproximar da cidade, conhecer suas entrelinhas, traçar seu próprio percurso, desenhar o seu destino.

A partir das experiências vividas, podemos lembrar o que Trigo (2010) chama de experiências especiais: “[...] *elas são intensas e remetem ao ineditismo, às condições específicas e à própria subjetividade [...].*” Entende-se que a experiência turística envolve o sentimento particular, a emoção auferida por descobrir o que antes não se conhecia, o prazer pelo viajar, enfim. Uma viagem que intensifica, dá densidade ao sentimento de ser e estar no mundo. Quando andamos pela cidade, não apenas passamos por ela, mas estamos imersos, conscientes de nossos passos, disponíveis para olhar. Andando e olhando.

Assim, concorda-se e arremata-se a compreensão da essência do fenômeno turístico, abordada neste trabalho, com o pensamento de Trigo (2010, p.30), segundo o qual

Para ser uma experiência, a viagem precisa superar a banalidade, os aspectos triviais, estereotipados e convencionais e estruturar-se como uma experiência que nasça da riqueza pessoal do viajante em busca de momentos e lugares que enriqueçam sua história [...].

## 2.2 TEMPO E TURISMO: DO TEMPO CRONOMETRADO AO TEMPO DA FRUIÇÃO

O que é o tempo? Como as culturas anteriores conseguiam medir o tempo com objetividade se a invenção do relógio mecânico é um acontecimento tardio na história da humanidade? Será o tempo apenas uma repetição cíclica e periódica que constitui nossa maneira de viver? Como ele se manifesta no turismo? O tempo é igual para todas as pessoas?

Esse tema engloba diferentes percepções, abrangendo aspectos objetivos, subjetivos e filosóficos. O propósito aqui não é esmiuçar todos esses aspectos, mas focar em uma relação mais humana do tempo do turismo, nas particularidades do tempo de cada ser humano ao desvelar a cidade a pé, considerando o tempo dedicado ao turismo por ser uma importante atividade de acesso à cultura e ao conhecimento. Apreende-se aqui apenas o tempo subjetivo, o tempo da consciência, o tempo próprio de cada pessoa.

Portanto, para chegar ao ponto principal deste entendimento, comentar-se-á, brevemente, a respeito de algumas percepções sobre essa questão. Começando pela concepção relatada no “Dicionário de Filosofia” (ABBAGNANO, 2007), identificam-se três noções fundamentais que se distinguem: o Tempo como ordem mensurável do movimento; o Tempo como movimento intuído; o Tempo como estrutura de possibilidades.

Na primeira concepção, relacionada à Antiguidade, percebe-se que o tempo é mensurável, que o mundo e a vida do homem são cíclicos; já na época moderna, a concepção vincula-se ao conceito científico do tempo. Essa periodicidade pode ser identificada na natureza, pela repetição dos ciclos e ritmos temporais.

Na segunda compreensão, o Tempo é identificado ao conceito de consciência, à intuição do movimento ou “devir intuído”.

E a última concepção, decorrida da filosofia existencialista<sup>5</sup>, transforma o Tempo em estrutura da possibilidade. Essa concepção, ilustrada por Heidegger,

---

<sup>5</sup> Existencialismo. Costuma-se indicar por esse termo, desde 1930 aproximadamente, um conjunto de filosofias ou de correntes filosóficas cuja marca comum não são os pressupostos e as conclusões

apresenta algumas novidades na análise do conceito de tempo. Ele propõe quatro elementos inovadores no seu estudo:

1º Mudança do horizonte modal, passando-se, na interpretação do Tempo, da necessidade à possibilidade: o Tempo já não é integrado numa estrutura necessária, como a ordem causal, mas na estrutura da possibilidade.

2º O primado do futuro na interpretação do Tempo não constitui apenas uma alternativa diferente do primado do presente e a ele oposta, na qual se baseiam as outras duas interpretações principais, mas também oferece a possibilidade de não nivelar com o presente as outras determinações do Tempo e de entendê-las em sua natureza específica: o futuro como futuro (e não como “presente do futuro”) e o passado do passado.

3º A relação entre passado e futuro, que Heidegger enrijeceu num círculo, pode ser facilmente dissolvida com a introdução da noção de possível.

4º A introdução de novos conceitos interpretativos, expressos por termos como projeto ou projeção, antecipação, expectativa etc., mostraram-se úteis nas análises filosóficas e passaram a fazer parte do uso filosófico corrente.

Em outra análise, encontra-se a relação do tempo com o sujeito na percepção de Comte-Sponville (2006), filósofo que reflete sobre o tempo da consciência. Ele escreve seis teses para melhor desenvolver esse tema. Para ele, o tempo engloba o presente, a eternidade, o ser, a matéria, a necessidade e o ato. Da primeira tese, o ponto principal, derivam todas as outras. O autor conclui todas elas para mostrar que *o tempo é o devir. “O ser é tempo: o tempo é presença do ser.”* (COMTE-SPONVILLE, p. 139).

Rey Puente (2010), em seu livro, “O Tempo” aponta a gama de autores que tratam desse tema. Comentando uma passagem de Platão sobre a mensuração do tempo e o relógio de sol ele escreve:

[...] as horas eram determinadas pela mensuração do deslocamento da sombra que a luz solar provocava ao incidir sobre uma haste ou um triângulo, fixado em uma superfície elíptica ou semicircular marcada por um conjunto de linhas ao longo do dia. Vemos, portanto, que desde o início do pensamento filosófico e científico postulava-se uma íntima relação entre o

---

(que são diferentes), mas o instrumento de que se valem: a análise da existência. (ABBAGNANO, p. 468).



movimento (o deslocamento da sombra), a numeração (os números com os quais se numerava a sombra produzida pela haste ao longo do dia) e o tempo (a quantidade determinada desse deslocamento). (REY PUENTE, 2010, p. 23).

Já para Santo Agostinho, o tempo é “uma distensão do próprio espírito”:

[...] Ele mostra que, como o passado não existe mais, o futuro ainda não chegou a ser e o presente não tem nenhuma extensão que se possa apreender; o que se pode efetivamente medir quando mensuramos o tempo não é, por conseguinte, o próprio tempo, mas tão somente o nosso próprio espírito. Ou seja: o que se mede é aquilo que presentemente apreendemos de algo [...]. (REY PUENTE, 2010, p. 31).

Dessa forma, transportando a explicação filosófica de Platão e Santo Agostinho para o turismo, compreende-se o tempo como a apreensão da cultura, do patrimônio e da paisagem enquanto se desvela a cidade. O tempo do ser humano manifestado no presente pela duração da expectativa e da memória. “*Se a cidade é o local do ego e do registro cronológico, ela passa a ser o espaço da História – que nada mais é do que o registro da passagem do tempo – e da cultura.*” (GASTAL, p. 37). Se o turista está no presente, visitando João Pessoa e conhecendo o Centro Histórico repleto de histórias e de monumentos que demonstram o passado da cidade, isso quer dizer que o passado está no presente. Podemos dizer que a cidade revela o tempo e se revela no tempo. Camada sobre camada, camada após camada, instante após instante.

Com uma perspectiva mais social do turismo, Haulot (1991) compreende o tempo do turismo, em termos de enriquecimento interior, em quatro dimensões: liberação, repetição, preparação e assimilação. Ele acredita que tais aspectos fazem do tempo do turismo um período privilegiado, particularmente propício para a vida cultural de quem o possui e sabe utilizá-lo.

Adquire-se a primeira dimensão – liberação – desde o momento de partir. Interiormente, o tempo das férias toma uma dimensão claramente superior à do tempo normal, já que se está livre de uma grande parte das obrigações cotidianas. As refeições se revestem de um caráter de festa compartilhada, de comunhão. O sono, muitas vezes, é espiritualmente mais fecundo e os sonhos se transformam no substrato da vida lúdica, em vez da vida cotidiana. O período de férias é, assim, “dilatado” interiormente pela liberação que o caracteriza.

A segunda dimensão – a repetição – está relacionada à temporada de férias que se renova anualmente. Considerada na função de época dedicada a adquirir, descobrir, parece que cada um desses períodos anuais se converte em um elemento construtivo de uma aproximação global. Um turista curioso poderia empreender, no transcurso de sucessivos períodos de férias, a exploração de um país ou de uma região, o estudo de uma cidade ou de um estilo, o conhecimento de um povo ou de uma arte, de um continente ou de uma época. Após alguns anos, depois de alguns períodos de férias, chegará a um enriquecimento cultural autêntico na medida em que se baseia na experiência vivida e não na instrução recebida.

A preparação, a terceira dimensão, é o tempo dedicado a recolher informação, a preparar uma viagem, à escolha do itinerário, a reunir documentação, a ler guias, livros, artigos ou reportagens consagradas ao objeto escolhido como meta das férias.

Reflexão e assimilação, a quarta e última dimensão, é o tempo que o sujeito dedica a reviver tudo aquilo que ele colheu durante o período das férias.

Notas, fotografías, dibujos, películas, grabaciones, libros o documentos que se compraron o se recibieron en el sitio mismo, constituyen una fuente nueva y suplementaria de enriquecimiento, tanto más significativa por cuanto se trata de fijar en la memoria consciente todo lo cosechado, percibido, recibido a granel. Es sin duda la operación más importante, puesto que permite colocar en su lugar relativo tanto a los conocimientos adquiridos como a los hechos vividos, a los recuerdos y a las impresiones, a los asombros y a los incidentes del recorrido. (HAULOT, 1991, p. 27).

A última dimensão proposta por Haulot nos faz relacionar as fotografias com as paisagens dos lugares visitados. O tempo que o turista gastou para captar tais imagens associa-se a uma fonte de enriquecimento, significativa para fixar na memória todo o conhecimento adquirido e a experiência da viagem.

Assim, ao pensar a experiência turística e a sua relação com o tempo, percebe-se que ele não é apenas aquele que está arraigado no senso comum: as horas, os dias, manhã, tarde e noite.

O tempo se constitui então de intensidades variadas que aliam a intuição do instante e a duração de uma percepção. O tempo da experiência está para além de sua mera mensuração. Se ele é uma distensão do próprio espírito, como aponta Santo Agostinho, pode-se pensar que, quando se deambula pela cidade, vivencia-se

uma forma de distensão temporal, isto é, de adensamento do tempo, de suspensão do tempo da rotina e da repetição que nos leva a estabelecer outra relação espaço-temporal; nos encontramos “*em meio ao qual estamos absolutamente*” (MERLEAU-PONTY, 2011).

Compartilhando da ideia de Haulot (1991) sobre o tempo do turismo, em comparação com o tempo de trabalho e de obrigações, de restrições pessoais e sociais, o homem dispõe apenas de um período anual de férias, que parece bastante escasso em relação à soma de informações culturais e de realização pessoal que poderia adquirir dentro de tais limites.

Assim, aproveita-se a cidade quando se tem tempo para caminhar/passear. Mas, antes de tudo, é preciso ter liberdade para escolher o lugar que se quer desvelar. Ter tempo, então, significa ter liberdade de espírito, deixar-se envolver pela cidade livre de qualquer preocupação. Preocupações que não são apenas aquelas acarretadas pela rotina, como os fardos do trabalho, por exemplo. Outros fatores também podem proporcionar surpresas, como o tempo da natureza. Na cidade, as incertezas do tempo, como o sol escaldante ou as ameaças de chuva, podem interferir diretamente na experiência do transeunte. Dessa forma, para que o tempo tenha um papel fundamental quando se desvela a cidade é necessário que se esteja receptivo às surpresas que a natureza possa oferecer. Ter tempo ao caminhar/passear é aceitar e se envolver pelas impressões da natureza, faça chuva, ou faça sol, no inverno, ou no verão. “*Eu diria antes: o espaço é a condição de todos os corpos; o tempo, de todos os acontecimentos.*” (COMTE-SPONVILLE, p. 23).

O tempo, por um instante, se revela atemporal. Para aproveitar a cidade é preciso contemplá-la, admirar a sua paisagem. O que significa intensificar a nossa experiência temporal, pois, no tempo da contemplação habita a eternidade. O ponto de vista do turista/*flâneur* contrasta com o ponto de vista do turista que participa de “*excursões guiadas, feitas em ônibus*”, como afirma Urry. “*Diz-se ao turista aonde ele deve ir, por quanto tempo, quando deve comer, durante quanto tempo poderá permanecer no banheiro, etc.*” (URRY, p. 140). Por outro lado, enquanto a cidade acontece, o turista/*flâneur* caminha, observa e para. Olha o que está ao seu redor. Tem o seu próprio tempo de acordo com as suas necessidades. Suas percepções estão diretamente ligadas ao seu tempo particular: a hora em que tem sede, a hora

em que está cansado, a hora em que é preciso continuar parado, contemplando a paisagem. *“Portanto, o tempo não é um processo real, uma sucessão efetiva que eu me limitaria a registrar. Ele nasce de minha relação com as coisas.”* (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 551).

No tempo do turista/*flâneur* não existe a velocidade. A pressa não é computada no seu relógio. O tempo é cronometrado diferentemente de um relógio mecânico. Se, no relógio convencional, acredita-se que se ganha tempo ao conhecer mais lugares em menos tempo, para o turista/*flâneur* a lógica é oposta. Quanto mais rápido caminha-se pela cidade, menos se conhece. A pressa é inimiga do olhar. Não se vê quando se tem pouco tempo. Para ele, o tempo passa mais devagar ou mais depressa, dependendo do seu interesse, do seu humor e da liberdade do espírito que embala sua alma. O tempo do passeio está relacionado com a forma como se passeia.

### 2.3 O CAMINHAR/PASSEAR

Depois de mencionar-se o tempo como um conceito essencial para esta pesquisa, abordar-se-á a noção de caminhar/passear pela cidade.

Caminhar é estar ao ar livre, é estar do lado de fora. É escolher qual o caminho a seguir, para que direção irá se dirigir. Movimenta-se o corpo de acordo com seu próprio ritmo, atravessa-se a cidade de acordo com o seu compasso, ajustam-se os passos de acordo com o tempo. Olha-se para cima/baixo, para a direita/esquerda, para o traçado da rua que se percorre. Caminhar é se apropriar do espaço exterior pelo movimento. O sujeito ocupa a cidade caminhando pelas ruas, pelo movimento do corpo.

Imagine-se, agora, o sujeito caminhando pela cidade e encontrando os monumentos de forma que tenha acesso ao seu interior; *“então o caminhante sentirá que esse espaço delimitado tem uma vida própria, que a sua existência é independente das construções que o originam e envolvem e pensará: Estou aqui ou Estou a entrar aqui.”* (CULLEN, p. 9).

Assim, a grande separação entre o “de fora” e o “de dentro” sofre um abalo com a caminhada. Não deveríamos dizer que atravessamos as montanhas, as planícies, e que paramos nas pousadas. É praticamente o contrário: durante vários dias, moro numa paisagem, vou tomando posse dela devagar, torno-a meu espaço. (GROS, p. 39).

Caminhar é habitar a paisagem enquanto se caminha.

Caminhar/passear é uma atividade que supera a ação física do corpo, o simples deslocamento. Compreende-se aqui que o sujeito não se desloca para lá e para cá como uma máquina em movimento. Para que a caminhada tome ares de passeio, é preciso ter, primeiro, liberdade de espírito. Ou seja, desligar-se, por um tempo, das preocupações do trabalho e dos compromissos da rotina enfadonha. *“Opta-se por não carregar o escritório consigo: passeia-se, vagueia-se, pensa-se em outra coisa.”* (GROS, p. 11).

Quando se considera a pessoa, a primeira condição necessária ao passeio é a ingenuidade do coração. É impossível flunar com um coração pesado de preocupações ou com a alma triste, e é preciso ser capaz de se desfazer das preocupações e males para se deixar penetrar pela impressão revigorante e benfazeja de um passeio. (SCHELLE, p. 31).

O espírito, durante o caminhar/passear, deve estar aliado ao corpo em movimento, receptivo e aberto às impressões que o rodeiam. Caminhar/passear engloba o local e a maneira como se passeia.

O passeio a pé é a forma mais natural de flunar, porque depende inteiramente de nós e nos deixa totalmente entregues a nós próprios. Passeando a pé, encontramos-nos inteiramente livres para observar as coisas como bem nos aprouver, com total tranquilidade de alma; podemos conciliar o movimento do corpo com as exigências do espírito e, quando quisermos que a observação aumente em um instante para uma visão de conjunto, basta um ligeiro deslocamento do corpo para abarcar todo o horizonte. Sem perturbar um mínimo sequer a atenção dirigida a um objeto preciso, podemos parar ou continuar a caminhar segundo as exigências de nosso espírito. (SCHELLE, 2001, p. 69).

Ao caminhar/passear, o movimento do corpo é livre, segue-se o percurso de acordo com a liberdade de espírito e a vontade do corpo, diferente dos passeios realizados de carro que deixam o corpo menos ou mais passivo. O sujeito, no passeio a pé, desfruta de momentos de distração e de repouso. Passear a pé ou de carro faz com que o espírito reaja diferentemente, pois ao passear de carro o sujeito não se dirige livremente a todos os horizontes. Muitos pormenores escapam ao olhar

de quem passeia de carro, enquanto passear a pé permite dirigir-se a qualquer horizonte harmonizando o corpo e o espírito. A cidade também se apresenta de maneira diferente para quem a atravessa a pé ou de carro. No passeio a pé, o transeunte escolhe seu próprio percurso, livre do trânsito que sufoca a cidade.

Acredita-se que o passeio a pé deve ser feito a sós, pois, sozinho, tem-se liberdade para seguir este ou aquele caminho, para parar e prosseguir de acordo com seu próprio ritmo. E para desenvolver pensamentos próprios é preciso se encontrar “*em solilóquio consigo mesmo*”. (SCHELLE, p. 43). Caminhar/passear é contemplar a paisagem, é flunar pela cidade absorvendo as impressões que surgem no percurso. Sozinho, o sujeito encontra-se livre para sentir os fenômenos da natureza e apreciar a paisagem. “*Deve-se realmente caminhar sozinho? Não faltam exemplos nesse sentido: Nietzsche, Thoreau, Rousseau...*” (GROS, p.59).

Rousseau, com descrições humanistas, filosóficas e poéticas, deixa seu relato de longas caminhadas por Paris e arredores. Em uma passagem do livro *Os devaneios do caminhante solitário*, ele relata esta experiência: “*Eu me divertia percorrendo-as com o prazer e o interesse que sempre me proporcionaram os cenários agradáveis, parando algumas vezes para fixar os olhos em plantas na vegetação.*” (ROUSSEAU, p. 17-18).

Sozinho, encontra-se o próprio ritmo ao caminhar pela cidade, a cada passo, mantendo o compasso estabelecido pelo corpo e pela alma. Quando acompanhado, caminha-se com os passos do outro, sai-se do ritmo, acelera-se ou diminui-se, o corpo não tem vida própria. Mas, seguir seu próprio caminho não é andar de maneira absolutamente uniforme. “*Sendo-se só uns três ou quatro, a caminhada dá margem a esses momentos de solidão compartilhada.*” (GROS, p. 60).

Por outro lado, quando se caminha acompanhado de muitas pessoas, fica difícil vivenciar esses momentos de solidão. Esperam-se uns aos outros, uns caminham a passos mais largos e outros mais devagar, uma parte do grupo se encontra mais a frente e outra mais atrás, os pontos de vista divergem, cada um tem seu próprio tempo, o corpo reage diferentemente. “*Aí se chega às comparações. É preciso estar sozinho para caminhar. Acima de cinco, fica impossível compartilhar a solidão.*” (GROS, p. 60).

No entanto, nunca se está absolutamente só. O passeante, ao caminhar/passear pela cidade, está na companhia da paisagem e dos elementos que compõe o seu cenário. Ele experimenta e vivencia a cidade acompanhado do sol, da chuva, do calor escaldante, do frio, das árvores que o protegem dos raios do sol com suas copas, dos pássaros à espreita, dos monumentos, da energia do corpo em movimento, do sopro do vento, dos caminhos, do ritmo da cidade, das pessoas que transitam ao seu redor... “*Quem poderia sentir-se só quando tomou posse do mundo? Ver, dominar, olhar, é possuir.*” (GROS, p. 61). Sozinho, o corpo dialoga com a alma. Cansado, o corpo precisa da força da mente para incentivá-lo a continuar o percurso, para subir as ladeiras íngremes que encontra ao caminhar pela cidade.

Caminhar/passear é encontrar a harmonia dos passos, é desvincular-se da rapidez. É caminhar e parar por algum instante para contemplar a paisagem, vagorosamente. Sem pressa, caminha-se e aprecia-se o que está ao seu redor. Parte-se a pé. Quando se caminha, o corpo em movimento vai ao encontro da paisagem. “*Sabe-se sempre porque se está caminhando. Para avançar, partir, atingir, tornar a partir.*” (GROS, p. 57).

Além de se estar sozinho ou acompanhado, há aquela solidão abarcada pelo silêncio. Quando se caminha sozinho, caminha-se em silêncio. No sossego do percurso olha-se melhor a paisagem. Desfruta-se dela de uma maneira própria.

No silêncio da caminhada, quando a gente acaba perdendo o uso das palavras – por não fazer nada, diante dos guias de caminhada que recodificam, detalham, informam, pontuam o percurso com denominações e esclarecimentos (o relevo, a forma das pedras e declives, o nome das plantas e suas virtudes), indicando que há um nome para tudo que se vê, uma gramática para tudo que se sente -, nesse silêncio, escuta-se então melhor, porque se escuta finalmente o que não se presta de maneira alguma a ser reformulado, recodificado, reformatado. (GROS, p. 68).

Sobre o andar a pé, Gros afirma que “[...] só há um desempenho que de fato conta: a intensidade do céu, o viço das paisagens [...]” (2010, p.10). Portanto, ao caminhar/passear pela cidade, a pessoa está livre para olhar o que lhe chama mais a atenção, de acordo com as suas próprias concepções. Essa observação pode se dirigir para um monumento histórico, para a paisagem, para uma pessoa que está

passando na rua... O olhar se diferenciara de indivíduo para indivíduo; trata-se de uma percepção absolutamente singular.

### 2.3.1 O turista/flâneur

Com essa proposição, entende-se que o turista se assemelha a um personagem que se diferencia pelo modo de descobrir a cidade: a figura do *flâneur*.

O *flâneur*, personagem da Paris do século XIX, é uma figura curiosa, do sexo masculino, anônimo, que vagabundava pelas ruas, que se deslocava a pé sem ser notado.

Com o processo de industrialização, nos séculos XVIII e XIX, as cidades europeias sofreram com a urbanização, com a formação das multidões e dos conglomerados urbanos. A capital francesa passou por um período de reconstrução do espaço urbano, que levou a uma rápida segregação residencial. Um novo tipo de vida, de tempo e de espaço foi configurado. Essa mudança implicou novas maneiras de ver e ser visto, tornando Paris a capital das incertezas, das exterioridades e dos poucos limites. *“Perambular, “flanar”, pressupõe três elementos, ou a superposição de três condições: a cidade, a multidão, o capitalismo.”* (GROS, p. 177).

Nesse contexto, surge uma figura que parecia alheia a toda essa transformação, que contrastava com o burguês que dedicava boa parte do seu tempo aos negócios. O *flâneur* perambula pelas ruas, sozinho, sem pressa, caminha tranquilamente e observa o que está ao seu redor. Não está preocupado com o tempo, sente prazer pelo simples fato de caminhar livremente. Ele resiste à velocidade do sistema seguindo seu próprio ritmo, parando e continuando de acordo com a vontade do seu espírito, observando os detalhes que lhe chamam a atenção.

O *flâneur* caminha, caminha em meio à multidão, pelas concentrações urbanas por onde, segundo Gros (2010, p. 177), “[...] se pode caminhar horas a fio sem avistar o menor pedaço de campina. [...] Tudo pode mudar de um distrito ao outro: a dimensão das casas, a arquitetura geral, o ambiente, o ar que se respira, o modo de vida, a luz, as categorias sociais. O *flâneur* subentende o momento em que a cidade tomou proporções tais que vira paisagem [...]”. (GROS, p. 178).



Urry (2001) faz um contraponto da figura do *flâneur* com a do turista, afirmando ser aquele o precursor do turista do século XIX. Nesse contexto, turismo, turista e fotografia são atividades que estão atreladas. O *flâneur* da classe média foi quem deu início ao ato de fotografar do turista do século XX. O *flâneur* e o turista se assemelham ao caminhar solitários, ao se aproximar da paisagem e registrá-la por meio da fotografia. Caminham e espiam ao mesmo tempo.

O *flâneur*, segundo Dias (2010, p. 130), “é aquele que passeia pelos lugares com desenvoltura e atenção, sempre disponível às diferentes percepções, desejoso de novas perspectivas [...]”. Ele observa o mundo que o cerca, as ruas e os detalhes despercebidos por aqueles que já estão acostumados com a rotina.

Nesse sentido, o *flâneur* e o turista são sujeitos que se assemelham: desvelam a cidade enquanto caminham. Como aponta Gros (2010, p. 179), “o *flâneur* desvirtua a solidão, a velocidade, o atarefamento e o consumo”. Da mesma forma, o turista que escolhe caminhar pela cidade sem o acompanhamento de um guia, por exemplo, sem ter um tempo cronometrado para conhecer tudo o que está a sua volta, está disposto a desvelá-la distante da “demonstração de consumo”, ou seja, longe da obrigação de escutar e ver o que, na maioria das vezes, é mostrado superficialmente.

Portanto, adotou-se aqui a concepção de um turista que não é considerado um simples consumidor. O turista que tem outros hábitos, outra forma de ser, outra maneira de conhecer e olhar, de ser e estar na cidade... o turista/*flâneur*. Assim, compreende-se que existe um turista diferente daquele concebido apenas como consumidor de cartões-postais, com pouco tempo para visitação e acompanhado de um guia que sinaliza todos os seus passos.

## 2.4 PAISAGEM/PAISAGENS

Tornou-se corriqueiro fazer apologia do turismo como uma indústria, diante de sua evidente notoriedade na economia mundial. No entanto, esquece-se de que o turismo é um fenômeno que engloba características humanas e sociais, sendo o

sujeito do turismo peça importante na constituição desse fenômeno. Dessa forma, este capítulo aborda uma questão essencial para a construção de um turismo mais voltado para o ser humano, focando, especificamente, na sua percepção da paisagem ao caminhar/passear pela cidade: - olhar a cidade é entrever a sua paisagem.

Nesse sentido, a paisagem é apontada aqui a partir de alguns aspectos essenciais na constituição desta pesquisa: a paisagem na sua relação com a natureza, a paisagem explorada pelo turismo, a paisagem urbana e a paisagem formada pela dialética de andar e olhar a cidade.

Pensada filosoficamente por Cauquelin (2007) como equivalente da natureza, a paisagem é, primeiro, percebida em sua relação com o meio ambiente. Devido à preocupação ecológica, a saúde, o ar puro e a necessidade da natureza e de animais protegidos, buscaram-se uma prática urbana e uma “bela paisagem”, como afirma a autora, englobando todos esses elementos “*em forma de paisagem*” (CAUQUELIN, p. 9). “*A ecologia desempenha aqui o papel de guarda-natureza e, portanto, de guarda-paisagem.*” (CAUQUELIN, p. 10). O ambiente físico e a paisagem se relacionam pelos dados de cada um, sendo a paisagem formada por seus dados perceptuais.

Cauquelin utiliza dois exemplos para mostrar o que seria “*uma ideia de paisagem*”, de um horizonte: o jardim e a *Land Art*<sup>6</sup>. O primeiro remete a uma paisagem natural, a busca do homem por uma morada em meio à natureza. O segundo, composto pelo campo das artes visuais, remete à “*quase-fusão da paisagem (o sítio) com a ecologia.*” (CAUQUELIN, p. 11). A *Land Art* utiliza o terreno natural como própria arte, sendo o meio ambiente provedor e resultado do trabalho.

Em *A Invenção da paisagem*, a autora descreve “*o aprendizado da realidade do mundo por meio das experiências daqueles que nos cercam e legitimam para nós sua presença.*” (CAUQUELIN, p. 15). Diferente das gerações anteriores, na atualidade, com a transformação das artes visuais, sonoras e táteis, o espectador

---

<sup>6</sup> Land Art foi um movimento artístico ocorrido no final dos anos 1960/1970 que teve como fundamento a intervenção dos artistas em espaços não institucionalizados da arte. Artistas como Robert Smithson, Dennis Oppenheim, Michael Heizer e Nancy Holt fizeram parte desse movimento que os levou a intervir no espaço concreto. Suas obras foram instaladas em desertos e outros espaços distantes dos centros urbanos.

está imerso na paisagem por meio de pinturas, esculturas, fotografias, vídeos, filmadoras, trilhas sonoras, webcams.

O modo de olhar está ligado às percepções do sujeito, condição essencial na composição da paisagem. Os sentidos expressados pelo corpo se comunicam com o mundo externo, e o olhar do observador é premissa indispensável para a existência cultural da paisagem. “*A paisagem, portanto, deve ser considerada como objeto de apropriação estética, sensorial.*” (MENESES, 2002, p. 32). A paisagem é fruto da interação entre o sujeito e o objeto.

De acordo com Meneses (2002), o capitalismo industrial trouxe novos valores, fazendo com que o gênero artístico *paisagem* perdesse terreno, surgindo a fotografia como um novo meio de apropriação da paisagem.

Nesse novo contexto, a paisagem é apreendida por meio da fotografia. É quase impossível dissociar a fotografia do turismo e da paisagem. As fotos registram cada passo da experiência turística tendo a paisagem como cenário principal. No turismo, a fotografia consolida a paisagem, capaz apenas de demonstrar os bons e maus momentos vividos durante o período da viagem.

A viagem, de acordo com Augé, “*constrói uma relação fictícia entre olhar e paisagem.*” (AUGÉ, p. 80). O indivíduo muitas vezes é o espectador, importando apenas a existência dele no espaço, sem se preocupar com a natureza do espetáculo, ou seja, a paisagem. Estar ali é o que interessa, o turista é o personagem principal da encenação. Permanecem isolados e não ingressam na cultura do local que estão visitando. Pouco importa conhecer a cultura, o que mais vale é mostrar, através das redes sociais, que se esteve naquele lugar, por meio de um ar de felicidade esboçado pelo sorriso no rosto mostrado pela fotografia.

A paisagem, em muitos momentos, é reduzida a ser consumida pela indústria do turismo e pelo turista. O olhar consumista faz dela um cenário propício para sua exploração, para captação de belas fotos e cartões postais. A postura da indústria turística de explorar a paisagem, às vezes, deixa passar alguns critérios essenciais para sua preservação. Para que a paisagem seja contemplada pelos turistas, é essencial levar em consideração a sustentabilidade, a cultura local, o olhar dos habitantes...

*“A paisagem tem história. Não nos referimos, é claro, ao fato elementar de que, submetida a constantes processos de transformação – como tudo mais na natureza -, a paisagem não é estável, mas dinâmica.”* (MENESES, p. 36).

De acordo com Meneses, considerando a relação entre o homem e a paisagem, a paisagem tem uma história que pode ser narrada.

Com relação à paisagem urbana, cumpre dizer que se trata de algo ambíguo desde a origem. Recentemente a cidade passa a ser objeto de um olhar paisagista ou a se transformar em representação paisagística, em pé de igualdade com a “natureza virgem” e, particularmente, o campo. Com efeito, a palavra paisagem ainda conota fortemente natureza e ruralidade. De seu lado, cidade conota artificialismo. Como falar, então, de paisagem urbana? Certamente não para apenas duplicar o sentido de morfologia ou desenho urbano, ou espaço construído e semelhantes. É necessário mobilizar o enfoque de processo cultural, já exposto, e a presença de formas densas de apropriação cultural. (MENESES, p. 38)

Segundo o autor, entende-se que a paisagem se origina do uso que a sociedade dela faz. É na sua utilização que se aplica a noção mais arraigada da paisagem. *“O olhar do colonizador, do naturalista ou do visitante constrói múltiplas paisagens.”* (MENESES, p. 40). Assim, compreende-se que o olhar do observador é condição indispensável na constituição da paisagem. Desse modo, o autor considera importante relatar alguns pontos da historicidade no *“consumo/produção visual da paisagem”*. (MENESES, p. 46). Ponderando sobre a paisagem urbana nesta análise, ele aponta algumas informações que são importantes de se delinear:

A representação iconográfica de cidades (que existe muito antes que se possa falar de paisagem urbana) incluía com frequência imagens metonímicas, em que uma muralha ou um monumento poderiam valer pelo todo, ou, então, vistas aéreas, em que se condensaria o todo da cidade. A cidade pós-industrial, porém, já não pode mais ser apreendida com um único golpe do olhar e seu crescimento e diferenciação fazem com que, na experiência dos habitantes, sua apreensão seja parcelar, fragmentada, atomizada. Os panoramas (aquelas enormes instalações ópticas circulares que tiveram grande voga no final do século XVIII e parte do XIX) contaram entre seus temas prediletos com paisagens urbanas. Seu impacto se deve grandemente ao novo ângulo de observação que compensava essa perda gradual de domínio da cidade, como um todo, pelo habitante comum, principalmente nas grandes capitais. Esse tipo de representação urbana iria contribuir para criar e desenvolver um padrão de leitura da “categoria cidade” e, por derivação, instituir um ator novo, o *observador da cidade*, cujo olho se adentra no domínio de um objeto até então naturalizado e, por isso mesmo, não problemático (Meneses, 1996). Além disso, o cartão-postal vai também disciplinar os modos de ver a paisagem urbana, os pontos de vista, as angulações adequadas, os componentes (espaços, estruturas,

mobiliários urbanos, veículos, circunstâncias – ou sua ausência). (MENESES, p. 46-47).

A globalização está afetando as cidades e a paisagem urbana. Durante as últimas décadas, as cidades estão se dirigindo claramente para o consumo e para as atividades relacionadas com o lazer, a cultura e o turismo. Cada lugar tem a sua cultura, os seus costumes, as suas paisagens. No entanto, parece que a cidade como consumo se transformou em uma unidade, em paisagens urbanas comuns, encontradas repetidamente em lugares distintos.

Cauquelin traduz o significado da expressão *paisagens urbanas* contrária ao entendimento da paisagem como *natural*:

Expressão que parece contraditar a noção natural de paisagem, tanto porque nega a relação muito próxima entre paisagem e Natureza, como pelo conteúdo, heteróclito, muitas vezes sórdido, oferecido pela visão de uma cidade erigida em torres disparatadas, trespassada de terrenos vagos, saturada de sujeiras e banhada pela fumaça opaca das essências artificiais... e, não obstante tudo, vemos o espetáculo como paisagem. (CAUQUELIN, p. 148).

Na cidade, “*a cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados.*” (LYNCH, p. 01). Experimenta-se cada elemento que compõe o seu conjunto, relacionando-se com os seus arredores e com as reminiscências do passado. Cada indivíduo relaciona a sua experiência no espaço com as lembranças associadas a cada parte da cidade. Observa, mas também se faz parte da paisagem. A paisagem urbana deve ser construída pelos seus habitantes, a participação dos cidadãos na percepção da cidade deve ser levada em consideração na sua compreensão.

Os turistas também são responsáveis pela construção da paisagem. Eles buscam paisagens diferentes das que encontram em seu cotidiano, sonham em conhecer uma cidade que corresponda às suas expectativas. Perspectivas diversas, de acordo com suas preferências pessoais, como o clima, a cultura, as pessoas, os monumentos... isto é, buscam conhecer novas paisagens, experimentar cada elemento que as compõem, formando-as pelo seu modo de olhar a cidade. Yázigi (2002) assim define a paisagem no contexto turístico:

Estamos, enfim, falando da busca de outro lugar, já que a paisagem (isto é, o tipo de entrada mentalizada pelo turista) nada mais é do que a perspectiva de nos colocarmos numa outra configuração geográfica, cheia de história, costumes e outras coisas que queremos experimentar. Como paisagem, pouco pode interessar o deslocamento para o igual: é preciso que, pelo menos seu aceno seja outro. Fazer turismo não significa obrigatoriamente frequentar lugares fabricados por sua indústria, mas dirigir-se para qualquer outro cotidiano também repleto de rotinas dos outros, que por sua vez reivindicam um movimento inverso... (YÁZIGI, p. 24).

No turismo, a paisagem se destaca quando se apresenta diferente para os olhos dos turistas. Essa distinção é percebida quando o transeunte sai da sua rotina e experimenta paisagens que fogem do comum, do seu dia a dia. Essa paisagem só é percebida porque ele vê, olha e registra o que viu. Dessa forma, a paisagem é construída pelo olhar do turista.

Com uma perspectiva distinta daquela em que a paisagem para o turista tem que ser diferente da encontrada na sua rotina, Dias (2010) acredita que a paisagem se revela em meio ao cotidiano, na relação entre os caminhos percorridos e certo modo de olhar. Para a autora, *“a paisagem é mais do que um simples ponto de vista ótico.”* (DIAS, p. 113). É ver e entrar em contato com o espaço, decorrendo da maneira de olhar e da subjetividade do observador. *“A paisagem é uma experiência sensível do espaço.”* (DIAS, p. 113). A paisagem é o enquadramento do olhar, cada ponto de vista, um modo de ver.

Diante de um mundo conturbado, cheio de excessos e obrigações a serem cumpridas, parece difícil perceber a paisagem. No entanto, para a autora, é justamente o excesso que fará com que o transeunte pare e contemple. Ela reforça, ainda, o seu entendimento sobre o que seria a paisagem, afirmando que *“a paisagem não pode ser unicamente pensada como uma porção de natureza longínqua e distante, ao contrário, na vida contemporânea, para ser encontrada, a paisagem exigiria do observador um esforço, uma disposição, uma pluralidade de vistas.”* (DIAS, p. 114). No cotidiano, a paisagem é encontrada quando se tem um olhar atento ao deslocar-se pelos lugares. É quando se faz da rotina um momento para experimentar a paisagem.

Em suas intervenções urbanas, Dias tentou provocar o espectador a experimentar a paisagem no seu cotidiano, buscando um novo olhar para aquilo que

já é conhecido. A autora aborda a paisagem em três perspectivas: a primeira, como um ponto de vista; a segunda, como a visão; e a terceira, como a *invisão*<sup>7</sup>.

No contexto desta pesquisa, existe aquele turista que contempla vagorosamente a paisagem, tornando-a familiar. Este é um dos segredos ao caminhar/passear, apreciar lentamente a paisagem. Quando se caminha, experimenta-se a cidade, convive-se com a paisagem. Nada se move, mas tudo parece seguir em nossa direção. Com o olhar, aproximamo-nos da paisagem, observamos os seus elementos... a contemplamos: o dia ensolarado, o céu encoberto por nuvens, os pássaros trinando, a igreja que está aberta, o sino que toca, o barulho do trem. “*A paisagem é um sachê de sabores, cores, cheiros, onde o corpo fica infuso.*” (GROS, p. 43). O corpo, por meio dos sentidos, sente cada elemento que constrói a paisagem, as paisagens.

Quando se caminha/passeia, a paisagem se apresenta de forma diferente para quem “passeia” dentro de um carro. No automóvel, vê-se a paisagem passar. Passa-se pela lagoa, pelo parque, pelos monumentos. Para-se apenas para fotografar, rapidamente, pois, na maioria das vezes, quem está de carro ou no ônibus cheio de turistas, tem pressa e tempo cronometrado para seguir. O tempo escoa ligeiro impossibilitando de se “olhar”<sup>8</sup> a paisagem.

Caminhar/passear é adentrar-se na paisagem. “*O corpo se junta à terra que ele pisa. E progressivamente, dessa maneira, ele não está mais na paisagem: ele é a paisagem.*” (GROS, p. 89). Sente-se o vigor do próprio corpo imerso na paisagem. Nesse sentido, a paisagem acolhe quem a percorre, cria a morada que hospeda o contemplador: “em casa”, toma conta do céu, do sopro do vento, da sombra das árvores.

O turista/*flâneur*, então, atravessa a cidade com seu próprio ritmo ao caminhar/passear. No caminho, percorre a rua, dobra à direita, atravessa o pátio, vê o monumento, entra na igreja, sai para o jardim. Mesmo a passo uniforme e com diversos pontos de vistas, “*a paisagem urbana surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas.*” (CULLEN, p. 11). Ter novas

---

<sup>7</sup> *Invisão* conceito criado por Karina Dias em seu livro *Entre visão e invisão: paisagem (por uma experiência da paisagem no cotidiano)*. Brasília: Programa de Pós-graduação em Arte/IdA/UnB, 2010.

<sup>8</sup> As distinções entre ver e olhar serão abordadas nas próximas páginas.

impressões ao desvelar a cidade forma a paisagem urbana de cada turista/*flâneur*. Sobre a paisagem urbana, Cullen aponta que *“um edifício é arquitetura, mas dois seriam já paisagem urbana, porque a relação entre dois edifícios próximos é suficiente para libertar a arte da paisagem urbana.”* (CULLEN, p. 135). Ou seja, o monumento não é considerado paisagem isoladamente; a paisagem urbana é formada pelo elo entre os elementos. Sozinho, um monumento não passa de um simples artefato.

## 2.5 O OLHAR DO TURISTA/FLÂNEUR

Pensando em sair da rotina, dos afazeres do cotidiano, as pessoas viajam, em seu tempo livre, para buscar prazer, descanso e novos conhecimentos. Boa parte dessas experiências acontece em lugares distintos de suas residências. No entanto, o distanciamento da rotina também pode ocorrer dentro da própria cidade, a partir do momento que se tem um olhar diferenciado sobre os espaços da rotina. Isso significa pensar que a experiência turística pode acontecer dentro ou fora da cidade onde se tem morada fixa.<sup>9</sup> Ter um olhar diferenciado sobre a paisagem cotidiana é liberar a visão da sua finalidade prática para enxergar além do que lhe é comum. Se, nas férias, o turista se liberta das obrigações e lança um olhar que revela um mundo para ele antes desconhecido, na rotina ele (re)encontra outras paisagens.

Em 1925, o mundo começou a se preocupar em classificar, descrever e definir, tecnicamente, o sujeito do turismo: os turistas. De acordo com Barbosa (2002) isso teve início com A Organização Internacional do Turismo, em Haia, na Holanda, sendo transferida depois para Genebra, na Suíça. Segundo o autor, essa organização foi de grande importância para o turismo porque o reconheceu em nível mundial, consolidando uma identidade oficial.

---

<sup>9</sup> Gastal e Moesch desenvolveram o conceito de turista cidadão para especificar a experiência turística do habitante na sua própria cidade. O conceito de turista cidadão será abordado nas próximas páginas.



Apesar de ser uma classificação básica nos cursos de turismo, serão mencionadas algumas definições para que o conceito proposto nesta pesquisa seja compreendido.

Ao iniciar o estudo em turismo, o básico que os estudantes de graduação aprendem é que existem três tipos de consumidores de serviços turísticos, considerados pela Organização Mundial do Turismo (OMT): os turistas, os excursionistas e os visitantes. Outra classificação bastante antiga, da Organização das Nações Unidas (ONU), de 1954, afirma que o turista é:

Toda pessoa, sem distinção de raça, sexo, língua e religião, que ingresse no território de uma localidade diversa daquela em que tem residência habitual e nele permaneça pelo prazo mínimo de 24 horas e máximo de seis meses, no transcorrer de um período de 12 meses, com finalidade de turismo, recreio, esporte, saúde, motivos familiares, estudos, peregrinações religiosas ou negócios, mas sem propósito de imigração.

O excursionista tem a mesma finalidade do turista. No entanto, o visitante é considerado excursionista quando não pernoita em uma localidade turística, ou seja, quando ele permanece menos de 24 horas em uma localidade.

Os visitantes, para Ignarra (2003), são aqueles que visitam uma localidade, mas que pernoitam nas embarcações, como os participantes de cruzeiros marítimos ou fluviais.

Burns (2002) cita alguns tipos de turistas, sem, entretanto, relacioná-los, de acordo com as definições de Cohen, American Express<sup>10</sup> e Smith, mencionados na tabela a seguir:

---

<sup>10</sup> A American Express introduziu no Brasil conceitos inovadores, divulgou a importância do turismo quando poucos percebiam o potencial dessa indústria e antecipou-se à abertura de mercado lançando o primeiro cartão internacional para empresas. Hoje tem um dos mais modernos centros de operações da América Latina, em Uberlândia-MG. No Brasil, American Express opera essencialmente com Cartões de Compra e Crédito, Travelers Cheques e Serviços Corporativos.

**Tabela 2: Classificação de turistas para Cohen, American Express e Smith**

<b>COHEN (1974)</b>	<b>American Express (1989)</b>	<b>Smith (1977)</b>
Turistas de massa organizados	Aventureiros	Exploradores
Turistas de massa individuais	Preocupados	Turistas de elite
Exploradores	Sonhadores	Turistas excêntricos
Alternativos	Econômicos	Turistas incomuns
	Ostentadores	Turistas de massa especializados
		Turistas de massa
		Turistas de vôos fretados

Fonte: Elaboração da autora, 2011.

De acordo com essas tipologias, caracteriza-se brevemente cada uma, sem relacioná-las. Para Cohen, os turistas de massa organizados consomem pacotes completos e recheados de atrações. Os turistas de massa individuais utilizam o sistema turístico (vôos marcados, reservas centralizadas, *transfers*), mas seguem seus próprios interesses. Os exploradores buscam lugares aonde ninguém vai. Os alternativos buscam o ineditismo, o desconforto e o perigo.

Segundo a American Express, os aventureiros gostam de ter novas experiências e conhecer novas pessoas. Os preocupados se sentem inseguros e estressados ao viajar. Os sonhadores procuram destinos exóticos, que, geralmente, não estão presentes na experiência real da viagem. Os econômicos viajam para relaxar da rotina, mas não pagam mais por conforto e serviços especiais. Os ostentadores pagam por conforto ou serviços especiais.

Na tipologia de Smith, os exploradores não se vêem como turistas e vivem como participantes e observadores ativos entre a população local. Os turistas de elite providenciam antecipadamente serviços e instalações e adaptam-se plena, mas temporariamente, às normas locais. Os turistas excêntricos tentam afastar-se das multidões de turistas ou aumentar a excitação de suas férias fazendo algo fora das normas. Os turistas incomuns geralmente se interessam por cultura “primitiva”. Os turistas de massa especializados buscam amenidades e confortos do Ocidente. Os turistas de massa compõem um fluxo constante de visitantes com rendimentos e

valores de classe média. Os turistas de vôos fretados são grupos que chegam em massa e têm um envolvimento mínimo com as pessoas e cultura do país visitado.

De outra forma, McIntosh classifica cinco tipos de turistas: aloccêntricos, quase aloccêntricos, mediocêntricos, quase psicocêntricos e psicocêntricos.

**Tabela 3: Classificação de turistas para McIntosh**

<b>Aloccêntricos</b>	Têm motivos educacionais e culturais, políticos ou de divertimentos caros, como jogos de azar, e viajam individualmente
<b>Quase aloccêntricos</b>	São motivados por eventos esportivos, religiosos, profissionais e culturais
<b>Mediocêntricos</b>	São motivados pela busca do descanso, quebra da rotina, aventuras sexuais e gastronômicas e tratamento de saúde
<b>Quase psicocêntricos</b>	Viajam em busca de status social
<b>Psicocêntricos</b>	São motivados por campanhas publicitárias

Fonte: Elaboração da autora, 2011.

Atualmente, a Organização Mundial do Turismo, OMT, disponibiliza um site com diversas informações sobre dados do turismo em todo o mundo. Em um trabalho de quase três anos (2005-2007), a comunidade internacional criou um glossário básico para definir conceitualmente a medição e a análise da economia do turismo. As Nações Unidas aprovaram, em um consenso internacional, os conceitos, as definições, as classificações e o conjunto básico de dados e indicadores que devem fazer parte de qualquer Sistema Nacional de Estatísticas do Turismo. A primeira definição do glossário apresenta o turismo como:

El turismo es un fenómeno social, cultural y económico relacionado con el movimiento de las personas a lugares que se encuentran fuera de su lugar de residencia habitual por motivos personales o de negocios/profesionales. Estas personas se denominan visitantes (que pueden ser turistas o excursionistas; residentes o no residentes) y el turismo tiene que ver con sus actividades, de las cuales algunas implican un gasto turístico. (OMT, p. 01).

Na perspectiva da OMT, o turismo tem efeitos na economia, na natureza, na população local dos lugares visitados e nos próprios visitantes. É devido a esses diversos impactos e fatores, que requerem a produção de bens e serviços, que se faz necessário adotar um enfoque global de desenvolvimento, gestão e supervisão do turismo. Deve-se por em prática as políticas nacionais e locais, assim como os acordos internacionais ou outros processos que tratam do turismo.

Ao observar essas definições, enfatiza-se que inúmeras características técnicas são dadas ao indivíduo e a grupos de pessoas, contrastando enfoques acadêmicos e mercadológicos, com o intuito de se ter um parâmetro na obtenção de dados estatísticos, tendo em vista o número de pessoas que viajam pelo mundo.

Além das classificações mencionadas, destaca-se outra definição que avança no conceito, sem ser apenas uma mera caracterização, proposta por Gastal e Moesch, o turista cidadão,

[...] envolvendo o habitante que desenvolve um relacionamento diferenciado com o local onde mora no seu tempo de lazer, quebrando o modelo existencial da sociedade industrial criticado por Jost Krippendorf (trabalho – moradia – lazer – viagem), de acordo com o qual o lazer – as práticas sociais capazes de restabelecer o equilíbrio físico e emocional do sujeito contemporâneo – só seria possível em lugares distantes da própria residência. (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 60).

As autoras destacam a modalidade de Turismo na qual a cidade é o destino e a motivação fundamental do deslocamento – o turismo urbano – e que este pode ter significado também para os moradores ou usuários das cidades.

Avançando na definição de “turista”, identificou-se no livro *Entre Visão e Invisão: Paisagem – [Por uma experiência da paisagem no cotidiano]*, de Karina Dias, a menção a Mathieu Kessler, autor que define o viajante em contraponto ao turista. Para ele, o viajante descobre seu próprio itinerário a partir de uma perspectiva singular, atento e concentrado no caminho. Por outro lado, considera o turista consumidor de panoramas e cartões-postais, em que ele

[...] escolhe um percurso onde tudo está a priori organizado e regulado para atender o melhor possível às suas expectativas. Esse turista se contenta em constatar, no sítio, uma localidade indicada em seu mapa turístico. Em geral, consome sem verdadeiramente contemplar, queima as etapas porque se transporta incessantemente de um lado para o outro. (KESSLER apud DIAS, 2010, p. 129).

Discordando das idéias de Mathieu Kessler para esta investigação, acredita-se que o turista, assim como o viajante, pode estar atento ao caminho que ele percorre e não é, apenas, um sujeito capaz de constatar o que já está demarcado. Percebe-se que existe uma gama de turistas que viajam e estão atentos a aspectos que vão além dos preestabelecidos, delimitados. Mesmo existindo formas de

organizar os atrativos, como mapas, sinalizações turísticas, roteiros turísticos... isso não quer dizer que os turistas só vejam o que é proposto.

Cardoso (1988), em uma concepção filosófica, discorre sobre a composição das viagens, revelando o olhar do homem caseiro e do viajante. Há o primeiro sujeito, aquele sedentário, acomodado, que quase nunca viaja e prefere se movimentar em um espaço próximo, ordenado. O outro, inquieto, curioso ou insatisfeito, dificilmente para em casa, é atraído pelo espaço aberto e pelo alargamento constante das fronteiras conhecidas.

Assim, entendemos, conceitualmente, as diversas compreensões que se referem ao sujeito do fenômeno turístico, para agora explanar as abordagens sobre o desenvolvimento do olhar do turista, o que para nós é uma de suas características principais, isto é, o seu modo de olhar.

Com uma análise histórica e sociológica do olhar do turista, Urry (2001) caracteriza, em uma de suas propostas, o que seria o olhar para o estudo do turismo:

O olhar do turismo é direcionado para aspectos da paisagem do campo e da cidade que os separam da experiência de todos os dias. Tais aspectos são encarados porque, de certo modo, são considerados como algo que se situa fora daquilo que nos é habitual. O direcionamento do olhar do turista implica frequentemente diferentes formas de padrões sociais, com uma sensibilidade voltada para os elementos visuais da paisagem do campo e da cidade, muito maior do que aquela que é encontrada normalmente na vida cotidiana. As pessoas se deixam ficar presas a esse olhar, que então é visualmente objetificado ou capturado através de fotos, cartões-postais, filmes, modelos, etc. Eles possibilitam ao olhar ser reproduzido e recapturado incessantemente (URRY, 2001, p. 18).

Assim, o olhar do turista é guiado para os aspectos que são diferentes dos afazeres comuns da vida. No turismo, a ruptura do cotidiano é uma característica fundamental. Urry aborda, em seu livro<sup>11</sup>, aspectos que envolvem o desdobramento do olhar do turista e suas mudanças históricas. Ele coloca que, nas sociedades pré-modernas, as viagens eram um privilégio da elite, voltadas para o prazer e para a cultura. Assim, as remotas viagens em busca de prazer realizadas pela aristocracia europeia consolidaram um típico fenômeno da cultura europeia – o *Grand Tour*. Urry

---

<sup>11</sup> Ver Urry, John. O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

considera que, no final do século XVII, o *Grand Tour* atendia aos filhos da aristocracia e da pequena fidalguia e, no final do século XVIII, os filhos da classe média profissional. No decorrer desse período, entre 1600 e 1800, as viagens eram realizadas para a observação, para construir novos modos de ver e desenvolver o olhar. No entanto, o caráter de observação e desenvolvimento cultural, o “*Grand Tour Clássico*”, mudou para a viagem em busca da paisagem, o “*Grand Tour romântico*”.

Logo, compreende-se que a maneira de olhar e a construção da paisagem estão relacionadas. A proximidade entre essas duas categorias faz com que exista um elo indissociável na sua compreensão. Ver, então, é observar a paisagem, é ter seu próprio ponto de vista. “*Portanto, a paisagem se forma concretamente quando delimitamos com o nosso olhar e este vai então recortando o espaço que nos envolve.*” (DIAS, p. 125). O enquadramento do olhar forma a paisagem. Os diferentes modos de enxergar, influenciados pelo período histórico, pela cultura, pelo grupo social e pelo coletivo faz com que se tenha uma maneira individual de ver a cidade, de compreender a paisagem. O sujeito para e olha aquilo que se destaca diante dos seus olhos. Ele seleciona, pelo olhar, uma paisagem individualizada, criada pela delimitação do olhar, enquanto atravessa a cidade de acordo com o seu próprio tempo. Caminha, para, olha e contempla.

Concorda-se, então, com o pensamento de Dias (2010) em relação ao olhar e à paisagem, quando ela afirma que “*já que o mundo é o que olhamos e a paisagem é, entre tantos aspectos, uma maneira de ver, fruto de um certo olhar, seria então interessante refletir sobre o que seria ver e não ver, o que seria olhar e nada ver.*” (DIAS, p. 201). Na língua portuguesa, assim como em outras línguas latinas, como o francês, espanhol e italiano, os verbos *ver* e *olhar* parecem ter o mesmo sentido, mas, analisando-se criteriosamente cada um deles, percebe-se que são ambivalentes.

Para Cardoso (1988), o ver e o olhar têm significados diferentes. O ver é ingênuo, passivo, distraído. Já o olhar é intencional, direcionado e atento. Basta um observador e um objeto, um sujeito e algo visível. “*Na verdade, entre o ver e o olhar, é a própria configuração do mundo que se transforma.*” (CARDOSO, p. 348). O ver abrange um mundo completo, cobrindo a sua totalidade. Tudo parece incluído em

seu conjunto, dando a sensação de que vemos tudo. Por outro lado, o olhar é descontínuo, despedaçado e dilacerado. A uniformidade do ver se contrapõe às camadas do olhar. O sujeito vê o mundo exterior, mas dele se aproxima quando olha.

Como Dias cogita, “*é impossível ver e olhar ao mesmo tempo.*” (DIAS, p. 201). Ela reflete sobre o movimento do olhar a partir da distinção de três instâncias: o ver, a ação de olhar (observar) e o ter visto.

O ver está associado a nossa capacidade fisiológica. A simples ação do corpo de abrir os olhos, a convergência dos glóbulos oculares, despreziosa, é uma condição para ver algo.

O olhar, ato intencional, é instigado pelos sentidos: “*uma luz, um barulho, um evento ou qualquer mudança no campo do ver que suscite aproximação, tomada de conhecimento.*” (DIAS, p. 203). O olhar não abarca tudo, ele é delimitado por aquilo que aguça os sentidos, exercício este, como afirma Cauquelin, perigoso, pois “*acreditamos ser “evidente”, como o fornecimento de verdade que nos oferecem os sentidos, particularmente aquele sobre o qual se funda nossa crença mais inarredável: a visão.*” (CAUQUELIN, p. 27-28).

Assim, o ver e o olhar se aproximam e ao mesmo tempo se distinguem. É primeiro preciso ver fisiologicamente para só depois ser possível olhar. Abrem-se os olhos, vê-se o mundo, olha-se a paisagem. Delimita-se o olhar para aquilo que nos chama mais atenção.

Depois de ver e olhar chega-se à terceira instância da visão, o ter visto, “*a constatação de que esse algo que está ali, foi visto, capturado, registrado.*” (DIAS, p. 203). Significa armazenar e registrar o que foi olhado. A memória guarda internamente aquilo que foi captado e fixado pelo olhar, o que foi percebido como mais importante.

A autora assim resume as três instâncias propostas: “*ver: um sobrevoo, uma varredura do espaço*”; “*olhar: observação, mira, aproximação, detalhe*”; “*ter visto: captura, discernimento, registro.*” (DIAS, p. 204).

Na primeira instância tudo se pode ver, na segunda, o mundo é delimitado; e, na terceira, o mundo é apreendido. Com o corpo vejo, olho e acredito então ter visto. Crio a imagem de um mundo vivido.

O modo de olhar resulta em diferentes imagens de uma cidade. Lynch (2011) desenvolve a construção da imagem ambiental da cidade em uma relação entre o observador e seu ambiente. O primeiro, *“seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê.”* (LYNCH, p. 7). O segundo, oferece informações para que o olhar processe e armazene a sua relação com o meio. A imagem da cidade, assim como a paisagem, varia de observador para observador. A forma de olhar, a percepção visual, o significado dado por cada indivíduo e a sua interação com o ambiente são condições essenciais para a construção da imagem e/ou da paisagem da cidade. Sem um observador, não há paisagem/paisagens.

Portanto, compreende-se que o olhar varia de pessoa para pessoa, pois cada um olha e contempla aquilo que lhe chama mais atenção, de acordo com as suas próprias perspectivas. Para esta pesquisa, o olhar do turista é construído na sua experiência de desvelar a cidade, ao percorrer as ruas e monumentos que ele encontra em seu caminho.

Assim, o olhar do turista aqui abarcado, o olhar do turista/*flâneur*, vai se constituindo enquanto se caminha. Para isso, ele precisa ter a energia e a liberdade de espírito condizentes com o seu corpo. Além dessas características, ele precisa ter o seu olhar bem atento para enxergar a paisagem que está a sua volta. Ao caminhar/passear pela cidade o olhar vai compondo um mundo a sua volta.

Caminha-se e veem-se vários elementos. Ao olhar para uma igreja, repara-se na sua arquitetura, no seu estado de conservação, nos objetos que a constituem, no altar, no piso no qual se está pisando... Nota-se mais que um simples monumento de concreto. *“Aliás, para além da sua utilidade, a visão tem o poder de invocar as nossas reminiscências e experiências, com todo o seu corolário de emoções, facto do qual se pode tirar proveito para criar situações de fruição extremamente intensas.”* (CULLEN, p. 10). O olhar percorre a paisagem enquanto se caminha. Para-se para apreciar. *“Tudo isso que vejo, que se estende sob meu olhar, me pertence. Tão longe quanto me é possível enxergar é o quão longe vai o que possuo.”* (GROS, p. 61). A visão é responsável pela nossa percepção do mundo e das suas formas. O mundo só existe diante da nossa maneira de olhar os seus elementos, dando forma à natureza, à arquitetura, às palavras...



O turista/*flâneur* escolhe seu próprio percurso ao caminhar/passear. Durante o trajeto, ele percorre a cidade com o olhar. No caminho, a forma como ele olha determina qual paisagem será construída. *“O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes.”* (CALVINO, p. 18). Assim como acontece em Tamara, como diz Calvino, o olhar percorre a cidade tentando entendê-la, decifrá-la. Esse olhar é construído por aqueles que, com desenvoltura e atenção, perseguem e tentam decifrar cada escritura da cidade que atravessam.

### **3 DA GÊNESE URBANA À CONSOLIDAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA**

Portugal, no século XVI, iniciou o processo de posse e colonização do Brasil. Nesse período, a Coroa teve como elemento estruturante de sua consolidação a criação de cidades, destinadas a promover o controle e a defesa do imenso território deste país, alvo da cobiça de outras nações europeias.

Seguindo essa tática, foram implantadas as cidades de Salvador (1549), Rio de Janeiro (1565) e João Pessoa (1585). A primeira, como capital da Colônia, a segunda para dar segurança à colonização da região sudeste do país e a terceira para dar segurança à região açucareira de Pernambuco.

Nesse contexto de consolidação da conquista portuguesa, João Pessoa já nasceu cidade. Jamais viveu a condição de vila ou povoado, como acontecia com as demais localidades da época. Isto se deu pelo fato de ter sido fundada pela cúpula da Fazenda Real como uma Capitania da Coroa Portuguesa, com o intuito de servir de base para a colonização da então Capitania Real da Paraíba e do norte da Colônia, preenchendo a função de apoio administrativo e comercial.

O dia 05 de agosto de 1585 marca a data de sua fundação, após a paz entre os Tabajaras<sup>12</sup> e os portugueses, sendo nomeada Nossa Senhora das Neves, em homenagem à santa do dia. Com a ascensão de Filipe II da Espanha ao trono de Portugal, recebeu o nome de Filipéia. Depois, a cidade recebeu diversas denominações. Com as constantes disputas entre Holanda e Portugal, o lugar passou a ser chamado de Frederica, em homenagem ao rei Frederico II da Holanda. Após a retirada dos holandeses do Brasil, o lugar recebeu a denominação de Parahyba do Norte, por causa do rio que foi o seu principal canal de acesso e que até hoje é o principal rio do Estado. Finalmente a partir de 1930, passou a chamar-se de João Pessoa, em homenagem ao então presidente da Província João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, assassinado no dia 26 de Julho de 1930.

---

<sup>12</sup> A etnia Tabajara habitou a Paraíba e se aliou aos conquistadores portugueses durante a colonização. Assim, conseguiram derrotar os índios Potiguaras, inimigos dos Tabajaras, e conquistar o litoral paraibano. Hoje, os Tabajaras são reconhecidos nacionalmente como o segundo povo indígena paraibano, encontrando-se alguns descendentes nos municípios de Alhandra, Conde, Gramame e Santa Rita.

Nos mapas a seguir, podemos ver as delimitações da atual João Pessoa na época colonial: (Figuras 01 a 08)

**Figura 1: “Paraíba. Rio de São Domingos”, 1626**



Fonte: Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial (REIS, 2000).

Figura 2: “Frederick Stadt”, 1634



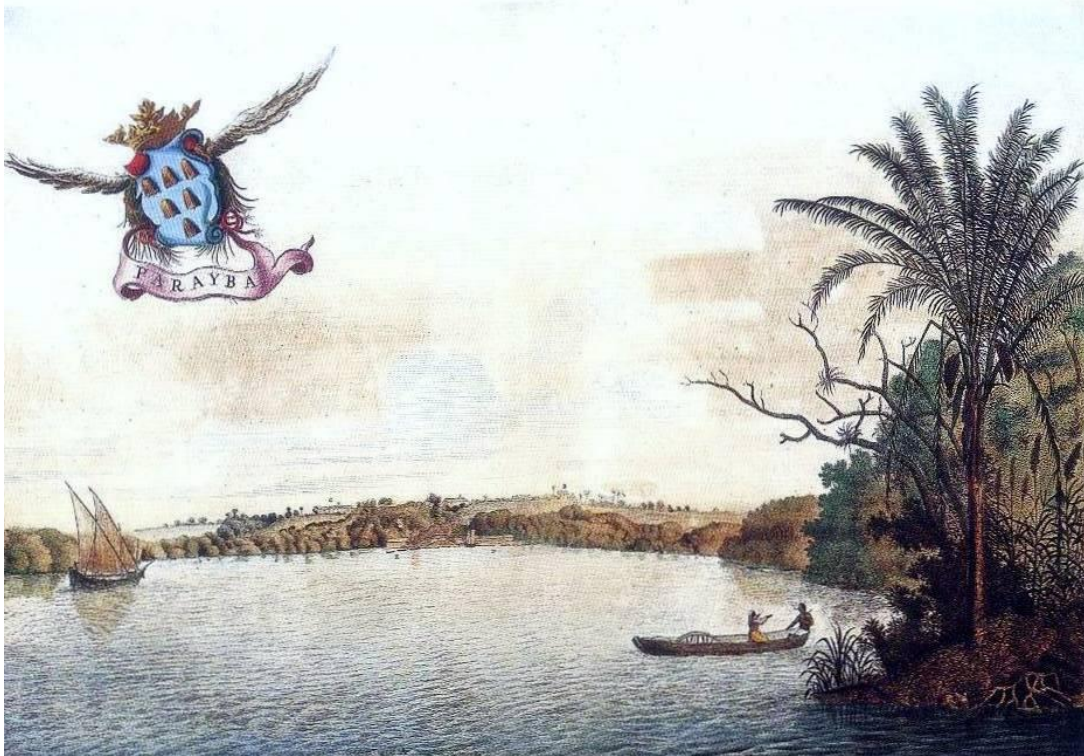
Fonte: Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial (REIS, 2000).

Figura 3: “Parayba”, 1634



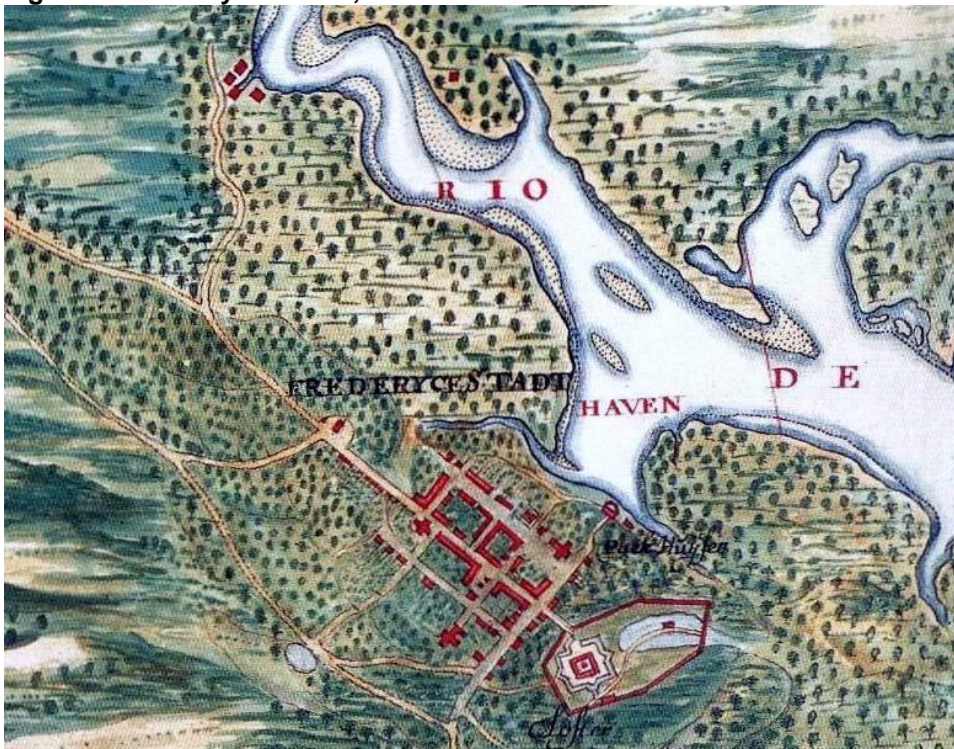
Fonte: Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial (REIS, 2000).

Figura 4: “Parayba”, 1647



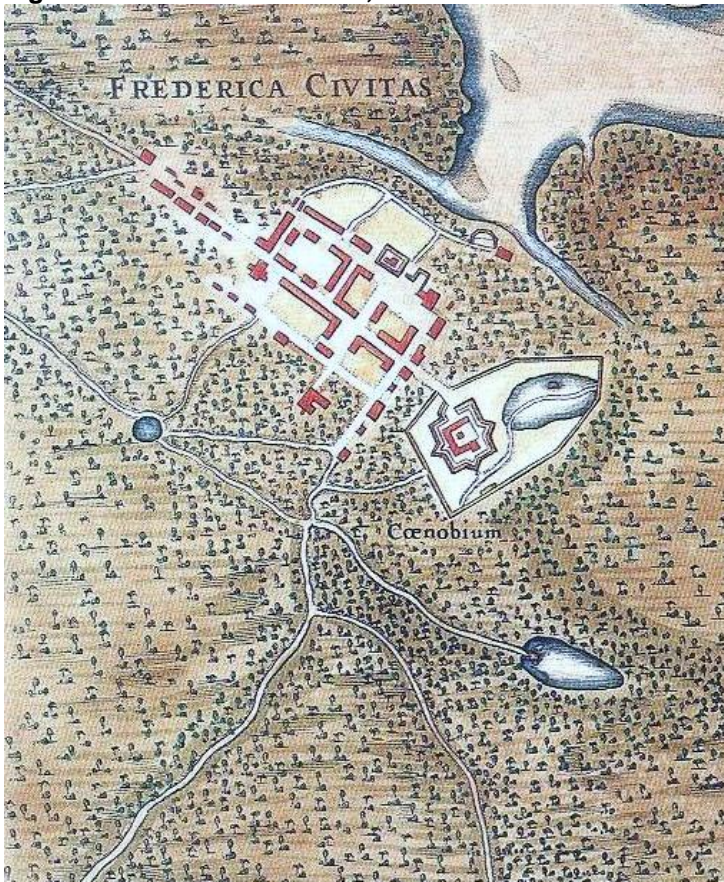
Fonte: Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial (REIS, 2000).

Figura 5: “Frederyce Stadt”, 1660



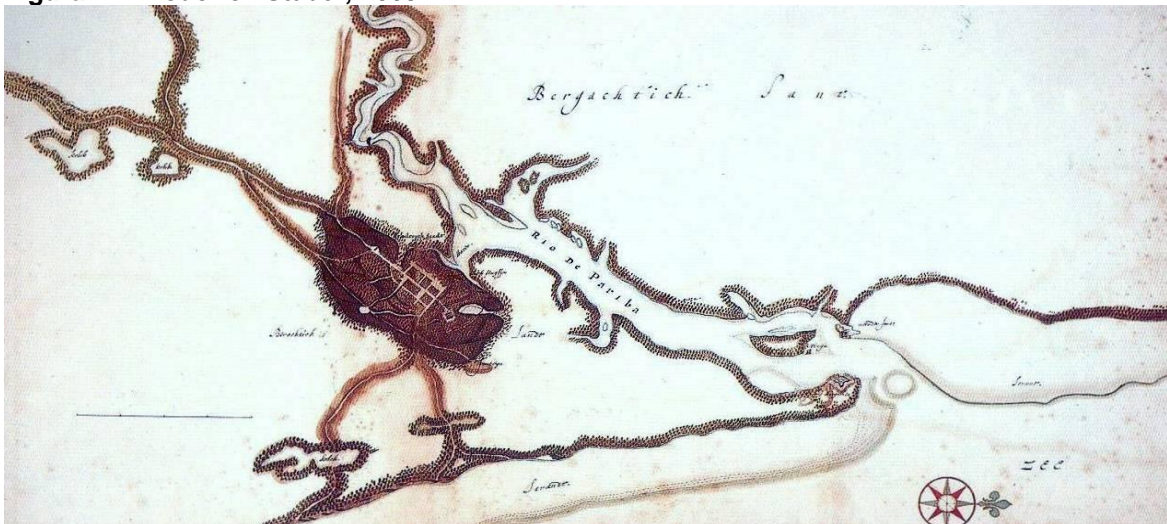
Fonte: Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial (REIS, 2000).

**Figura 6: “Frederica Civitas”, 1647**



Fonte: Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial (REIS, 2000).

**Figura 7: “Frederick Stadt”, 1665**



Fonte: Fonte: Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial (REIS, 2000).

Figura 8: “Ostium Aluminis Paraybae”, 1647



Fonte: Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial (REIS, 2000).

João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, localiza-se na posição mais oriental da Região Nordeste do Brasil. Limita-se ao norte com o município de Cabedelo, ao sul com o município do Conde, a leste com o Oceano Atlântico e a oeste com os municípios de Bayeux e Santa Rita. Juntamente com esses municípios e os de Alhandra e Lucena, forma o Aglomerado Urbano denominado de Grande João Pessoa, cuja área total é de 1.403 km<sup>2</sup>. João Pessoa integra a Zona do Litoral e da Mata, que compreende uma área de 4.316 km<sup>2</sup>, abrangendo toda a costa marítima paraibana. Apresenta clima quente e úmido, com estação seca no verão e chuvas no inverno, com temperaturas médias na faixa de 23<sup>o</sup> a 27<sup>o</sup>. Marcada por diversos atributos naturais, encontra-se entre o mar e o vale do rio Rio Sanhauá – afluente do Rio Paraíba – que mantém uma grande relação com o núcleo histórico dessa cidade.

A capital paraibana, como hoje, dividia-se em dois espaços urbanos distintos: a “Cidade Alta” e a “Cidade Baixa”. A primeira concentrando as atividades administrativas, culturais e religiosas, e a segunda, mais conhecida como Varadouro, voltada para o comércio. Na “Cidade Alta” encontrava-se a classe

privilegiada da população, em edificações de alto padrão. Esses espaços estavam separados por grandes áreas vazias que, aos poucos, foram ocupadas por residências de pequenos comerciantes, artesãos, funcionários públicos e operários, graças às obras públicas de aterramento e de redução da declividade de várias ladeiras. A “Cidade Baixa” se desenvolveu a partir do antigo Porto do Capim, às margens do rio Sanhauá, onde predominavam as construções de armazéns, casas comerciais e prédios da alfândega.

O final do século XVIII representou para a cidade um momento de expansão da urbanização, entretanto, já na segunda metade do século XIX, a cidade continuava sendo um aglomerado urbano acanhado, pequeno e pobre. Não havia calçamento nas ruas, com exceção da Rua Direita e uma parte do Varadouro. Assim, no inverno, o trânsito de pedestres e dos veículos movidos por tração animal era comprometido pelas chuvas que, além do mais, contribuíam para a erosão.

No início do século XX, demolições foram efetuadas como parte das reformas urbanas. Apesar disso, o núcleo urbano originário, com sua tradicional tendência comercial, situado na “Cidade Baixa”, manteve-se preservado, após quatro séculos de sua fundação. A partir da década de 1950, a cidade, que nasceu às margens do Rio Sanhauá, teve sua expansão espacial em direção ao mar. Acontecimento de grande destaque, que é retratado, até hoje, em hinos carnavalescos, a exemplo do “Hino das Muriçocas do Miramar”, do Mestre Fuba<sup>13</sup>, cantado por milhares de pessoas nas prévias carnavalescas da cidade:

João pessoa sonha  
Com o seu verde colorindo o azul do mar  
E a cidade velha  
Já se acorda  
Com seu canto secular  
São as muriçocas  
Abram alas que elas vão voar  
Espalhando alegria  
De Tambaú ao rio Sanhauá”

---

<sup>13</sup> Cantor e compositor paraibano criou o termo “Quarta-feira de Fogo” fazendo referência ao segundo maior bloco de arrasto do Brasil – Muriçocas do Miramar - que acontece todos os anos uma semana antes da Quarta-feira de Cinzas e arrasta milhares de foliões durante a prévia carnavalesca em João Pessoa. Mais informações disponíveis no site: <http://www.muricocas.com.br/index.php>.



O caráter residencial que predominava na “Cidade Alta” foi substituído pela expansão do comércio e da prestação de serviços.

O traçado urbano original e as significativas edificações assinalam o percurso da arquitetura dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, permitindo uma clara leitura da história e da transformação da cidade.

Na “Cidade Baixa” encontram-se a Praça Napoleão Laureano; Praça Quinze de Novembro; Ladeira de São Frei Pedro Gonçalves; Largo de São frei Pedro Gonçalves; Praça Antenor Navarro; Rua Maciel Pinheiro; Rua João Suassuna; Rua Cândido Pessoa; Rua Gama e Melo; Rua Barão do Triunfo; Praça Pedro Américo; Rua Beaurepaire Rohan; Rua Padre Azevedo; Praça Aristides Lobo; Avenida Guedes Pereira; Rua Peregrino de Carvalho; Rua General Osório; Rua Duque de Caxias; Rua Dom Ulrico; Largo da Igreja de São Francisco; Ladeira de São Francisco; Praça Antônio de Pádua; Rua Henrique Siqueira; Rua da Areia; Praça Antenor Navarro; Rua Padre Antônio Pereira.

Na “Cidade Alta” encontram-se o Parque Solon de Lucena; Rua Santo Elias; Rua Eliseu César; Rua Barão do Abiaí; Avenida Visconde de Pelotas; Praça Dom Aduato; Rua Conselheiro Henrique; Rua Duque de Caxias; Rua Dom Ulrico; Largo da Igreja de São Francisco; Ladeira de São Francisco; Travessa São Francisco; Praça Dom Ulrico; Avenida General Osório; Rua Peregrino de Carvalho; Rua Duque de Caxias; Praça Venâncio Neiva (Pavilhão do Chá); Rua Marechal Almeida; Praça João Pessoa; Rua Santo Elias; Avenida Padre Meira; Praça 1817. (À noite, 11 lampiões alimentados a óleo de mamona iluminavam a cidade).

Fazendo uma leitura dos aspectos que marcaram o período colonial, destacam-se: a monumentalidade arquitetônica e estética dos edifícios religiosos e o seu aspecto simbólico, conferindo à cidade um caráter em tudo sintonizado com os princípios ideológicos da colonização portuguesa. Com a observação dessas edificações e do traçado urbano, percebe-se o processo de origem e desenvolvimento da cidade dos séculos XVI ao XVIII, onde surgiram novos referenciais arquitetônicos e estéticos que indicam outras formas de vivência do espaço urbano.

O Centro Histórico de João Pessoa é repleto de diversos estilos - o barroco<sup>14</sup> das obras das ordens religiosas, como a exuberância decorativa da igreja da Ordem de São Francisco; a austeridade da escola beneditina, expressa na Igreja e Mosteiro de São Bento e a profusão de formas e detalhes, de uma transição do barroco, na exuberante fase do rococó<sup>15</sup>, observadas no Conjunto Carmelita. Destacam-se ainda o singular estilo maneirista<sup>16</sup> da Igreja da Misericórdia e o ecletismo<sup>17</sup> das Igrejas de São Frei Pedro Gonçalves e da Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves.

---

<sup>14</sup> Para OLIVEIRA, o Barroco é uma expressão artística marcada pelo embate entre o espaço do sagrado, do poder, quase sempre delimitados pelas igrejas católicas e pelos seus rituais, e o espaço profano, representado pelo terreno das energias e pulsões maléficas do mundo laico. As principais características da arte barroca são: predomínio da emotividade sobre a racionalidade; busca de resultados arquitetônicos de forte impacto e teatralidade; união da arquitetura e da escultura como artes complementares; na pintura, uso de contrastes marcantes entre luz e sombra; a escultura privilegia o movimento; uso, na pintura, de efeitos ópticos. Disponível em: <http://cms-oliveira.sites.uol.com.br/barroco-pb.html>.

<sup>15</sup> O rococó foi o principal estilo do século XVIII europeu. Desenvolveu-se como uma utilização à complexidade formal e aos excessos do barroco, apelando para a leveza, graça e para os coloridos suaves. Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=65](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=65).

<sup>16</sup> Segundo OLIVEIRA, o Maneirismo teve uma tendência para a estilização exagerada e um capricho nos detalhes começam a ser sua marca, extrapolando assim as rígidas linhas dos cânones clássicos. Disponível em: <http://cms-oliveira.sites.uol.com.br/maneirismo.html>.

<sup>17</sup> O termo ecletismo denota a combinação de diferentes estilos históricos em uma única obra sem, com isso, produzir novo estilo. Tal método baseia-se na convicção de que a beleza ou a perfeição pode ser alcançada mediante a seleção e combinação das melhores qualidades das obras dos grandes mestres. Além disso, pode designar um movimento mais específico relativo a uma corrente arquitetônica do século XIX. Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=357](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=357).

**Figura 9: Conjunto Franciscano**



Fonte: João Pessoa Convention Bureau.

**Figura 10: Convento Igreja de Nossa Senhora do Carmo**



Fonte: João Pessoa Convention Bureau.

**Figura 11: Igreja da Misericórdia**



Fonte: João Pessoa Convention Bureau.

**Figura 12: Praça de São Frei Pedro Gonçalves**



Fonte: João Pessoa Convention Bureau.

No âmbito das edificações civis, observa-se o ecletismo, além de um casario da arquitetura tradicional brasileira que sucede à arquitetura colonial originalmente existente e da qual subsistem alguns remanescentes.

Em prédios públicos como o Theatro Santa Roza, a Alfândega, a Biblioteca Pública e outras edificações, predominam outras características artísticas – a partir do século XIX - que caracterizam a corrente neoclássica<sup>18</sup>. Refletindo, depois, os *neos*, cuja origem remonta ao século XVIII, o conjunto ocupado pelo Colégio dos Jesuítas foi transformado com timbres do neocolonial, abrigando a atual Faculdade de Direito. O sobrado do Comendador Santos Coelho, na Praça Dom Adauto, traz em seu vão de portas e janelas características neogóticas<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Arte produzida na Europa e na América do Norte aproximadamente de 1750 até as primeiras décadas do século XIX, marcada pela emulação de formas greco-romanas. Mais do que apenas uma revivificação da Antiguidade, o neoclassicismo esteve ligado a eventos políticos contemporâneos. Artistas neoclássicos buscaram substituir a sensualidade e a trivialidade do rococó por um estilo que fosse guiado pela lógica, solenidade, e de caráter moralizante. Quando movimentos revolucionários republicanos se estabeleceram na França e na América, os novos governos adotaram o neoclassicismo como o estilo para sua arte oficial, em virtude de sua associação com a democracia da Grécia Antiga. Depois, quando Napoleão subiu ao poder na França, o estilo foi modificado para servir as suas necessidades propagandísticas, eventualmente se tornando um maneirismo repetitivo e inanimado. Com o surgimento do Romantismo, uma preferência para a expressão pessoal substituiu uma arte fundada em valores fixos, ideais. Disponível em: <http://cms-oliveira.sites.uol.com.br/neoclassicismo.html>.

<sup>19</sup> O termo faz referência a um movimento artístico que teve lugar nos séculos XVII e XVIII na Europa - sobretudo na Grã-Bretanha -, ancorado numa retomada da arte e da civilização medievais e, em particular, da arquitetura gótica. Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_ve rbete=3501](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_ve rbete=3501).

**Figura 13: Sobrado Comendador Antonio Santos Coelho (Casarão dos Azulejos)**



Fonte: João Pessoa Convention Bureau.

**Figura 14: Faculdade de Direito**



Fonte: João Pessoa Convention Bureau.

Nas décadas de 1920 e 1930, o Centro Histórico foi tomado por tendências francesas dos tempos modernos, do movimento Art Déco<sup>20</sup>, a exemplo do antigo prédio do Hotel Globo e do casario que integra a Praça Antenor Navarro.

A área que compreende o Centro Histórico de João Pessoa conserva o Conjunto Urbano de Monumentos Nacionais - acervo edificado representativo de vários períodos históricos e de estilos arquitetônicos, testemunhos incontestes de sua formação e transformação - que marca os principais ciclos da história da Paraíba, seus engajamentos político-econômicos, a tônica administrativa e comercial.

Outra característica do Centro Histórico de João Pessoa é a distribuição dos lotes nas quadras. O traçado das ruas ainda é o mesmo desde a época em que foram edificadas.

O potencial de atrativos do Centro Histórico de João Pessoa baseia-se no rico acervo histórico e artístico, que concentra a grande maioria do patrimônio histórico e artístico do Estado. Patrimônio esse, em harmoniosa integração com o meio ambiente natural, graças à presença em seu entorno de importantes reservas da mata nativa e, principalmente, pela sua perfeita integração com o estuário do rio Paraíba.

O reconhecimento da importância desse acervo inicia-se em 1938 com o tombamento, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, dos seus mais representativos edifícios como monumentos nacionais. E consolida-se em 1982 quando é delimitado o Centro Histórico inicial de João Pessoa pelo Instituto Histórico e Paisagístico do Estado da Paraíba – IPHAEP. Atualmente, o Centro Histórico de João Pessoa é protegido pelo Decreto Estadual nº. 9.484, de 10 de maio de 1982. Sua área foi delimitada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e

---

<sup>20</sup> O termo Art Déco se origina na contração do nome da Exposição que, em Paris, 1925 marcou o auge do estilo – Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes (Exposição Internacional das Artes Decorativas e Industriais Modernas). Tal denominação é recente, no início do século XX era “Estilo Moderno”. Abrange todos os domínios da criação humana, aproximadamente entre 1915 e 1945. Arquitetura, decoração, moda, arte, desenho industrial, cinema, artes gráficas, publicidade, mobiliário. As principais características são as linhas geométricas, privilegiando a aerodinâmica, e inspiradas por diversas culturas antigas, como a Grécia, o Egito, entre outras, e no caso brasileiro a Cultura Marajoara (400-1400). Mais informações no site do Instituto Art Déco Brasil: <http://www.artdecobrasil.com/home.php>.

Artístico da Paraíba e coincide praticamente com a área ocupada pela cidade em 1850. No interior desse perímetro encontra-se a maioria dos edifícios protegidos por legislação de tombamento federal ou estadual.

Em dezembro de 2007, o Centro Histórico de João Pessoa foi considerado Patrimônio Cultural e Artístico do Brasil, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN), pelo seu valor histórico, paisagístico e artístico.

João Pessoa tem uma das reservas mais importantes de Mata Atlântica do país, um litoral urbano sem arranha-céus à beira-mar, rios praticamente intocados e um Centro Histórico que representa os 427 anos de história da cidade, com cerca de 37 hectares tombados e 700 edificações, que são referência nacional e internacional.

O Centro Histórico vislumbra os olhos de quem percorre seus caminhos fazendo uma volta ao passado, através apenas do caminhar e do olhar, contando, passo a passo, a história da surpreendente cidade. A Cidade Baixa e a Cidade Alta apresentam atrativos para quem busca, na arquitetura dos últimos três séculos, o testemunho e a descoberta dos detalhes desses períodos, além de outros encantos que se traduzem nas ruas e nas praças. (JOÃO PESSOA, 2012, p. 07)

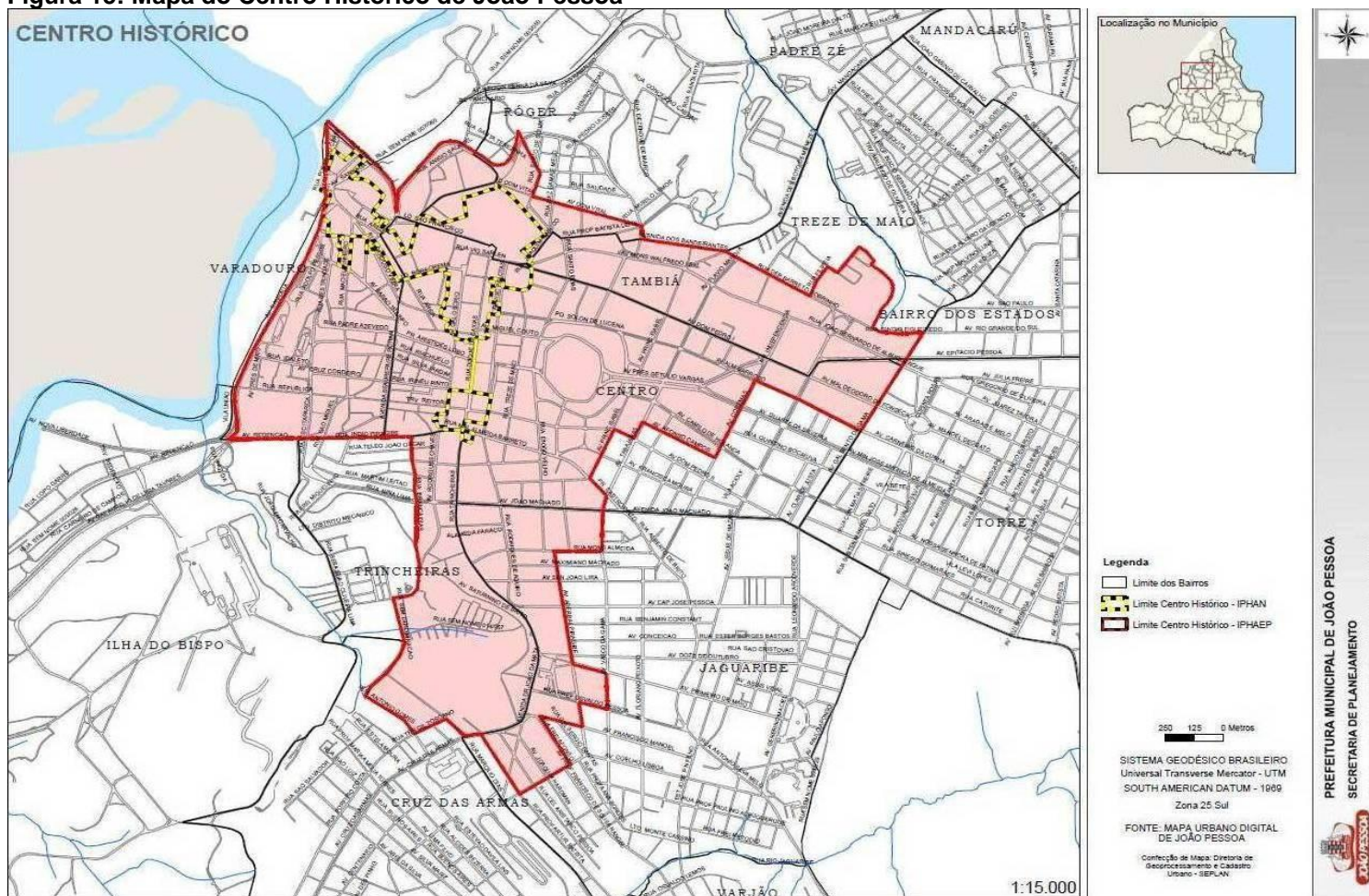
No mapa abaixo, identificamos os limites do Centro Histórico de acordo com dados da Prefeitura Municipal de João Pessoa<sup>21</sup> (Figura 15)

---

<sup>21</sup> O site da Prefeitura Municipal de João Pessoa apresenta informações sobre os mapas da Cidade. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/secretarias/setur/joaopessoa>>.



Figura 15: Mapa do Centro Histórico de João Pessoa



Fonte: João Pessoa.

Como apontado anteriormente, os imóveis e locais tombados representam e fazem parte de mais de 400 anos de história da cidade. São prédios representativos dos vários períodos da história de João Pessoa: o Barroco, o Rococó, Maneirismo, arquitetura Colonial e Eclética, o Art-Nouveau e o Art-Déco. Na tabela a seguir, identificam-se os principais estilos do Centro Histórico de João Pessoa:

**Tabela 4: Principais estilos do Centro Histórico de João Pessoa**

<b>Arquitetura colonial</b>	Porto do Capim, Igreja da Misericórdia, Academia Paraibana de Letras, Sobrado Conselheiro Henriques
<b>Estilo Barroco</b>	Conjunto arquitetônico da Igreja de São Francisco, Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Igreja de São Bento
<b>Art Déco</b>	Lyceu Paraibano, Batalhão da Polícia Militar, Paraíba Palace
<b>Eclétismo</b>	Casario da Praça Antenor Navarro
<b>Neoclássico</b>	Igreja de São Frei Pedro Gonçalves

Fonte: Elaboração da autora.

Observa-se que nos marcos do Centro Histórico existe uma ferramenta de orientação para aqueles que se deslocam nessa área: “Roteiros para Pedestre no Centro Histórico de João Pessoa”. Existem dois roteiros para pedestre, os roteiros “Cidade Alta” e “Cidade Baixa”. De acordo com dados da Secretaria Municipal de Turismo (SETur) de João Pessoa, o “Projeto de Sinalização Turística para Pedestre no Centro Histórico de João Pessoa-PB” contempla a colocação de 162 placas de sinalização turística, sendo 78 Placas Direcionais, 07 Placas de Bronze indicando Monumentos Federais, 28 Placas Internas de Monumento, 35 Placas Externas de Monumento, 3 Placas de Mirante e 11 Placas de Área Tombada. Essas placas trazem orientações básicas de percurso aos principais atrativos culturais, sinalizando o acervo patrimonial histórico-urbano do Centro Histórico, além de proporcionar informações sobre os monumentos situados na área. Esse projeto teve o objetivo de sinalizar os atrativos para permitir aos visitantes o deslocamento a pé pela cidade.

De acordo com dados da Prefeitura Municipal de João Pessoa, os roteiros: “Cidade Alta” e “Cidade Baixa” revelam belezas como o Hotel Globo, onde é possível contemplar o Rio Sanhauá, local onde a cidade, que foi fundada em 1585, nasceu; além de outros atrativos, como a Estação Ferroviária, a Igreja de São Francisco, o Parque Solon de Lucena, a Praça João Pessoa e o Pavilhão do Chá. No Parque Solon de Lucena, cartão postal da cidade, é possível contemplar a obra

‘A Pedra do Reino’, monumento em homenagem ao dramaturgo e escritor paraibano Ariano Suassuna<sup>22</sup>.

“O Roteiro traz à memória dos seus praticantes uma parcela considerável da história da cidade de João Pessoa, uma vez que, os mesmos podem percorrer monumentos que ditam desde os tempos áureos de início da colonização da Paraíba, passando por tempos de lutas, de mudanças e de consolidação da cidade como a se conhece hoje. Através das placas interpretativas (placas externas de monumento, placas internas de monumento, placas de mirante e placas de área tombada), o visitante poderá se abastecer de diversas informações a respeito de datas de construção dos monumentos, estilos arquitetônicos, o que se passava em dada época, etc. Estes recortes ao longo dos dois percursos traçam a real história de construção e consolidação da história da cidade de João Pessoa.” (JOÃO PESSOA, p. 08)

Além de turístico, é um roteiro que reconhece e valoriza a história da cidade. A preocupação com a conservação e o respeito ao patrimônio cultural foram considerados ao se formatar tal roteiro, considerando esse um fator de desenvolvimento econômico e social da localidade. No entanto, esse roteiro não garante e nem esgota as possibilidades de desvelamento do Centro Histórico. São inúmeros os desvios que podem conduzir aquele que caminha a criar o seu próprio destino. Entre o traçado oficial proposto e a rota criada pelo “caminhante solitário” é toda a configuração do espaço que se altera. Emerge daí um desenho urbano cambiante porque sempre em constituição. Esse é o ponto de partida desta pesquisa.

---

<sup>22</sup> Ariano Vilar Suassuna nasceu em João Pessoa (PB), em 16 de junho de 1927. Ligado diretamente à cultura, iniciou em 1970, em Recife, o “Movimento Armorial”, interessado no desenvolvimento e no conhecimento das formas de expressão populares tradicionais. Entre 1958-79, dedicou-se também à prosa de ficção, publicando o **Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta (1971)** e **História d’O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão / Ao Sol da Onça Caetana (1976)**, classificados por ele de “romance armorial-popular brasileiro”. É membro da Academia Paraibana de Letras e Doutor *Honoris Causa* da Faculdade Federal do Rio Grande do Norte (2000).

## 4 SÍNTESE INTERPRETATIVA

### 4.1 O CORPO EMBALADO PELA CHUVA

Casados há pouco mais de um ano, George Martins e Carolina Araujo, residentes na capital paraibana, resolvem aproveitar um dia das férias de Carolina, esse, 08 de agosto de 2012, para passear no Centro Histórico de João Pessoa<sup>23</sup>. Mesmo com dor de dente e receosa porque o tempo sinalizava que iria chover, ela resolve acompanhar seu marido nessa caminhada.

Logo de início, percebe-se que, como afirma Gros (2010, p. 11), “há a liberdade suspensiva oferecida pela caminhada, mesmo que se trate de um mero passeio: desvencilhar-se do fardo das preocupações, esquecer por um tempo os compromissos.” Esses dizeres resumem, inicialmente, o percurso do jovem casal pelo Centro Histórico de João Pessoa. No entanto, a vontade de ficar livre das obrigações do trabalho foi apenas trocada por algumas situações que exerceram pressão nesse dia: as incertezas do tempo e a dor de dente de Carolina. Nesse sentido, o caminhar/passear estava envolto por uma atmosfera nada propícia para *flanar* livre de qualquer preocupação. Se, como afirma Calvino (p. 64), “é o humor de quem olha que dá a forma à cidade de Zembrude”, podemos dizer que a ameaça de chuva e a dor de dente influenciaram negativamente tanto no humor quanto na disposição de Carolina. Ao caminhar, seu corpo foi dominado por essas imposições, parecendo que apenas George caminhava/passeava livre de qualquer preocupação. Para Carolina é impossível *flanar* sob tantas influências. Passear não é uma atividade simplesmente física. Para de fato deambular, ela precisa se desfazer daquilo que a incomoda.

Logo, destaca-se o tipo de deslocamento realizado pelo casal. A princípio, realizado de carro, pela distância de sua residência até o ponto de partida do

---

<sup>23</sup> Todas as informações referentes ao patrimônio do Centro Histórico de João Pessoa foram extraídas, na íntegra, do “Projeto de Sinalização Turística para Pedestre no Centro Histórico de João Pessoa”, s/d.

passeio, a Praça Dom Ulrico<sup>24</sup>. Eles escolhem iniciar o passeio nessa praça, estacionando aí o automóvel, *“por ser mais central, pela proximidade entre os prédios históricos e por ter estacionamento gratuito.”* Dessa forma, o primeiro ponto de vista do casal é a rua, onde observam qual o melhor local para deixar o veículo que os trouxera. Em seguida, o corpo, no espaço, reage - organizam-se os objetos essenciais para o passeio: a câmera fotográfica e um bloco de papel para que ele possa escrever livremente sobre as suas percepções.

Às 15h30 tem início o passeio. Só agora George está preparado para começar a perambular e Carolina, mesmo com as pressões adversas (a chuva e a dor de dente que a incomodavam), tenta se animar para acompanhá-lo nessa empreitada. Existe uma diferença entre o passeio de carro e o passeio a pé. Para Schelle (p. 68), há uma *“diferença no movimento que faz com que o espírito reaja diferentemente segundo o modo de locomoção escolhido”*. A forma de passear a pé escolhida pelos *flâneurs* reflete a harmonia do movimento do corpo e as exigências do espírito, a liberdade para se seguir esta ou aquela direção, criando um percurso, o próprio caminho.

O primeiro monumento que chama a atenção de George é o prédio onde hoje funciona a Faculdade de Ciências Médicas, Antigo Colégio de Nossa Senhora das Neves<sup>25</sup>. (Figura 16) Ao mirar o edifício, ele pergunta: - *“O que é JMJ?”*. Nota que é uma sigla que se encontra na fachada do prédio, mas da qual, à primeira vista, não se conhece o significado. Percebe, então, a dificuldade de identificar a nomenclatura e o funcionamento de alguns monumentos, a exemplo desse. Nesse momento, ele registra, em palavras e imagem, a sua primeira impressão do Centro Histórico de João Pessoa:

*- A primeira sensação que tive era de estar perdido em meio a lugares conhecidos. Estava na lateral da Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, olhando para um prédio que tem as letras JMJ, mas que não havia nenhuma*

---

<sup>24</sup> A Praça Dom Ulrico inicialmente denominava-se Largo da Matriz, por estar localizada ao lado da Basílica de Nossa Senhora das Neves, matriz da cidade de João Pessoa, fundada no início da colonização em 1585. Recebeu o nome atual em homenagem póstuma ao benemérito prior do Mosteiro de São Bento, o alemão Dom Ulrico Sonntag, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.

<sup>25</sup> Fundado em 1895, pelo Arcebispo Dom Adauto de Miranda Henriques.

*identificação do que significava. O prédio a que me refiro é onde hoje funciona a faculdade de Ciências Médicas. Outro fator que, a meu ver, empobrece a imagem desta parte do Centro Histórico de João Pessoa é a grande quantidade de carros estacionados próximos aos prédios.*

Desse modo, o corpo do transeunte se relaciona com o espaço quando ele percebe que está perdido no meio de lugares (des)conhecidos. Como habitante da cidade, entrevê a paisagem que surge em meio ao cotidiano, desvelando o Centro Histórico a pé e olhando o que está ao seu redor. Ele está atento a todos os elementos que compõem o conjunto da paisagem, percebendo que *“a grande quantidade de carros empobrece a paisagem desta região”*.

**Figura 16: Faculdade de Ciências Médicas, antigo Colégio de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> das Neves**



Fonte: George Martins, 2012.

Quando passeia a pé, o turista/*flâneur* está disponível para o espaço, ou seja: parar ou continuar a caminhar segundo a sua própria vontade, dirigir-se a todo e qualquer horizonte. Se continuassem o passeio de carro, o corpo se tornaria *“menos ou mais passivo”*, como nos lembra Schelle. Apesar de se cansar menos ao se passear de carro, muitos detalhes deixam de ser percebidos e apreendidos pelos

passantes; a observação realizada do carro não é tão atenta quanto a observação realizada a pé.

O tempo, que antes ameaçava, agora derrama sobre eles a água da chuva. George guarda a câmera fotográfica para que ela não seja danificada com o chuveiro. A seguir, surge um novo ponto de vista. A Faculdade de Ciências Médicas, antigo Colégio de Nossa Senhora das Neves, que antes ele observava, perde, então, o foco da atenção. A paisagem parece revelar surpresas para os transeuntes. Eles se deparam com uma imagem completamente diferente: os olhares de George e Carolina agora seguem para uma pessoa que lhes chama a atenção. Era um candidato a prefeito de João Pessoa que se dirigia à Catedral Basílica Nossa Senhora das Neves<sup>26</sup>. (Figura 17) Como é um período eleitoral, George e Carolina acreditam que essa ida à igreja faça parte da sua campanha.

**Figura 17: Catedral Basílica N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Neves**



Fonte: George Martins, 2012.

---

<sup>26</sup> Seguindo o estilo Barroco, a igreja foi inaugurada em 1741, recebendo a imagem da padroeira. A última construção teve início em 1881, apresentando uma nave central coberta por abóboda e mais duas naves laterais. Sua estrutura atual é caracterizada por elementos do estilo eclético. Para obter o título de Basílica, a Catedral de Nossa Senhora das Neves novamente teve que passar por uma reforma, tendo o presbitério recebido um novo piso; os retábulos foram dourados e policromados, recebeu também uma nova iluminação, e trouxe de volta o trono episcopal.

Diante da chuva, é necessário ajustar os passos de acordo com o tempo meteorológico. Ajustar a caminhada ao tempo, “acompanhar o tempo, ajustar seus passos aos dele como se faz ao lado de uma criança.” (Gros, p. 82).

Passada essa situação, mesmo chovendo, contemplam a paisagem. Mas, quando a chuva fica mais forte, a observação é interrompida, pois, como o corpo se relaciona instintiva e continuamente com o meio ambiente, faz-se necessário procurar abrigo no espaço fechado mais próximo: a Catedral. Assim, a procura por abrigo é uma das “*causas mais frequentes de apropriação do espaço*”, como afirma Cullen (p. 25). A Basílica então é ocupada porque os passeantes precisam se proteger da chuva. (Figura 18)

**Figura 18: Altar-mor da Basílica de Nossa Senhora das Neves**



Fonte: George Martins, 2012.

Ao ocupar o território da igreja, George e Carolina se deparam com o candidato e sua equipe, que logo fazem questão de cumprimentá-los. Em seguida, George aproveita o período em que espera o tempo melhorar para se apropriar do



interior do monumento. Diante da variação do tempo meteorológico, o humor de Carolina é outra vez alterado. Seu corpo percebe a mudança do tempo chuvoso sentindo frio. Além das condições que levam à ocupação desse local, destaca-se a relação fora/dentro, espaço aberto/fechado. Ou seja, o espaço se configura em função de nossa posição, de nosso ponto de vista. Os turistas/*flâneurs* sentem: “*Estou aqui ou Estou a entrar aqui.*” (CULLEN, p. 9).

Mas, caminhar, no sentido aqui formulado, é estar do lado de fora, ao “ar livre”. Passada a chuva, o espaço exterior convoca o *flâneur* a continuar a espreitar os vários ângulos da cidade. Toda a estada dentro da Catedral foi cronometrada pelo tempo, não das horas e minutos, mas pelo tempo meteorológico, da chuva e do sol, este último o indutor de boa parte da caminhada.

E o passeio prossegue. Segue-se para a Casa da Pólvora<sup>27</sup> (Figura 19) pela rua em frente ao Antigo Colégio de Nossa Senhora das Neves, passando pela Travessa São Francisco e chegando ao destino em apenas cinco minutos. Nesse momento, a Casa da Pólvora se encontra fechada, sendo possível apenas se apropriar do espaço externo e contemplar a paisagem que a envolve.

---

<sup>27</sup> Em 1693, foi solicitada a sua construção; entretanto, só em 1704, no reinado da Rainha Catarina foi assinada, em Portugal, a Carta Régia que ordenava a construção da Casa da Pólvora, ficando pronta em 1710, no Governo de João da Maia da Gama. Devido à Guerra dos Mascates, em Pernambuco (1711), o governador da Capitania transferiu a munição para a Fortaleza de Santa Catarina. Passada a guerra, a munição não retornou à Casa da Pólvora, que ficou abandonada a partir de então.

**Figura 19: Casa da Pólvora**



Fonte: George Martins, 2012.

Como os caminhantes se encontram em um ponto mais elevado, é possível se ter uma visão panorâmica da cidade, tornando a paisagem composta pelo todo que a visão abarca, ou seja, o horizonte. Identificando-se alguns elementos dessa paisagem, entre diversos telhados vemos prédios que se destacam pela sua arquitetura e pela cor viva das suas fachadas. Ao fundo, o horizonte parece tomado pelo verde da mata, demonstrando que essa parte do Centro Histórico não é composta só de monumentos históricos, mas também de natureza. (Figura 20)

**Figura 20: Visão do Centro Histórico com natureza ao fundo**



Fonte: George Martins, 2012.

Como a Casa da Pólvora se encontra em uma ladeira, George resolve ir para um ponto mais baixo para fazer registros fotográficos. Ao descer, ele escorrega na grama, provavelmente encharcada da água da chuva que há pouco caíra. A felicidade toma conta do casal que se diverte com a queda. A visita à Casa da Pólvora dura apenas cinco minutos e, logo em seguida, resolvem continuar o passeio até a Praça Anthenor Navarro. Escolhem esse percurso por ser *“a Casa da Pólvora emblemática, e a Praça Anthenor Navarro porque quando se fala em Centro Histórico de João Pessoa se remete principalmente a essa praça”*.

O contraste entre os espaços, acima ou abaixo do nível médio do terreno, a alternância das pressões (dor de dente, frio, chuva) e os momentos de felicidade dão à caminhada, pouco a pouco, ares de passeio. Assim, as pressões do início são esquecidas com o rumor da diversão. Também, nesse momento, pouco importa se o monumento está aberto ou fechado, pois o mais importante é a sintonia com o meio ambiente, a contemplação da paisagem que os envolve e a queda do transeunte.

Ao sair da Casa da Pólvora, percebem duas pessoas que podiam ser consideradas suspeitas, pois, em meio a uma ladeira, localizada em um lugar com

pouca movimentação no Centro Histórico de João Pessoa, corriam na direção do casal. Assim, George descreve a cena:

*- Mais abaixo em direção à Casa da Pólvora, há indicação em uma placa que remete ao Casarão do JMJ, na que indica que ali é a Antiga Escola de Nossa Senhora das Neves. Próximo à Casa da Pólvora, aproximaram-se duas pessoas suspeitas em minha direção. Afastei-me, pois não há segurança nem movimentação no local.*

Desse modo, o Centro Histórico de João Pessoa revelava surpresas a cada passo dos turistas/*flâneurs*. Para Calvino (p. 44), *“as cidades, como os sonhos, são construídos por desejos e medos (...)”* O ambiente, que antes parecia tranquilo, agora, desperta no casal um sentimento de insegurança. George se assustou com o que encontrou durante a caminhada, com as pessoas suspeitas que vinham em sua direção.

O ritmo da caminhada muda de acordo com o que anima a cidade. Os turistas/*flâneurs*, atentos a todos os detalhes, aceleraram seus passos. Cautelosos, observam melhor o espaço, procurando despistar aqueles que os incomodavam e buscam caminhos mais tranquilos para continuar o passeio.

Observam que no estacionamento do prédio da Faculdade de Ciências Médicas havia uma pessoa que faz a segurança do local e logo ficam mais tranquilos. As pessoas suspeitas foram para o caminho oposto ao deles e assim acabou-se a desconfiança. Ao passar novamente em frente à Faculdade de Ciências Médicas, George presta atenção na sinalização da placa de pedestre que indica o nome dos monumentos.

Viram-se à direita e seguem para a Praça Antenor Navarro, pela Ladeira da Borborema<sup>28</sup>. Carolina logo percebe o quanto a ladeira é íngreme, por se encontrar em um nível muito acima do terreno. Sua reação emocional então é comentar com George que não vai conseguir fazer o percurso de volta caminhando. Essa sensação perante a sua posição na ladeira é uma relação do corpo com o espaço, onde este elemento propicia e limita de alguma forma o seu passeio a pé pelo Centro Histórico de João Pessoa. Torna-se fácil para descer, mas difícil o retorno a pé. A Ladeira da

---

<sup>28</sup> Primeira rua da cidade, fazendo ligação entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa do Centro Histórico de João Pessoa.

Borborema então surge como elemento principal da caminhada. Concordando com o pensamento de Cullen (p. 12), *“há uma reação emocional típica quando nos encontramos muito abaixo do nível médio do terreno ou muito acima dele.”* Como o corpo expressa cada um dos movimentos de Carolina, logo ela tem uma reação emocional ao perceber o quanto a ladeira é íngreme.

Por outro lado, ao descer a Ladeira da Borborema, lembranças antigas tomaram conta do pensamento de George, e ele relembra o período carnavalesco, de quanto passou e brincou por ali durante o carnaval. Percebe-se, portanto, que o passeio realizado é composto por elementos que vão além do que a visão pode abarcar no momento. Ao caminhar pelas ruas do Centro Histórico de João Pessoa, as percepções do presente são envolvidas por lembranças antigas, por experiências vividas, anteriormente, nesse local pelo caminhante. O reconhecimento do lugar o fez lembrar momentos que fogem à rotina, onde a alegria e as marchinhas de carnaval pareciam envolver aqueles que brincavam naquela época. Assim, a ladeira que para ela é íngreme e proporciona uma sensação de cansaço, para ele é percebida de maneira bem mais atraente, reconduzindo-o a um passado outrora, ali, vivido.

Dessa maneira, a memória de George é aguçada ao descer a Ladeira da Borborema. Esse espaço tem um impacto direto sobre suas emoções. O Centro Histórico de João Pessoa pode ser comparado, agora, à cidade refletida por Calvino (p. 14), aquela que se constitui *“das relações entre as medidas de seus espaços e os acontecimentos do passado”*. Assim, a percepção dos turistas/*flâneurs* se faz na interação dos sentidos de seus corpos com o que se deixa transparecer no espaço.

Portanto, é possível compreender que a caminhada pelo Centro Histórico vai além de um simples deslocamento. Ao passear pela cidade, muitas lembranças vêm à tona, sendo cada percurso pontuado por momentos que marcaram a vida dos turistas/*flâneurs* em questão. Por outro lado, alguns elementos sensíveis fazem parte do contexto do passeio: um cheiro de urina exala pelo caminho, levando a crer que o espaço é utilizado como banheiro a céu aberto. Uma pequena vila localizada ao lado da ladeira também é percebida por George. Chega-se ao final da Ladeira da Borborema e eles viram à direita para a Rua da Areia.

A Rua da Areia chama a atenção por ser constituída por muitos prostíbulos. Logo, uma “Boate” chama a atenção dos passeantes por se destacar de outros estabelecimentos, pois possui na sua fachada cores e imagens extravagantes e fora de um contexto para o horário comercial. Ao passar por essa rua, os dois relembram novamente momentos que marcaram as suas vidas. Carol se lembra de uma entrevista de emprego que teve nessa rua, comentando ironicamente, porque esse lugar se destaca pelos muitos estabelecimentos, mais conhecidos na capital paraibana como “puteiros”. Lembra-se também de quando George precisou fazer a perícia médica para validar o atestado dele, na junta médica da Polícia Militar, em um daqueles prédios.

Termina a Rua da Areia e chega-se à Praça Anthenor Navarro<sup>29</sup> às 16h20. (Figura 21) George, de início, se incomoda com o movimento dos carros, o que dificulta a contemplação da paisagem. No entanto, logo seu ponto de vista se acostuma com a rotina do Centro Histórico em horário comercial. George ressalta, nesse momento, que o poder público está um pouco afastado, pois existem alguns bancos quebrados no meio da praça:

*- Na Praça Antenor Navarro, mais sinais de abandono. Vários bancos quebrados e a grama já não é tão verde. A maioria das lojinhas ou armazéns está de portas fechadas às 16h21min de uma quarta-feira. Como atrair turista se está tudo fechado?*

---

<sup>29</sup> O Centro Histórico da cidade de João Pessoa apresenta uma área verde urbanizada na ordem de aproximadamente 3,5 Ha, distribuídos num total de onze praças. Dentre essas, destaca-se a Praça Anthenor Navarro, não apenas pelo seu importante aspecto paisagístico, mas também, por possuir em seu entorno um valioso casario do início do século XX, de características originais e de valor histórico arquitetônico singulares. Utilizada inicialmente como praça de aluguel de carros até meados da década de 1930, no governo do Presidente João Pessoa. Logo após a Revolução de 1930, dentro do processo de reurbanização do centro da cidade proposto naquele período, a praça foi reinaugurada com o nome de Praça Anthenor Navarro, em 24 de abril de 1933, em homenagem ao governador Anthenor de França Navarro.

**Figura 21: Praça Antenor Navarro**



Fonte: George Martins, 2012.

Observa-se, no depoimento, a sua indignação com o abandono dessa parte do Centro Histórico. Ele também faz uma análise crítica do turismo da cidade, ao demonstrar que um local desprezado não é atrativo para os turistas.

Ao sair da Praça e encaminhar-se ao Largo de São Frei Pedro Gonçalves<sup>30</sup> às 16h26, George se impressiona com a beleza de uma casa laranja (Figura 22), casa 48, localizada ao lado da Igreja São Frei Pedro Gonçalves. O pequeno percurso é embalado pelo som de um pandeiro que sai de uma casa chamada Balaio Nordeste, onde, pela janela, é possível se ver alguns músicos ensaiando esse instrumento. Mais à frente, encontram uma casa que vende antiguidades; outra casa que parece ser um restaurante, onde fotógrafos fazem o ensaio fotográfico de

<sup>30</sup> O Largo está diretamente integrado às raízes históricas e à imagem do núcleo primitivo da cidade. Localiza-se no extremo noroeste, sobre o alto do outeiro que defronta o Antigo Porto do Capim, principal via de intercâmbio comercial do Estado até a primeira metade do século XX. É um pequeno espaço de função religiosa, residencial e de serviços, com estrutura urbana consolidada e homogênea, construído em volta da Igreja São Frei Pedro Gonçalves.

uma mulher; uma casa que vende roupas de algodão colorido; e o Memorial da Arquitetura Paraibana. Estando ali por pouco tempo, George se lembra de que está ficando tarde e tem que pegar o carro antes que anoiteça.

- *Chegando ao Pátio de São Pedro, na Igreja de São Pedro Gonçalves, já concluindo meu “tour” me deparo com mais carros estacionados contrastando com a belíssima arquitetura.*

- *Enquanto aguardo o por do sol me vem à cabeça que deixei meu carro há alguns quilômetros daqui. E o que fazer? Não há transporte para o turista retornar para o seu ponto de início.*

**Figura 22: Casa 48, ao lado da Igreja São Frei Pedro Gonçalves**



Fonte: George Martins, 2012.

George pergunta a sua esposa se ela vai conseguir voltar ao ponto de origem do passeio e ela responde que está cansada. Quando ela diz que está cansada, seu corpo revela esse cansaço, o que nos leva a lembrar que, para Merleau-Ponty, as palavras “*são, antes de tudo, um gesto corporal. Pois, antes de ser uma ideia abstrata, a palavra é um som produzido por meu corpo.*” (Merleau-Ponty, apud Ramos, p. 46) Dito isso, em pouco tempo, passa por eles uma carroça



(Figura 23) puxada por um cavalo que parecia ter vindo do Antigo Porto do Capim<sup>31</sup>, local que, no início da colonização, foi um importante ponto de escoamento da produção; e uma das pessoas brinca se eles querem carona.

*Quando passou uma família em uma carroça improvisada me veio à mente que essa seria uma saída para as famílias, que moram nas proximidades do Porto do Capim, contribuírem com o turismo local.*

**Figura 23: A carroça**



Fonte: George Martins, 2012.

Depois de contemplar a paisagem, ele sai às 16h40 para pegar o carro e Carolina fica aguardando. Enquanto isso, ela entra no Memorial da Arquitetura Paraibana<sup>32</sup> e pela janela vê dois acontecimentos: um casal que tira fotos para o

<sup>31</sup> O antigo Porto do Varadouro, conhecido também como Porto do Capim, que era o porto principal da cidade de João Pessoa e que fez a conexão com o interior e os outros Estados por mais de 300 anos.

<sup>32</sup> A edificação foi construída em 1903, conforme inscrição em sua fachada, no Governo do Desembargador José Peregrino D'Araújo. De clara influência Neoclássica, típica do início do Século XX, destinava-se a abrigar a Recebedoria de Rendas vinculada ao funcionamento do Porto do Capim. Em fevereiro de 1990, a edificação foi cedida, pelo Governo do Estado, ao Instituto dos Arquitetos do Brasil para implantação do Memorial da Arquitetura Paraibana.

casamento no Hotel Globo; e um motoqueiro que cai durante a sua passagem na ladeira que liga o Largo de São Frei Pedro Gonçalves ao Antigo Porto do Capim. Da janela, a paisagem é formada pela maneira como Carol olha o que está em sua volta. Pela janela do Memorial de Arquitetura Paraibana, Carolina contempla a paisagem. Vê-se o movimento em torno daquele espaço exterior: uma paisagem se forma pelo elo entre seus vários elementos.

Carolina entra no Hotel Globo<sup>33</sup> para aguardar George. Apropriando-se do espaço, no Hotel Globo, o casal senta-se em um banco para apreciar a paisagem. Como apontado anteriormente, os turistas/*flâneurs* são livres para seguir o seu próprio caminho de acordo com a liberdade de espírito que não os obriga a ir aqui ou acolá. Então eles param onde bem lhes aprouver. Assim, em frente ao Rio Sanhauá, afluente do Rio Paraíba, param, contemplam a paisagem, esperam o brilho do sol raiar em meio ao tempo nublado. A paisagem, entretanto, não é apenas a contemplação. É o elo entre o percurso até a escolha desse lugar, englobando toda a experiência aí vivida. As árvores também contribuem na formação da paisagem, mais precisamente, a relação entre elas e o monumento. Enquanto o corpo se relaciona com o espaço, as árvores os acolhem e os protegem da chuva.

Sentados no banco, relembram o sonho de fazer a festa de casamento nesse local, sonho interrompido por ser um local público. Naquele momento, esquecem-se das horas, dos registros fotográficos e dos registros escritos. Parece que a lembrança toma conta e a conversa embala um momento de nostalgia. Começa a chover novamente. Mesmo sendo um espaço aberto, não foi necessário se abrigar em outro lugar, pois as árvores os protegiam da chuva. Contemplam a paisagem. A chuva evita que o sol apareça e com isso impede a formação de uma paisagem cartão-postal, aquela já esperada pelos transeuntes: o belo pôr-do-sol no Centro Histórico de João Pessoa.

Outras paisagens são formadas, agora, mentalmente. As lembranças envolvem o casal e os transportam a um mundo interno, íntimo. O corpo e o espaço estão relacionados por um sentimento, a *stimmung* que fala Simmel (SIMMEL apud DIAS, 2010) “o acordo-acorde entre as impressões e um lugar” (DIAS, 2010, p.35).

---

<sup>33</sup> Na Cidade Baixa encontra-se o Hotel Globo, primeiro hotel de luxo da cidade, com estilo eclético (linhas Neoclássico, Art-Nouveau e Art-Décor).

O tempo passa de acordo com as recordações do passado. A paisagem é embalada pela nostalgia dos passeantes e é animada pela emoção compartilhada pelo casal. *“Essa percepção diferencia a paisagem da natureza e se resumiria ao sentimento despertado pela paisagem no observador.”* (DIAS, p. 126). Na experiência da paisagem, todo o corpo é convidado a participar da construção de um lugar. *“Não existe paisagem sem o engajamento do corpo porque ela se compõe de nossos passos, nossos barulhos, nossas lembranças, nossos olhos e de nossos trajetos.”* (DIAS, p. 128).

A paisagem, então, emerge da relação do espaço com o sujeito. Ela aqui é formada pelo elo entre os seus diversos elementos: o percurso, o tempo meteorológico, o monumento, a intimidade com o espaço e as lembranças dos turistas/flâneurs.

Passado o tempo, resolvem ir embora, pois com o tempo nublado não seria possível contemplar o pôr-do-sol. No momento de tirar o automóvel do estacionamento, uma triste surpresa que aborrece o casal: o carro fica preso no meio fio, sendo necessária a ajuda de outra pessoa para poder retirá-lo. Ao se preparar para ligar o automóvel, George vê que, mesmo com o tempo nublado, o sol saiu. Então ele resolve voltar ao Hotel Globo para apreciar a paisagem. Só depois de capturar belas imagens do ocaso é que o passeio acaba. (Figura 24)

George assim relata o final do passeio com sua esposa, no dia 08 de agosto de 2012, ao Centro Histórico de João Pessoa:

*- Minha reflexão final é a de que o Centro Histórico de João Pessoa neste momento de muita movimentação, sobretudo de carros, [...] com um vazio [...] que se reforça pela a sensação de abandono total.*

**Figura 24: Pôr-do-sol visto a partir do pátio do Hotel Globo**



Fonte: George Martins, 2012.

#### 4.2 ORIENTANDO-SE PELAS TORRES DAS IGREJAS

Reginaldo G. Martins é um paulista que adora viajar. É também amante da fotografia. Seu *hobby* é captar belas imagens, principalmente durante as suas viagens. Ele e um grupo de amigas resolvem aproveitar o feriadão de 15 de outubro de 2012 na capital paraibana. Essa escolha se deu por duas circunstâncias: por João Pessoa ser uma cidade do Nordeste que possui belas praias; e por possuir melhor custo benefício comparado às cidades vizinhas, Natal e Recife. Depois de ter aproveitado o litoral por dois dias, ele resolve conhecer um pouco do Centro Histórico de João Pessoa no seu último dia de permanência na cidade.

O tempo que Reginaldo reservou para organizar a sua viagem é um tempo diferenciado. Seu tempo livre, o tempo que ele reserva para fazer turismo, “*toma una dimensión interior claramente superior a la del tiempo normal, ya que, por definición,*

*está libre de una gran parte de las obligaciones cotidianas: trabajo, desplazamiento, preocupaciones y servidumbres.*” (HAULOT, 1991, p. 26). Ao viajar, as únicas obrigações que parecem existir são aquelas que se relacionam com as necessidades básicas do indivíduo, como comer e dormir. Longe dos compromissos da rotina, dedica seu tempo livre a desvelar a capital paraibana, sua cultura, sua natureza, sua gastronomia e sua história.

Ao escolher João Pessoa para ser contemplada, Reginaldo Martins cria expectativas a respeito dessa cidade. Como um turista/*flâneur*, ele prefere organizar sua própria viagem, desvelar por conta própria a cidade, longe dos profissionais que conduzem o olhar do turista. Sua intenção é deslocar-se de ônibus até o ponto inicial do percurso e depois seguir o seu caminho a pé, domingo de manhã, pelo Centro Histórico de João Pessoa. O olhar, nesse dia, estará direcionado para as *“paisagens arquitetônicas”* do Centro Histórico de João Pessoa.

Hospedado no famoso hotel da cidade, o Hotel Tambaú, ele acorda cedo e se prepara para a caminhada no Centro Histórico reforçando o seu café da manhã. Ao sair do hotel, dirige-se para a parada de ônibus mais próxima e logo pega uma condução até o Parque Solon de Lucena – “A Lagoa”<sup>34</sup>. Às 8h30 chega nesse ponto. Logo comenta: - *Quero ir ao laguinho, à igreja e às casinhas coloridas.* Assim ele descreve o motivo pelo qual deseja conhecer esses três atrativos:

- *Gosto de ver as paisagens arquitetônicas das cidades que visito. Esses locais trazem três momentos distintos do desenvolvimento da cidade, que são:*

*A igreja: mostra a religiosidade e a devoção da população a essa religião. Geralmente esses monumentos são os primeiros a serem construídos nas cidades e trazem muito da história do local;*

---

<sup>34</sup> Tombada como Patrimônio Histórico e Ambiental, pelo Decreto Estadual 8.653 de agosto de 1980, o Parque Solon de Lucena - “A Lagoa” - conhecida no início do século XX como Lagoa dos Irerês, ficava no quintal de um terreno, outrora dos jesuítas. A área que circunda a Lagoa passou a ser Parque Público por volta de 1922, durante o governo de Solon de Lucena, mas foi somente nos anos de 1930, na administração de Argemiro de Figueiredo, que o projeto ganhou forma urbanística, com o calçamento dos anéis internos e externos da Lagoa e jardins. O projeto paisagístico é da autoria do paisagista Roberto Burle Marx e considerado cartão postal da cidade de João Pessoa. Destacam-se ao redor da Lagoa o colar de palmeiras imperiais, exemplares de Ipê Amarelo e outras árvores da reserva da Mata Atlântica; e, no centro, a fonte luminosa trazida da Inglaterra.

*As casinhas coloridas: mostram restaurações do passado com um olhar de hoje, ou seja, mostra o orgulho pela história com uma lapidada de modernidade e bem querer pela história local.*

*O laguinho: esse já é a figura do novo paisagismo e modernismo da cidade, faz parte da conformação mais moderna da cidade e liga o passado com o presente e os anseios para o futuro.*

*- Gosto dessas três figuras porque mostram as três fases de uma cidade. Existem cidades que são totalmente voltadas para o passado, por exemplo: Olinda. Outras cidades são totalmente voltadas para o futuro: Toronto/Canadá. E aquelas que mesclam muito o passado e o futuro: Londres/UK.*

*- Bom, essas são minhas palavras para tentar descrever um pouco da minha paixão por registrar essas maravilhas arquitetônicas!*

Ele diz que sempre que viaja prefere primeiro dar uma volta na cidade para ver o que tem, para só depois voltar para tirar fotos. Mas não é isso o que parece acontecer. A todo o momento ele tem em mãos a sua câmera fotográfica, registrando a cada segundo as paisagens da cidade. Ao caminhar em torno da Lagoa, um dos primeiros elementos que chama sua atenção no parque é uma árvore. Sem saber ao certo qual caminho seguir, ele comenta que tem uma boa memória fotográfica.

Depois de caminhar um pouco, percebe que um pedinte que o incomodava para de segui-lo. A insegurança que antes o perturbava agora o deixa livre para passear pelo centro da cidade. No decorrer do percurso, percebe um edifício diferente, é o prédio do INSS. Observando a paisagem ao longo do trajeto, logo tem uma má impressão da cidade: o lixo na rua. Em uma manhã de domingo, a cidade parece não ter despertado e o lixo toma conta das ruas quase desertas do Centro Histórico de João Pessoa.

A todo o momento, o turista/*flâneur* registra, por meio de fotos, as paisagens do Centro Histórico de João Pessoa. Sua percepção visual está ligada ao seu modo de olhar e ao aspecto fundamental desempenhado pela fotografia. A fotografia é um dos *olhares* mais adotados na experiência turística moderna, uma atividade que, segundo Urry, “*haveria de tornar-se emblemática do turista: o democratizado ato de fotografar, de ser visto e registrado, de ver os outros e registrá-los.*” (URRY, p. 185).

As fotos tiradas pelo transeunte registram cada passo do seu desvelar. Ele apreende, apropria-se da paisagem por meio das suas fotografias.

Passeia sozinho, pelo menos na aparência, pois vários elementos compõem a paisagem e lhe fazem companhia durante a caminhada. *“Não se está, portanto, sozinho porque ao caminhar conquista-se a simpatia de tudo que, estando vivo, nos cerca: as árvores e as flores.”* (GROS, p. 62). Seguindo seu próprio caminho, o turista/flâneur se deslumbra com a imponência das árvores que estão ao seu redor.

O seu corpo se relaciona com o espaço. Tentando se orientar, olha para o alto. Ao longe, entre o céu e a terra, o turista/flâneur encontra a direção: a torre da igreja mais próxima. Ao atravessar o Centro Histórico de João Pessoa, surgem diferentes pontos de vista. Olhando para o céu, vê-se a torre. Olhando para a rua, encontra-se o lixo. *“Por outras palavras, embora o transeunte possa atravessar a cidade a passo uniforme, a paisagem urbana surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas.”* (CULLEN, p. 11).

Caminhando/passeando, está atento a todos os detalhes. Quase sempre maravilhado com o que vê, encanta-se ao mirar a Igreja de Nossa Senhora do Carmo<sup>35</sup>. Por outro lado, o olhar se desvia para a falta de conservação do monumento. O turista/flâneur caminha, passeia, observa e registra cada instante. O lado positivo e negativo, o bonito e o feio, o limpo e o sujo, o cuidado e a falta de conservação.

Caminhando e refletindo, lembrando e comparando, o traçado das ruas do Centro Histórico lhe chama a atenção. Considera as ruas dessa parte da cidade largas, porque, geralmente, quando ele viaja para cidades históricas, as ruas são mais estreitas. Embalado por todo o teor histórico desse limite da cidade, a curiosidade de saber quando a cidade foi fundada lhe vem à mente. Apropria-se do espaço pelo movimento. Ao caminhar/passear sente o traçado das ruas do Centro Histórico de João Pessoa e as ocupa.

---

<sup>35</sup> Em estilo Barroco, a Igreja possui uma única torre com fachada executada em cantaria e frontão com o brasão da Ordem do Carmo: o Monte Carmelo com três estrelas e a coroa de Nossa Senhora do Carmo. Todos os altares da igreja possuem camadas de repintura que recobrem a policromia original, assim como os elementos da cantaria e os forros da nave e da capela-mor.

Reginaldo está atento a tudo o que o rodeia durante o passeio. Os monumentos, o traçado das ruas, o lixo que o incomoda. E a natureza não fica despercebida: agora ele se encanta com a beleza de um pássaro.

Depois de contemplar a paisagem, às 8h40 resolve entrar na Igreja de Nossa Senhora do Carmo (Figura 25 e 26) para apreciar o seu interior. Do lado de fora da Igreja, apropria-se da cidade, do lado de dentro, apropria-se do seu interior. É o que ele gosta de fazer. Caminhar, passear, contemplar e tirar muitas fotos do que considera importante e bonito. Abaixo, ele descreve a sua percepção nessa primeira parada na Igreja de Nossa Senhora do Carmo:

*- É uma igreja muito interessante com toda a influência portuguesa que nossas igrejas brasileiras têm. O esmero e o cuidado como os detalhes são feitos trazem o tom da fé católica que nosso povo tem. Eu, particularmente, gosto muito de igrejas por conta do grande cuidado com a arquitetura desses templos maravilhosos. Essas construções trazem também a história e a cultura de uma civilização, mostra o quanto é importante o credo em nossas vidas.*

**Figura 25: Igreja de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Carmo**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.



**Figura 26: Painel de azulejos**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.

- *A Força da Cultura Católica do Brasil traz tesouros maravilhosos! - Algo que não pude deixar de notar foi o mau estado de conservação da Igreja, o que é uma pena por se tratar de um prédio muito bonito.*

- *Vejam que os azulejos necessitam de uma restauração e cuidados com manutenção adequados. O jardim externo da igreja mostrou-se muito belo e bem conservado!*

Reginaldo é um turista/flâneur do século XXI. Caminha/passeia, olha/contempla, observa/registra. A relação entre o turista/flâneur e a fotografia se dá à medida que, ao caminhar/passear, ele se aproxima da cidade para olhar e olhar também através da câmera. Mirada fotográfica que desvela e armazena paisagens vividas.

Esse turista/flâneur, assim como “o fotógrafo do século XX é atraído por todos os lugares, por cada objeto, acontecimento e pessoa possíveis.” (URRY, p. 185). Ele registra a cada instante o que lhe chama mais atenção na paisagem. Seu olhar está direcionado para os detalhes da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, captando ao mesmo tempo a riqueza e os prejuízos na sua conservação. Nas fotografias ficam registradas o enquadramento do olhar, as peculiaridades da

paisagem, o resultado de uma experiência sensível no espaço, a prova e a consolidação do passeio no Centro Histórico de João Pessoa. Fotografar, para o turista/*flâneur*, faz parte da viagem, do turismo. Cada detalhe é captado pelo olhar e registrado na memória e em imagens. *“Fotografar é apropriar-se, de certo modo, do objeto que está sendo fotografado. É uma relação de poder/conhecimento. Ter conhecimento visual de um objeto é, em parte, ter poder sobre ele, ainda que momentâneo.”* (URRY, p. 186).

Assim, livre de qualquer obrigação, ele faz aquilo de que mais gosta – fotografa. Na Igreja de Nossa Senhora do Carmo registra a arquitetura, o teto, as pinturas, os azulejos: *“as imagens fotográficas organizam nossas expectativas ou nossos devaneios sobre os lugares que poderíamos contemplar. Quando estamos viajando, registramos imagens daquilo que contemplamos.”* (URRY, p. 187).

Aprecia todo o monumento e segue para o jardim da igreja encantado com a natureza do lugar. O toque do sino de alguma igreja próxima embala com seu som esse momento do passeio.

Mesmo envolvido por toda a história da cidade, a modernidade não fica de fora do passeio. Ele pega o seu celular e usa a tecnologia como ferramenta do percurso. Faz *check in* no seu aparelho às 8h45 para registrar o horário e os caminhos por onde passou. Em seguida, deixa a Igreja de Nossa Senhora do Carmo em direção ao Conjunto Franciscano<sup>36</sup>. No caminho, um cheiro forte aguça seus sentidos. O odor de urina presente na rua o faz comparar o centro de João Pessoa com a Praça da Sé, no centro de São Paulo. Além dos sentidos do olfato, agora seu corpo sente os pingos da chuva.

Sempre atento, ele percebe que as ruas têm nomes de Santo. Para ele, isso demonstra que João Pessoa é uma cidade religiosa.

*“O olhar é construído através de signos, e o turismo abrange uma coleção de signos. Quando os turistas veem duas pessoas se beijando em Paris, o que seu olhar capta é uma “Paris intemporal em seu romantismo”.*” (URRY, p. 18).

---

<sup>36</sup> O Conjunto Franciscano simboliza uma das maiores expressões do barroco brasileiro do Século XVIII. A Igreja, de nave única e galilé, possui frontispício em três divisões, apresentando cinco portas em arco pleno, fechadas por torneados em madeira no estilo românico, três janelas do coro com balaustradas de pedra, enquadradas por cunhais e pelas cornijas, com datação de 1779.

Segunda Parada: Centro Cultural São Francisco<sup>37</sup>. Ao contemplar a fachada da Igreja, ele se encanta com a beleza desse monumento. No entanto, a contemplação só pode ser realizada externamente, pois o Conjunto se encontra fechado. Do lado de fora, enquanto espera o monumento abrir, seu corpo sente os raios do sol mais forte, pois como ele mesmo diz, “*o sol ficou mais ardido*”. Outras sete pessoas também aguardam que o Centro abra suas portas para visitação. Reginaldo logo interage com os turistas do Ceará e aproveita para perguntar-lhes se sabem se   permitido tirar fotos dentro da igreja.

Um barulho chama sua atenção.   o ru o da porta do prédio abrindo às 9h. Para ele,   o sinal de que a visitação vai começar. O condutor do Centro Cultural São Francisco aparece e os cumprimenta. Reginaldo se anima e acredita que agora vai conhecer o monumento, mas logo vem uma má notícia, inusitada para um atrativo turístico: perderam a chave da igreja. O condutor pede para que eles esperem enquanto a procuram.

Depois de 15min esperando, o condutor informa que ainda estão procurando a chave. Ele pede para que os turistas esperem mais 10min. Enquanto espera, Reginaldo observa mais lixo na rua e comenta que eles “*podiam ter dado uma varridinha antes*”.

 s 9h20 acham a chave da porta principal. O condutor logo começa sua explicação falando do Cruzeiro (Figura 27) que se encontra na frente da igreja. Reginaldo escuta encantado, mas só quase meia hora depois do horário oficial de visitação   que, tem início a visita. Entrar no templo da época colonial, para ele, reveste-se de uma forma de encantamento. A todo instante ele fica perplexo com cada minúcia que revela o Centro Cultural e a sensa o de descobrir mais um monumento emociona o turista/*flâneur*. A cada passo que ele dá nesse recanto   como se as várias camadas que compõem a cidade desvendassem uma nova paisagem. A impressão que ele tem ao caminhar/passear, nesse momento, nos

---

<sup>37</sup> Em 06 de março de 1990 o Conjunto Franciscano foi reaberto, após sua restaura o, promovida pela SPHAN-Pr -memória e Governo do Estado da Paraíba, abrigando as atividades do Centro Cultural de São Francisco. O Centro Cultural, coordenado pela Arquidiocese da Paraíba,   um Convênio a partir da coopera o de mais seis institui es. Reúne dois acervos permanentes: de Arte Sacra Barroca e de Arte Popular; mantendo também a Galeria de Pedra com fragmentos de peças da arqueologia da edifica o e ainda outras atividades como a realiza o de exposi es, concertos e recitais, projetos de arte-educa o, consulta aos livros de arte e história.

conduz à sensação descrita por Cullen. *“Temos a sensação de estar a desvendar um mistério, de poder vir a descobrir sempre mais alguma coisa se continuarmos a andar.”* (CULLEN, p. 21).

Reginaldo registra o que para ele é a “parte central da igreja”, *“muito bonita e bem conservada”*. (Figura 28)

**Figura 27: O Cruzeiro**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.

**Figura 28: Pátio interno do Conjunto Franciscano**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.

Ao caminhar/passear pelo monumento, o turista/*flâneur* sente na face a brisa que sopra da janela. Há um encontro, um sentimento de prazer e felicidade proporcionados pela liberdade do espírito, por estar a pé e aproveitar as ocasiões que surgem enquanto se flana.

O olhar do turista/*flâneur* sobre o Centro Cultural São Francisco é objetificado pelas fotografias. O corpo e o espaço parecem se relacionar apenas entre os detalhes e a câmera, esquecendo os outros elementos que estão ao seu redor. Nada para ele seria mais interessante do que registrar a sua experiência por meio de imagens.

Ele se perde no meio dos diversos turistas que também visitam esse monumento. Um grupo de, aproximadamente, 25 pessoas se forma para apreciar o Centro Cultural São Francisco. Ele agora tem na escada o seu foco, e seus passos mais uma vez são embalados por um ar de magia que o faz ficar surpreso a cada passo e a cada caminho que percorre dentro do prédio.

Todo o tempo de sua permanência no Centro Cultural São Francisco é envolvido pela beleza da história e arquitetura do lugar. Sua empolgação é tão grande que o submete a uma atitude contrária às normas do Centro Cultural São

Francisco: mesmo não podendo tirar fotos em uma determinada parte do edifício, Reginaldo ainda assim faz registros.

As janelas permitem a entrada de ar tornando o local arejado, fazendo com que um elemento tão básico da natureza se torne, no calor da capital, um fator que mexe com os sentidos de quem passeia debaixo do sol escaldante e sob um calor que muito incomoda. Reginaldo sente a prazerosa brisa e comenta: – *Ventinho bom*.

Parece que ele não está atento ao que o condutor fala. Está tão concentrado nos detalhes, registrando tudo que encontra diante de seus olhos, que, em alguns momentos, é como se ele estivesse sozinho no meio de todas aquelas pessoas, diante dos objetos da exposição, como se existissem apenas ele, a câmera fotográfica e os elementos que o interessavam naquele lugar. A arquitetura, a cultura e a história de João Pessoa o deixam surpreso, pois em seu imaginário a cidade se destacava mais pelo seu litoral, pelas suas belas praias.

Agora sua concentração é interrompida pela graça e bom humor do guia, que faz piada com os turistas e deixa o passeio mais divertido. Reginaldo ri quando ele aponta para a barriga de um turista e usa a sigla “KLB – Ki lapa de bucho” para fazer graça. A alegria e bom humor do nordestino estão o tempo todo no passeio. Sempre que pode, o guia arranca de Reginaldo várias risadas para descontrair o ambiente. O humor do condutor ao apresentar o Centro Cultural São Francisco contagia o turista/*flâneur*. A alegria e o bom humor dos nordestinos, segundo as palavras de Reginaldo, fazem com que o passeio se torne cada vez mais leve, solto, livre de qualquer preocupação. A liberdade de espírito está envolta por esse ar de felicidade, e não de explicações cansativas e enfadonhas.

As gargalhadas agora são substituídas pelo barulho das escadas de madeira que dão acesso ao Coro<sup>38</sup>. Por outro lado, o silêncio toma conta de Reginaldo, pois, concentrado nos pormenores, ele não fala muito. Sentado no Coro, ele admira a pintura e os detalhes dessa parte do sítio visitado. (Figura 29)

Ao sair do Coro, o passeio continua por uma sala que expõe várias relíquias e imagens de Santos. Mas, parece que essa importante riqueza não tem tanta

---

<sup>38</sup> Na Igreja encontra-se, sobre o vestíbulo, o Coro travejado de possantes vigas de madeira de lei, contendo no guarda-corpo crivos em forma de xadrez e uma moldura em talha dourada portando a imagem do Cristo Crucificado em tamanho natural. Nas paredes, observam-se oito painéis com molduras que representam missionários e mártires da Ordem Franciscana.

importância para Reginaldo. O que parece lhe chamar mais atenção é a paisagem, que ele olha da janela que se encontra nesse ambiente. Da janela, no enquadramento do olhar, a paisagem emerge, forma-se. Olha-se a cidade, vê-se a paisagem. Do interior do monumento ele contempla a paisagem exterior. O corpo se apropria do espaço interno e externo através da janela. *“A janela se torna então a medida da paisagem, o limite que divide o espaço em dois, o privado e o público, o interior e o exterior.”* (DIAS, p. 142).

**Figura 29: Vista do Coro**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.

Reginaldo agora parece ser o centro das zombarias, pois o condutor brinca porque ele está com uma blusa que tem a bandeira da Paraíba estampada. Para ele, basta, naquele momento, se divertir com o bom humor do condutor.

Às 10h20 termina o passeio pelo Centro Cultural São Francisco. Para ele *“tudo é belo e lindo porque a igreja tem muita história”*. As lembranças de outras

viagens vêm à tona; comenta que, quando foi à França, adorou a Notre Dame e o Sagrado Coração de Jesus.

Por mais que o percurso no Centro Cultural São Francisco tenha sido deslumbrante, alegre e o turista/*flâneur* tenha desvelado riquezas da arquitetura e da história que constituem João Pessoa, no final, seu corpo sente o cansaço. Cheio de sede, ele bebe água para recompor as suas forças e continuar a caminhar/passear pelas ruas do Centro Histórico de João Pessoa. Esse momento de desconforto, no entanto, pareceu durar muito pouco. Ao se encontrar do lado de fora do monumento, logo veio a recompensa: seu corpo sentiu a brisa que soprou e o envolveu. (Figura 30)

**Figura 30: Fachada da Igreja de São Francisco**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.

Sem bússola, guia turístico, mapa, ou qualquer outro meio de orientação formal em mãos, ele segue flanando e traçando seu próprio percurso, deixando-se conduzir pelas torres das igrejas que vão apontando um caminho.

Assim, às 10h30 chega à Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves. Encanta-se e logo registra a fachada da igreja. (Figura 31)



**Figura 31: Catedral Basílica de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Neves**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.

Ao observar uma placa de sinalização e olhar para o lado, pergunta: - O que está na frente? Palácio do Governo? O monumento assim perde sua atenção e, agora, outro elemento se destaca: a Ladeira da Borborema. (Figura 32) Seu corpo reage diante da ladeira. Olha e sente que não deve descê-la, pois logo pensa na dificuldade em ter que subi-la na volta.

A Ladeira da Borborema se destaca na paisagem. O contraste entre a “Cidade Alta” e a “Cidade Baixa”<sup>39</sup> do Centro Histórico de João Pessoa causa no transeunte uma reação por estar muito acima do nível médio do terreno. O corpo reage e a ladeira direciona o percurso do visitante, pois ele sabe que ficará muito cansado se tiver que descer e subir essa íngreme ladeira. Segue-se, então, por outro caminho.

---

<sup>39</sup> O Centro Histórico prende os olhos de quem percorre seus caminhos, fazendo-se uma volta ao passado, apenas pelo caminhar e pelo olhar, contando, passo a passo, a história da surpreendente cidade. A Cidade Baixa e a Cidade Alta apresentam atrativos para quem busca na arquitetura dos últimos três séculos o testemunho e a descoberta dos detalhes desses períodos, além de outros encantos que se traduzem nas ruas e nas praças.

**Figura 32: Ladeira da Borborema**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.

Em seguida, o turista/*flâneur* olha outra placa e descobre que ali não era o Palácio do Governo. Mesmo diante da insegurança no Centro Histórico de João Pessoa, Reginaldo decide se arriscar e permanecer com a máquina fotográfica em mãos. A vontade de captar belas imagens é maior que o medo. Mais importante que o objeto, são as imagens que ele carrega. Ele quer mesmo percorrer a cidade e poder mostrar, com suas imagens, um pouco do que conheceu durante a permanência em João Pessoa.

Ao sair da Basílica de Nossa Senhora das Neves, segue pela Avenida General Osório em direção à próxima igreja.

Encontrando-se acima do nível médio do terreno, ele percebe que há contrastes na paisagem urbana. Construções novas e antigas se misturam formando

a paisagem do Centro Histórico de João Pessoa. Mais uma vez, a chuva que caiu deixou o tempo e o passeio mais agradáveis.

No caminho, olha para o lado e vê, ao longe, a fachada da Igreja de Nossa Senhora do Carmo (Figura 33), percebendo que já passou lá. Contempla a paisagem: - *Que céu bonito depois da chuva. – Deu uma limpada.* O céu parece envolver o transeunte a todo o momento: conduzindo-o e deslumbrando-o.

**Figura 33: Fachada da Igreja de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Carmo ao fundo**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.

Por não visualizar mais as torres, Reginaldo segue agora as placas de sinalização turística. Percebe que os pontos turísticos são bem sinalizados, utilizando, neste momento, a Sinalização Turística para Pedestre no Centro Histórico de João Pessoa<sup>40</sup>. Destaca a presença da sinalização: - *Não é todo lugar que é*

---

<sup>40</sup> O Projeto foi executado numa parte do Centro Histórico de João Pessoa, tomando como base dois roteiros, Cidade Baixa e Cidade Alta, com o objetivo de implantar sinalização de orientação turística para que o visitante possa ter a opção de um roteiro auto-guiado, por meio da Sinalização de Orientação Turística para Pedestre, como processo de informação e sensibilização do turista/visitante e da população da cidade, permitindo que eles se localizem com facilidade e realizem o maior número possível de deslocamentos a pé, em roteiro estruturado de visitação.

*assim*. Observa no caminho, a Loja Maçônica da Paraíba, Maçonaria Branca Dias<sup>41</sup>, e, ao longe, a Igreja da Misericórdia<sup>42</sup>.

O som dos pássaros embala o passeio e Reginaldo resolve caminhar debaixo da copa das árvores (Figuras 34 e 35). Com a sombra das árvores o passeio fica bem mais agradável. Ele contempla a beleza da árvore: - *Árvore linda. - Folha clara e escura*. Observa até os seus detalhes, a cor das folhas, a mistura que a faz tão bela. Ele não quer da árvore apenas o conforto de uma sombra ao longo do percurso, extrai dela toda a beleza que a natureza tem para oferecer. Esse momento parece embriagá-lo, quando ele comenta enquanto caminha: - *É o que gosto de fazer. - Andar, fotografar, descobrir. - A coroação é quando coloco no facebook e todo mundo curte*.

---

<sup>41</sup> A Loja Maçônica apresenta em sua estrutura um estilo eclético com colunas e pilastras que lembram as edificações do Egito. Já os frontões remetem à arquitetura grego-romana. Na entrada encontram-se o busto do Maçom Augusto Simões, fundador da Maçonaria Branca Dias, e o busto do Ex-Grão-Mestre Olegário Lins e Silva. Há ainda na parede objetos que remetem à construção da Maçonaria e ao antigo porto da cidade. No salão de recepção está instalada a Galeria dos Ex-Veneráveis e o acervo da Biblioteca Calisto Nóbrega. O primeiro andar é reservado para o Templo Maçônico, onde são realizadas as atividades da Maçonaria.

<sup>42</sup> Trata-se de um autêntico exemplar da arquitetura maneirista, edificada no último quartel do século XVI, que ressalta o uso da pedra calcária como expressão da simplicidade praticada no período do Brasil Colônia. O prédio teve como fundador Duarte Gomes da Silveira. Foi construída para abrigar a sede da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, a terceira a ser edificada no Brasil. Desenvolveu um papel relevante no campo da assistência social na Paraíba.

**Figura 34: Acolhida das árvores**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.

**Figura 35: Caminho sob a copa das árvores**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.

O olhar do turista/*flâneur* se direciona, portanto, para a natureza da paisagem. Atento, deslumbra-se com a beleza das árvores, com o tom das folhas, com a brisa e a sombra que o protege. Ele se apropria e ocupa o território ao passear sob a sombra das árvores. Isso lhe proporciona um sentimento de prazer ao caminhar em um clima mais agradável, longe do calor e sol escaldante que antes o perseguia. *“Abrigo, sombra, conveniência e um ambiente aprazível são as causas mais frequentes da apropriação de espaço, as condições que levam à ocupação de determinados locais.”* (CULLEN, p. 25). Flanando, faz o que bem lhe aprouver: passeia, desvela o território, capta paisagens. Assim ele descreve o que viu até aqui:

*- O centro de João Pessoa é muito bonito e muito parecido com vários centros de cidades pelo Brasil. A arquitetura tem grande influência portuguesa e, posso dizer, muito parecida com a arquitetura espanhola como a que vi em Cartagena das Índias.*

*- Uma outra característica do crescimento de grandes centros no Brasil está na mistura entre o novo e o antigo. Podemos ver em João Pessoa um prédio construído ao lado das construções seculares. O que na minha opinião estraga um pouco a harmonia da cidade.*

*- O paisagismo do centro utilizando árvores locais para fornecer sombra no clima super quente do nordeste, traz um charme a mais para a paisagem. Adoro essas combinações de nossa natureza punjante com a arquitetura cuidadosa de origem européia e com todo o tempero que só pode ser brasileiro.*

Às 10h50 ele chega à Praça Pedro Américo<sup>43</sup>. O que chama agora a atenção de Reginaldo é o prédio do Paço Municipal<sup>44</sup>. (Figura 36) Para ele, esses

---

<sup>43</sup> A praça foi chamada de Campo do Conselheiro Diogo, Largo do Coronel Bento da Gama e, ainda, de Largo do Quartel. Em 1918, foi erguido um busto do paraibano Pedro Américo, de autoria do francês M. Sain; em sua homenagem passou a ser denominada Praça Pedro Américo.

Pedro Américo de Figueiredo e Mello foi pintor, desenhista, escritor e professor, nascido em Areia em 1843, vindo a falecer em Florença, na Itália, em 1905. Na década de 1970, grandes reformas foram realizadas na praça durante a administração de Damásio Franca, sob a orientação do arquiteto Mário Glauco Di Lásccio, devolvendo à praça suas características originais. No espaço da praça funcionou, na década de 1960, uma feira livre de artigos populares denominada “Mercado Persa”. Destaca-se pela importância do seu entorno onde se localizam monumentos de valor histórico e arquitetônico como o Theatro Santa Roza, o Comando Geral da Polícia Militar (antigo prédio do Palácio das Secretarias), o Batalhão da Polícia Militar e o edifício do Paço Municipal (Antigo prédio dos Correios e Telégrafos), localizados na área do Centro Histórico de João Pessoa, homologado como Patrimônio Cultural Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN, no dia 05 de outubro de 2008.

prédios são “*sempre lindíssimos*”. Ele segue em direção ao Theatro Santa Roza<sup>45</sup>, que se encontra fechado. (Figura 37) Reginaldo então retorna pelo caminho de antes passando em frente ao Comando da Polícia Militar da Paraíba<sup>46</sup>. (Figura 38)

---

<sup>44</sup> Sua construção foi iniciada pelo Major Cornélio Otto Kuhn em 1921, que se retirou da Chefia, passando ao Capitão Innade de Carvalho Tupper - auxiliar desde o início das obras. Em 1924 as obras foram suspensas, devido à contenção de despesas do Governo Federal, sendo retomadas dois anos depois. Obra do arquiteto Clodoaldo Gouveia, inaugurada em 1927 e que atualmente abriga a Agência Central dos Correios e Telégrafos e o Paço Municipal de João Pessoa.

<sup>45</sup> Teve sua construção iniciada em 1873, durante a administração de Francisco Teixeira de Sá. Trata-se de um dos teatros mais antigos do Brasil. Foi inaugurado em 1889, ano da Proclamação da República, no governo de Francisco Luiz da Gama e Roza, o qual foi homenageado com a inserção do seu sobrenome ao Theatro.

Em dezembro de 1998, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba - IPHAEP. Palco de grandes acontecimentos cívicos e políticos, o Theatro Santa Roza, no início dos anos 1930, serviu como sede da Assembléia Legislativa da Paraíba. A plateia se transformou em plenário e nesse espaço foi votado o polêmico decreto que modificou o nome da Capital de Parahyba para João Pessoa, sob grande pressão da sociedade paraibana que estava instalada na Praça Pedro Américo, em frente ao Teatro. Também sediou a sessão de votação do decreto que instituiu a nova bandeira do Estado da Paraíba, com a inscrição “NEGO”, dividida pelas cores vermelha e preta, e ainda foi o local onde pela primeira vez o Hino da Paraíba foi executado.

<sup>46</sup> Esse edifício data da década de 1850. Foi originalmente construído para ser um teatro. Sua Pedra Fundamental foi lançada em 1853, pelo Presidente da Província Antônio Coelho Sá e Albuquerque. Abrigou o Tesouro Provincial em 1857, e passou por reforma em 1933. Foi destinado a ser Palácio das Secretarias e nele funcionou a Assembléia Legislativa, o Tribunal de Justiça e atualmente o Comando da Polícia Militar. Foi tombado, em 1980, pelo IPHAEP.

**Figura 36: Paço Municipal**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.

**Figura 37: Theatro Santa Roza**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.



**Figura 38: Comando da Polícia Militar da Paraíba**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.

Em um momento de reflexão, a tranquilidade daquele dia de domingo no Centro de João Pessoa parece incomodá-lo. Ele acha uma *“judiação o Centro vazio”*. Para ele, *“devia ter atividades culturais”*. Continua o percurso pela Rua Euclides da Cunha. Segue reto para ver a cidade de cima. Vê um cortiço. Olha para o céu e encontra mais uma vez seu ponto de direção: uma torre.

Às 11h chega à Praça João Pessoa<sup>47</sup>. Para ele *“a praça parece abandonada. - Se a praça fosse mais limpinha ia ser linda. - Muitos prédios bonitos”*. (Figura 39)

<sup>47</sup> A construção da praça foi iniciada pelo Presidente Luiz da Motta Feo e inaugurada em 13 de maio de 1803, no aniversário de D. João VI. A Praça João Pessoa, antes Praça Comendador Felizardo, corresponde ao Jardim Público da capital que teve sua construção feita em duas etapas: a primeira, onde foram plantadas as palmeiras, levantado um muro e colocado um gradil, ocorreu entre os anos de 1879 e 1881; a segunda, em 1889, quando foram postos os bancos e, no centro, o primeiro de vários coretos construídos no espaço, até a instalação do monumento atual. No local, era comum, aos domingos, a realização de retretas (apresentações de bandas, geralmente militares) que reuniam pessoas de todos os bairros da cidade.

A Praça João Pessoa recebeu esse nome em homenagem ao Ex-presidente do Estado da Paraíba, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, eleito em 1928, e que foi assassinado em 1930 no Recife – Pernambuco - sendo este um dos motivos que desencadeou a Revolução de 1930, comandada por Getúlio Vargas. A praça também ficou conhecida como Praça dos Três Poderes por estar cercado pelas sedes dos poderes Executivo (Palácio da Redenção), Legislativo (Assembléia Legislativa) e

**Figura 39: Praça João Pessoa**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.

Comenta que já conhecia esse lugar porque, antes de viajar, havia feito pesquisas pela internet. Olha para o relógio e observa que já são 11h. Resolve voltar para o ponto de origem para que tenha tempo de fazer outro passeio no período da tarde. Procurou por qual caminho seguir e encontrou uma placa sinalizando a Lagoa. Sua impressão é que no Centro Histórico de João Pessoa é “tudo quadrado”.

Podemos, então, dizer que o tempo conduz ao fim do passeio. Sem saber ao certo por qual caminho seguir, o turista/*flâneur* observa, olha atentamente o espaço para se localizar. Seu corpo, mais uma vez, interage com o espaço: perdendo-se e se localizando. Assim como em Eudóxia, uma das cidades invisíveis de Calvino, “quando se olha atentamente para o tapete, reconhece-se o caminho perdido num fio carmesim ou anil ou vermelho amaranço que após um longo giro faz com que se entre num recinto de cor púrpura que é o verdadeiro ponto de chegada.” (CALVINO, p. 91).

---

Judiciário (Tribunal de Justiça). Justamente por conta dessa localização, a praça se tornou palco de constantes ocupações, protestos e manifestações populares.

Enquanto admira a “Pedra do Reino”<sup>48</sup>, escultura do artista visual Miguel dos Santos, feita em homenagem à obra do dramaturgo e escritor paraibano Ariano Suassuna (Figura 40) e localizada no anel interno do Parque Solon de Lucena (Figura 41), concorda e se diverte com o comentário de uma pessoa ao dizer que ainda tem gente que acha que Deus está aí. Espanta-se com o tamanho enorme de uma garça que se encontra na Lagoa e resolve terminar o passeio às 11h15.

*- Quero terminar este breve relato concluindo que o centro de João Pessoa é muito bonito, bem cuidado (apesar ter visto algum lixo espalhado) e traz verdadeiros tesouros arquitetônicos da época colonial portuguesa no Nordeste Brasileiro.*

*- Eu recomendo uma visita e um passeio por lá, ainda mais com o clima agradável que encontrei em minha visita!*

Portanto, todas essas experiências, vivências e o modo de olhar a paisagem é que fazem de Reginaldo um turista/*flâneur*. Ao desvelar o Centro Histórico de João Pessoa a pé, ele experimenta a cidade de maneira singular, desenhando o seu percurso. Mesmo permanecendo apenas uma manhã no Centro Histórico de João Pessoa, ele desvela lentamente o seu caminho, sem pressa de chegar a todo e qualquer lugar, dentro de um tempo que lhe é próprio. Reginaldo caminha e olha, olha e caminha. Nessa precisa articulação a cidade se descortina como paisagem.

---

<sup>48</sup> A escultura de cerca de oito metros e cinquenta centímetros foi confeccionada a partir de três elementos: concreto, aço e cerâmica. No topo, dois rostos, um voltado para a região do Sertão, que retrata Ariano Suassuna, e o outro em direção ao mar, cuja figura é a de João Suassuna, pai de Ariano e também ex-presidente da Paraíba, cargo hoje intitulado de governador.

Ao longo do monumento aparecem outras fisionomias que simbolizam as quatro raças: negro, índio, português e o mestiço. Na sua construção, também foi utilizado o aço para a confecção de um arco com estrelas que caracteriza a coroa do Sertão. Inclusive o aço, segundo o próprio artista, é considerado a prata da região. Na parte superior, bem na base do ‘totem’, vão ficar oito peças, sendo quatro cavalos representando as estações do ano e quatro onças aladas, onde nas asas haverá pinturas de animais em processo de extinção, a exemplo de tamanduá, lobo-guará, cascavéis e carcarás. Fonte: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/escultura-sobre-obra-de-arianosuassuna-e-instalada-na-lagoa/>

**Figura 40: A Pedra do Reino - escultura**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012.

**Figura 41: Lagoa - Parque Sólon de Lucena**



Fonte: Reginaldo G. Martins, 2012

O tempo que ele dedicou à caminhada/passeio pelo Centro Histórico de João Pessoa está refletido e assimilado em suas fotografias. Todo o tempo vivido em sua descoberta da cidade, captando cada imagem, é uma forma de enriquecimento, *“puesto que permite colocar en su lugar relativo tanto a los conocimientos adquiridos como a los hechos vividos, a los recuerdos y a las impresiones, a los asombros y a los incidentes del recorrido.”* (HAULOT, 1991, p. 27).

#### 4.3 DE PORTAS FECHADAS

No dia 29 de dezembro de 2012, um grupo de cinco pessoas percorreu a pé o Centro Histórico de João Pessoa. Entre família e amigos, eles queriam aproveitar o sábado de duas formas: curtir o evento “Sabadinho Bom”, projeto municipal que acontece todos os finais de semana, na Praça Barão do Rio Branco<sup>49</sup>, no Centro de João Pessoa; e desvelar os atrativos turísticos dessa região. Entre eles, estão Clareanna e George, um jovem casal. Naquele mês de dezembro, eles receberam em sua residência a família de Clareanna, da Bahia. Cláudia, sua irmã, Marcos, seu pai, e Janair, a namorada dele. Lívia, irmã de George, residente em João Pessoa, junta-se a eles nesse passeio. A partir de agora não existe mais uma grande distinção entre residentes e turistas, pois todos se encontram no mesmo patamar de desvelar o Centro Histórico de João Pessoa.

---

<sup>49</sup> No Século XVI dá-se início a implantação do núcleo urbano da então Filipéia de Nossa Senhora das Neves. Nesse contexto, originou-se a Praça Rio Branco, Antigo Largo do Erário, que traz vínculos estreitos com a própria fundação da cidade. As denominações que se conhecem, atribuídas à Praça, são referentes aos usos das suas edificações principais: Largo da Antiga Cadeia, Largo do Erário e Largo da Intendência. Foram instalados, entre outros prédios e serviços, a Casa dos Governadores, o Erário Público, a Casa da Câmara e Cadeia e o primeiro açougue da cidade.

A partir de 1918, passou a denominar-se Praça Rio Branco, em homenagem a José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco (diplomata e historiador que nasceu no Rio de Janeiro, em 1845, e faleceu na mesma cidade em 1912). O conjunto de edificações e suas particularidades arquitetônicas revelam a importância que teve essa área em tempos passados, verificando-se, na maioria dos prédios, franca atividade de ocupação e usos. Esse conjunto está voltado para o Largo caracterizado pela praça principal, no período colonial, por ter sido esse o local onde se instalou o Pelourinho, símbolo do poder judiciário e da autonomia Municipal. Um dos prédios que mais se destacava no Largo era a Antiga Casa de Câmara e Cadeia, atual Núcleo de Documentação e Pesquisa da Arte Popular - NUPPO, construída em 1699.

O grupo, incluindo visitantes, aqueles que se encontram fora do seu lugar de residência habitual, e turistas/cidadãos, “o habitante que desenvolve um relacionamento diferenciado com o local onde mora no seu tempo de lazer” (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 60), vão ao Centro Histórico de João Pessoa, inicialmente, com propósitos distintos. O primeiro, com o intuito de aproveitar o repertório de choro do evento e o segundo, com a intenção de apresentar a cidade aos visitantes. O ponto em comum entre eles é que todos procuravam um momento de distração, de se distanciar dos afazeres do dia a dia, como acontece com todos aqueles que buscam pelo turismo.

Como bom anfitrião, George logo se anima para mostrar aos amigos os atrativos turísticos da região, declarando:

*- Eu, na situação de turista dentro da minha própria cidade, fico sempre animado em conhecer algo que ainda não tenha visto. Porém, realmente eu visito os pontos turísticos da cidade quando alguém de fora ou algum parente vem visitar João Pessoa. Fico sempre empolgado para mostrar um pouco do que a cidade oferece em termos de turismo. Desde algo mais histórico ou algo mais contemporâneo.*

*- Combinamos com o pai de Clareanna de visitar a Praça Rio Branco onde acontece o Sabadinho Bom. Como o pai de Clareanna é músico, achei que seria interessante mostrar o que está movimentando a cidade no final de semana. E realmente ele gostou do chorinho, que cheguei a pensar que ninguém mais queria visitar as Igrejas históricas da cidade. De fato, fomos em busca das Igrejas porque eu tinha combinado também de ver o pôr do sol num barzinho em outro ponto da cidade. Mas eu particularmente estou um pouco abusado de ir a este chorinho, pois, pra mim, tudo é sempre a mesma coisa. Todo final de semana termina ficando chato. Mas a impressão que tenho do chorinho é que muita gente comparece porque realmente é um projeto diferente na cidade.*

Às 14h20, depois de aproveitar o “Sabadinho Bom”, George e Clareanna conduzem o grupo pelas ruas do Centro Histórico de João Pessoa. Interessados em mostrar a riqueza histórica da cidade onde vivem, Clareanna demonstra um pouco da sua frustração ao perceber o desinteresse por parte dos seus parentes:

- *Era um sábado e acontecia na praça Rio Branco o evento "Sabadinho Bom", e como sempre estava cheio de pessoas e estava muito bom, porém como eu queria apresentar as igrejas antigas para eles, a gente saiu da praça e foi caminhando para as igrejas. Mas eu senti que eles estavam gostando do chorinho e não tinham muito interesse em ver as Igrejas.*

Assim, o passeio parece ser apenas para Clareanna, George e Lívia, pois para passear deve-se estar livre para seguir este ou aquele caminho, de acordo com as suas próprias necessidades. No passeio a pé, a liberdade é essencial. Para Cláudia, Marcos e Janair andar pelo Centro Histórico parece mais uma obrigação, e não passeio, pois eles preferem o "Sabadinho Bom" a conhecer as igrejas do Centro Histórico.

Isso também interfere no tempo de desvelar a cidade. O tempo se revela diferente para cada um deles. Não se compara aqueles grupos guiados que têm todo o tempo cronometrado, mas o tempo do grupo acaba sendo um pouco delimitado, pois já que não estão sozinhos, é preciso entrar em um consenso de por onde seguir, de quanto tempo permanecer em cada local...

Desvelar a cidade a pé e em grupo pode acarretar certas divergências. Compartilhando do pensamento de Gros (2010), para que a caminhada tome ares de passeio, o ideal é que se faça sozinho ou com até cinco pessoas. Como o grupo era composto por seis pessoas, com objetivos distintos, ficava difícil compartilhar de momentos de solidão e caminhar/passear com liberdade de espírito. Os turistas/cidadãos parecem estar mais interessados em desvelar a cidade do que os próprios visitantes, que só procuram o lazer em ritmo de chorinho e cerveja. No entanto, acolhidos por familiares, cedem ao desejo deles e se frustram durante a visita ao Centro Histórico.

Mesmo assim, todos seguem juntos. Clareanna pega a câmera e se preocupa pelo fato de a bateria estar descarregando. Encarregada de captar as imagens, é deixada pelo grupo um pouco para trás. Quando percebe que está distante dos outros, a insegurança de caminhar pelo Centro Histórico de João Pessoa com um bem de valor material faz com que ela chame a atenção do grupo: "*Não me deixem para trás com a câmera*". Ao chegar à Avenida General Osório,

percebem que a Loja Maçônica e a Igreja e Mosteiro de São Bento<sup>50</sup> se encontram fechados. Logo, Clareanna pergunta a George se a outra igreja também estará fechada. Assim, George se torna o condutor do grupo e se encarrega de fazer o roteiro. Ele descreve a sua proposta inicial e, ao mesmo tempo, a sua decepção por nunca encontrar alguns monumentos do Centro Histórico abertos para visitaçãõ:

*- Após a ida ao chorinho, eu imaginei passar em frente à Loja Maçônica por ser um prédio histórico e na mesma rua visitar o Mosteiro de São Bento. Porém, fico intrigado com alguns desses prédios históricos de João Pessoa que não ficam abertos para visitaçãõ. Todas as vezes que passo pelo Mosteiro de São Bento, não consigo fazer uma visita ao interior do mesmo. Nunca sei dos horários que ficam abertos. Se é que tem horários definidos para visitaçãõ. Mas em pleno mês de dezembro ele não estava aberto num sábado.*

Logo, os visitantes apenas caminham frustrados pelas adversidades encontradas no percurso. Já os turistas/cidadãos caminham/passeiam, pois seguem um percurso a seu ritmo, de acordo com a sua vontade. Percebe-se que, mesmo com metas opostas, eles mantêm um ritmo lento, assim como o *slow travel*, sem pressa de chegar a lugar algum.

O olhar de Clareanna é treinado para captar a paisagem do Centro Histórico de João Pessoa. No entanto, o caminho prontamente apresenta momentos de insegurança. O olhar deve estar atento tanto para a bela paisagem como para perceber o perigo que existe em qualquer centro de cidade, por exemplo, o risco de perder algum bem material e/ou ser assaltado. Sem que bastasse essa vulnerabilidade, depara-se com os monumentos fechados, como se o Centro Histórico de João Pessoa fosse apenas um belo cenário, construído para o espectador admirar, sem poder fazer parte do contexto. Aprecia-se do lado de fora, mas, de início, é impossível adentrar os monumentos.

Seguem em direção à Basílica de Nossa Senhora das Neves, e depois para o Centro Cultural São Francisco, chegando lá as 14h32, George continua a descrever a sua decepçãõ:

---

<sup>50</sup> Em 1595 aportou à pequenina cidade das margens do rio Sanhauá, Frei Damião da Fonseca, abade do mosteiro de São Bento de Olinda, para cumprir ordens do padre geral dos beneditinos de Portugal com a intenção de construir, na capitania, a igreja e o mosteiro de sua ordem. Tem-se como 1600 a data de seu início. A construção foi lenta devido, principalmente, às questões econômicas.



*- A mesma coisa aconteceu com a catedral e depois, o que eu mais queria que os outros vissem, era a Igreja de São Francisco. Sempre tenho vontade de ir lá pela energia que o lugar passa, e pela grandeza que é aquele espaço. Muitas histórias eu ouvi falar sobre aquele lugar e várias vezes que vou ali, conheço algo novo. Porém, ao chegar lá, tudo fechado em pleno sábado no mês de dezembro. Não se tinha acesso a Igreja e nem ao museu no interior da mesma. Fiquei triste porque era um dos lugares que eu mais queria que os outros vissem.*

*- Deste ponto, eu gostaria de ter ido mostrar a Casa da Pólvora, outro ponto que faz parte da história da cidade, mas toda vez que eu vou à casa da pólvora, a mesma está fechada para reforma. Aliás, eu nunca vi a Casa da Pólvora aberta. Até já desisti de ir aquele lugar, também por conta da insegurança que me causa. Ouvi muitos comentários em tempos atrás de que vez ou outra as pessoas são roubadas naquele lugar. Assim também é onde fica a Igreja de São Francisco. Um lugar de muita tranquilidade, porém em alguns momentos é muito esquisito.*

Passam pela Loja Maçônica, pela Igreja e Mosteiro de São Bento, pela Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves e pelo Centro Cultural São Francisco. (Figura 42) Resumo do percurso: tudo está fechado e todos se encontram frustrados. Insucesso maior para George e Clareanna, pois eles queriam mostrar para os seus familiares o que, para eles, o Centro Histórico de João Pessoa tinha de melhor, o Centro Cultural São Francisco. Só restou se apropriar do espaço externo, fugindo do sol escaldante por meio da sombra que o monumento proporciona. O olhar registra então a beleza arquitetônica da igreja, sendo cenário de fotos e a prova de que eles passaram por ali.

Figura 42: Centro Cultural São Francisco



Fonte: Clareanna Santana, 2012.

Com esperança de que a igreja fosse abrir, todos aguardaram do lado de fora. Enquanto isso, Lívia lhes dá um alerta: *“Tem que ter cuidado também, né?”*, referindo-se à insegurança que rodeia a área. Em seguida, George vai verificar se tem algum aviso comunicando o motivo pela qual a igreja estaria fechada. Nada encontra, e, mais uma vez, a frustração toma conta do grupo. Enquanto isso, os outros reclamam do sol que os incomoda e procuram sombra para se proteger. Diante da impossibilidade de conhecer o interior do monumento, eles se apropriam, mais uma vez, do espaço exterior, pois a sombra que os protege, naquele momento, os leva a ocupar esse local. Além da apropriação externa, o olhar armazena a beleza arquitetônica da paisagem.

Clareanna, lembrando experiências vividas anteriormente no local, descreve:

- *Queria incluir uma experiência passada na Igreja São Francisco. É uma Igreja linda e de histórias muito importantes para se aprender da cidade de João Pessoa, porém quando a visitamos, tempos atrás, sentimos uma certa desorganização ou mesmo falta de orientação por parte dos guias. Onde não se era*

*permitido tirar fotos com flash e pisar em móveis antigos, alguns guias permitiam a pedido dos turistas que queriam tirar fotos mais bonitas. O respeito pelo espaço deveria começar dos guias. Eles próprios deveriam preservar o espaço da sua cidade.*

*- Não acredito que esse tipo de comportamento seria apropriado, nem para preservarmos a história local, nem para que outros que visitam os valorizem. Eu fiquei besta quando vi isso a primeira vez. Em vários lugares que fui, ninguém faz isso.*

Às 14h38 deixam o Centro Cultural São Francisco. Viram à esquerda (Rua Dom Ulrico) em direção à Igreja do Carmo. Na Rua Visconde de Pelotas, George observa o Casarão dos Azulejos. Indignado, desabafa:

*- A impressão que tenho é de que ninguém tá nem aí para aquele espaço. Digo isso dos poderes públicos. Pois, em várias outras cidades que fui no Brasil, sempre vejo museus e Igrejas abertas à visitação principalmente em épocas turísticas como é o caso do final do ano.*

Às 14h40, depois de passar boa parte do percurso se frustrando com monumentos vedados, depara-se com um único monumento acessível à visitação, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, e continua seu relato: (Figura 43)

*- Um pouco decepcionados por estar tudo fechado, seguimos para a Igreja do Carmo. Esta sim estava aberta. Pudemos entrar e ver a arquitetura da Igreja. Eu, particularmente, não sou religioso. Não sigo religião nenhuma, mas gosto de ver a arquitetura das Igrejas e sua história.*

Figura 43: Igreja de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Carmo



Fonte: Lívia Candice, 2012.

*-Na Igreja do Carmo pude visitar o jardim pela parte de dentro ao lado da Igreja. Nunca tinha ido naquele jardim, e fiquei impressionado com a paz que aquele ambiente traz. Isso me fez pensar nas Igrejas que já visitei. A maioria delas tem estes espaços de árvores e flores, bastante ventilados.*

O torpor que envolvia os transeuntes logo se dissipou quando depararam com o jardim da igreja. Esse momento remete à paisagem citada por Cauquelin (2007), em que o jardim representava para o homem uma morada no meio da natureza. Um ar de tranquilidade e paz envolveu todos aqueles que antes caminhavam atordoados e decepcionados. A natureza da paisagem os encobriu com a sombra das árvores e o sopro da brisa. A paisagem foi desvelada não só pelos visitantes, mas também pelos habitantes que nunca tinham passado por ali.

No discurso de Dias (2010), em meio ao cotidiano, a paisagem se revela entre o caminho percorrido e certo modo de olhar.

A natureza do jardim forma uma paisagem que encanta e deslumbra os passeantes. Enquanto todos estão fascinados, Lívia registra tudo em forma de fotografia. O olhar dos visitantes percebe a natureza e a paisagem, que, nessa experiência turística, é consolidada por meio de fotos. (Figuras 44, 45 e 46)

**Figura 44: Jardim da Igreja de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Carmo**



Fonte: Lívia Candice, 2012.

Depois de apreciar o jardim, entram pela porta da direita do interior da igreja, que dá acesso à Igreja de Santa Teresa de Jesus da Ordem Terceira do Carmo<sup>51</sup>. A paisagem se revela a partir de um ponto de vista inesperado. Morando em João Pessoa há 17 anos, é a primeira vez que Lívia visita essa igreja. Ela nem sequer sabia da existência desse monumento. Depois de tantos anos na capital paraibana, ela descobriu um monumento para ela antes desconhecido.

---

<sup>51</sup> Sua construção foi iniciada por volta de 1591 com a chegada dos carmelitas à Capitania da Parahyba e concluída no século XVIII. A Igreja de Santa Teresa D'Ávila da Ordem Terceira do Carmo, originada no final do Século XVI, integra o conjunto arquitetônico dos carmelitas.

**Figura 45: Jardim da Igreja de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Carmo**



Fonte: Lívia Candice, 2012.

**Figura 46: Jardim da Igreja de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Carmo**



Fonte: Clareanna Santana, 2012.

Adentram a Igreja de Santa Teresa de Jesus da Ordem Terceira do Carmo e descobrem que a paisagem urbana pode revelar surpresas a partir de uma postura desinteressada. Ao entrar na igreja, o imprevisível no espaço, mais uma vez, chama atenção: o piso não estava bem preservado e, ao pisá-lo, dava a impressão de estar “fofo”, que poderia afundar. Cláudia, que antes parecia não apreciar o passeio, muda de ânimo e alerta: “*Cuidado!*”. Já Clareanna está atenta a todos os detalhes. Observa a escrita antiga dos túmulos, quando percebe a palavra “Espôza”. Todos apreciam. Mas, mesmo com tantos detalhes, o que mais chamou a atenção deles foi o piso. Na tranquilidade, apenas o barulho das moedas no bolso de Marcos soa nesse momento. Prestam atenção na informação turística. Em um instante de descontração, Cláudia faz de conta que dá o dizimo à igreja para tirar foto. O detalhe do piso mal conservado parece lhe chamar a atenção, fazendo-a acordar para a riqueza dos detalhes do monumento.

Assim, a paisagem não se forma por um espetáculo visual. A paisagem é a experiência *in situ*, o engajamento do corpo, os passos sobre o piso, o barulho das moedas, o olhar atento, a interação entre o olhar de cada um do grupo e o monumento. A composição da paisagem se associa diretamente às percepções dos transeuntes. A partir do olhar e da fruição do espaço pelos habitantes e visitantes é que a paisagem vai se constituindo.

Cláudia, que antes parecia não estar aproveitando o percurso, encontra na Igreja de Nossa Senhora do Carmo uma paisagem a ser explorada, isto é, a ser consumida como mera personagem, sem se ater aos seus detalhes, reduzindo-a a um cenário para o registro de algumas fotografias. Se a paisagem surge da apropriação que os visitantes e habitantes dela fazem, a intensidade de sua percepção se diferencia para aqueles que olham com mais atenção.

Clareanna descreve a experiência até aqui:

*- O frustrante foi que as igrejas estavam fechadas e principalmente a Igreja (museu) de São Francisco! Primeiro o Mosteiro de São Bento, que por sinal eu nunca o encontrei aberto. Nem sei se é museu. Assim o passeio no centro histórico ficou limitado a olhar somente as fachadas das igrejas. A única Igreja que estava aberta era a Igreja do Carmo, umas das que nunca entrei, que por sinal é muito bonita por dentro. Vi que meu pai, minha irmã e a namorada do meu pai ficaram*

*bastante impressionados com a Igreja. Fico pensando se eles tivessem visto a Igreja de São Francisco, que é bem mais interessante do ponto de vista da arquitetura. A saída era voltar para a Praça Rio Branco ou ver o pôr-do-sol no bar do Cabeça de Galo que é localizado no Alto Roger. Como eu e George moramos aqui e conhecemos o lugar, achamos que seria um bom lugar para mostrá-los. O pôr-do-sol desse lugar é bem bonito e mostra o rio onde tinha o antigo porto. Mas às vezes parecia que meu pai e a namorada queriam estar em lugares onde tivesse cerveja e não só ser um ponto turístico. Isso é um pouco chato às vezes.*

Só olhar não basta para Clareanna. Ela prefere apreciar o monumento por dentro. Caminhar e encontrar tudo fechado é como se o percurso fosse incompleto, impossível de ser aproveitado. O turista sempre quer tudo a sua disposição, deseja aproveitar cada minuto do tempo de permanência na cidade. Clareanna, mesmo morando na capital paraibana e estando disponível a visitar o Centro Histórico de João Pessoa em outros períodos do ano, coloca-se na posição de visitante, de tudo querer conhecer e registrar. A um só tempo, habitante e visitante, isto é, de turista/*flâneur* a anfitriã, ela queria mostrar para sua família uma bela cidade. Não foi o que aconteceu, por isso toda a sua frustração.

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo, a única que estava aberta, impressionou até aqueles que antes preferiam ficar no evento que acontecia. No entanto, diante de tantos monumentos fechados e com o intuito de agradar os visitantes, todos seguiram para o Bar Cabeça de Galo. De lá poderiam apreciar a paisagem formada pelo belo pôr-do-sol sobre o rio Sanhauá.

No caminho, a natureza tomou conta da paisagem. O céu, encoberto por nuvens, atrai o olhar de Lívia. Ela olha e armazena a paisagem por meio da fotografia. Seu olhar atento percebe além do que é estabelecido turisticamente. Sem ter alguém para fornecer informações sobre os monumentos, cada um direciona o olhar para aquilo que lhe chama mais atenção. Lívia escolhe o céu para formar a sua paisagem, enquadra o olhar para captar algo mais do que é visto normalmente. (Figura 47)



**Figura 47: O céu**



Fonte: Livia Candice, 2012.

*“Uma vez que o nosso corpo tem o hábito de se relacionar instintiva e continuamente com o meio-ambiente, o sentido de localização não pode ser ignorado [...]”.* (CULLEN, p. 11). Encontrando-se ao ar livre, no meio do Centro Histórico de João Pessoa, Livia demonstra não saber onde exatamente está. Dessa forma, o olhar do habitante, viciado ao cotidiano, constata diferentes paisagens ao ter uma experiência turística na sua própria cidade.

Um monumento que se encontra em frente à Igreja do Carmo chama a atenção de Clareanna: *“Que casarão é aquele?”*, referindo-se ao Casarão dos Azulejos<sup>52</sup>. Uma conversa descontraída toma conta do grupo quando Clareanna pergunta com ironia se eles querem conhecer a Rua da Areia, onde se localizam os Cabarés da cidade. Todos riem e um clima de descontração envolve o grupo. Perde-se agora o interesse em conhecer a parte histórica da cidade e volta-se ao interesse

---

<sup>52</sup> Construído em meados do Século XIX, no antigo Beco do Carmo, recebeu o nome de Sobrado do Comendador Santos Coelho em referência a um Comendador do Império, que residiu no Casarão até 1924. Constitui-se em um exemplar da arquitetura residencial produzida nesse século. Trata-se de uma das últimas edificações, de inestimável valor, que testemunham a utilização de azulejaria portuguesa como revestimento de fachada.

inicial do grupo: a diversão. Como o início do percurso foi no “Sabadinho Bom”, o final se encaminha para o Boteco Cabeça de Galo. Como George já tinha programado, “*todo passeio no Centro Histórico termina no Boteco Cabeça de Galo*”.

Saem da Praça Dom Adauto<sup>53</sup> às 14h55. Clareanna espanta os pombos que estavam no caminho e George destaca para os outros uma padaria antiga da cidade. Nesse momento o grupo se dispersa. Clareanna, Cláudia, Janair e Marcos procuram um Banco para sacar dinheiro e Livia e George seguem para o Boteco Cabeça de Galo.

Por estar em um lugar aberto, a sensação de Livia, em razão de sua posição no espaço, é a de estar sem senso de localização, pois pergunta a George se daquele lugar iria para a Casa da Pólvora. Ele responde que não e comenta que não gosta de ir para lá por dois motivos: “*é esquisito e sempre está fechado*”. Caminham em direção ao Boteco.

O primeiro ponto de vista durante o percurso na Praça do Adauto, onde está localizada a Igreja do Carmo, até chegar ao Boteco Cabeça de Galo é a rua. Recortando com o olhar o espaço que a envolve, Livia desvela mais paisagens. Caminhando/passeando observa a torre da Igreja de São Francisco de um ângulo pouco comum para aqueles que são acostumados com paisagens pré-estabelecidas pela indústria turística. (Figura 48) As distintas maneiras de ver é que fazem com o que sujeito extrapole a condição de um turista consumidor de cartões postais. O turista/*flâneur* tem uma imagem individualizada porque vive a sua própria paisagem, sem a intervenção de condutas meramente mercadológicas. Outro olhar é estabelecido, a torre da igreja agora se torna o personagem principal.

---

<sup>53</sup> Na praça encontra-se um monumento erguido em homenagem ao segundo governador republicano do Estado da Paraíba (em 1892) Álvaro Lopes Machado que foi inaugurada em 1895. Observa-se ainda na praça, o conjunto arquitetônico formado pela Igreja de Nossa Senhora do Carmo (estilo barroco), a Capela de Santa Tereza D'Ávila (estilo do barroco, rococó) e a Arquidiocese da Paraíba, construídos pela Ordem Religiosa dos Carmelitas durante o Século XVIII. Em frente à praça pode ser encontrado o Casarão dos Azulejos, edificação construída no século XIX e que possui suas fachadas revestidas de azulejos portugueses, e o Casarão 34, comum espaço reservado para exposições culturais.

**Figura 48: Torre da Igreja**



Fonte: Lívia Candice, 2012.

Continuando o passeio a passo uniforme, a paisagem parece surgir como mágica, revelando surpresas e encantando aquela que nunca tinha passado por ali. Ao contemplar o Rio Sanhauá, Lívia se espanta com a beleza dessa paisagem, e um sentimento de deslumbramento surge nesse momento: *“Que espetáculo!”*. Já George, conhecendo bem a cidade onde mora, não fica tão entusiasmado, sendo o seu papel apresentar a Lívia tudo o que conhece sobre o entorno dessa região: mostra um terreno ao longe, onde se localizava o antigo lixão da cidade, e diz que ainda não conseguiram plantar nada por causa do enxofre na terra.

Flanando pela cidade, com um olhar alerta, George observa que tem épocas do ano em que a posição do sol se encontra com a ladeira, formando uma paisagem possível de ser vista apenas por aqueles que enquadram o olhar enquanto percorrem esse caminho. Tal paisagem não pode agora ser vislumbrada, já que o sol e a ladeira não se entrelaçam nesse dia.

Em silêncio, admiram a paisagem. O céu, encoberto por nuvens despedaçadas, os cobre. Param. O corpo está cansado, é preciso algum repouso. George, apropriando-se do espaço, senta-se no chão para contemplar. (Figura 49)

**Figura 49: Apropriação do espaço**



Fonte: Livia Candice, 2012.

Um elemento aguça a memória de Livia, conduzindo-a a um mundo interno: um carro que toca música do cantor Roberto Carlos a faz lembrar seu pai. Ao olhar para o carro e escutar a canção, ela se aproxima do objeto, incitado por um apelo sensorial. Ela experimenta o espaço a partir de suas lembranças, com os olhos voltados para fora e para dentro, tecendo uma paisagem que é fruto do que vemos e do que imaginamos.

No entanto, essa nostalgia é interrompida pelo calor. Cheia de sede, Livia perde o encanto e volta à realidade. Os 40min de espera incomodam a ela e ao irmão. Dirigem-se ao Boteco Cabeça de Galo para tomar uma bebida e esperar o restante do grupo.

Às 15h50, Clareanna, Cláudia, Marcos e Janair retornam e o passeio pelo Centro Histórico chega ao fim. O que interessa agora é se divertir e aproveitar a gastronomia local. George descreve:

*- Após batermos algumas fotos nessa Igreja fomos ao bar Cabeça de Galo, no bairro do Roger. Sempre costumo ir a esse bar e levar meus amigos lá pra ver o pôr-do-sol naquele lugar. Conheci esse bar quando pesquisava sobre cultura popular no bairro do Roger. Um bairro que, na parte alta, sempre me passou muita tranquilidade. Todo mundo que gosta de tomar uma cerveja e que levo a esse bar*

*sempre tende a gostar principalmente pela visão que se tem do rio Sanhauá. O pessoal adorou este bar, assim como eu sempre gostei.*

Clareanna, indignada por ter encontrado quase todos os monumentos fechados, registra sua impressão final do passeio:

*- Resolvemos então ir para o bar Cabeça de Galo e depois fomos pra casa. Acabou que não conhecemos nada do centro histórico. Ficamos sabendo um pouquinho da história por conta de George que falava alguma coisa do que ele já tinha ouvido dizer dali.*

*- No passeio feito no centro histórico de João Pessoa foi interessante e, ao mesmo tempo, frustrante, pois estava levando meu pai, sua namorada e minha irmã para conhecer os pontos turísticos, porém não deu muito certo. Às vezes penso que eles não estavam muito a fim de ver o que eu queria mostrar para eles.*

Mesmo que as portas estivessem quase todas fechadas, o que para eles atrapalhou o passeio, não podemos dizer que esse frustrado grupo não desvelou a sua cidade. Ele desvelou aquilo que se fez presença para eles: o céu, as fachadas, a brisa, o calor, a subida e descida, o rio e o que a memória muitas vezes embaça. Dessa relação com o espaço, ou melhor, com o que dele se deixou desvelar, a cidade percorrida nesse dia teve a dimensão de seus passos, o tempo de sua atenção, a duração de cada contemplação. Para esse grupo de turistas/*flâneurs* o desvelar do Centro Histórico de João Pessoa acabou em ritmo de descontração, embalados pelo som do bar e pela beleza do pôr-do-sol sobre o rio Sanhauá.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve o objetivo de investigar as possibilidades de desvelamento de um espaço da cidade de João Pessoa, por meio da experiência do turista/*flâneur*. A investigação fez-se mediante uma análise teórica e prática e abordando uma pesquisa bibliográfica referente ao tema da dissertação e à pesquisa de campo no Centro Histórico de João Pessoa.

Dessa forma, adotou-se o método fenomenológico para fortalecer a investigação de abordagem qualitativa e interpretativa. Buscou-se conhecer o desvelar do turista/*flâneur* no Centro Histórico de João Pessoa, com o intuito de que os objetivos colocados fossem compreendidos.

Conforme os objetivos apresentados por esta investigação, todos foram trabalhados mediante o desenvolvimento teórico e a pesquisa *in loco* no objeto do estudo.

Os dois objetivos específicos, “investigar como a experiência do turista/*flâneur*, ao caminhar/passear pelo Centro Histórico de João Pessoa, desvela a paisagem da localidade”, e “revelar, a partir do caminhar/passear do turista/*flâneur* pelo Centro Histórico de João Pessoa, uma experiência espaço-temporal singular”, foram abarcados, inicialmente, com base na revisão bibliográfica utilizada nesta dissertação. A partir dos variados referenciais teóricos, desenvolveram-se os conceitos essenciais para esta pesquisa, compreendendo o que foi chamado de o caminhar/passear, o turista/*flâneur*, a paisagem e o tempo.

Posteriormente, os objetivos específicos foram alcançados a partir de uma análise interpretativa em campo, isto é, o desvelar dos turistas/*flâneurs* foi avaliado enquanto acontecia o percurso a pé no Centro Histórico de João Pessoa. A partir da pesquisa de campo, dos relatos e das imagens dos transeuntes foi possível considerar, dentro dos objetivos propostos, o desfecho da pesquisa.

Assim, depreendeu-se que o objetivo geral, “investigar as possibilidades de desvelamento do Centro Histórico de João Pessoa pela experiência do turista/*flâneur*”, foi alcançado e constatado mediante as análises feitas a partir dos

objetivos específicos. Apontam-se algumas considerações do que foi verificado no contexto final da pesquisa.

Nessas circunstâncias, pela metodologia escolhida, constatou-se que, a partir da literatura pesquisada, são diversos os entendimentos para o sujeito do turismo, o “turista”. Diante de tantos significados, identificou-se, a partir de tantos conceitos e da parte prática da pesquisa, que existe um turista diferenciado pelo seu modo de desvelar e olhar a cidade: o turista/*flâneur*. Com uma análise mais humana e social do sujeito do turismo, pesquisou-se a sua maneira própria de desvelar a cidade, compreendendo-se, a partir do caminhar/passear, a sua condição de ser e estar na cidade, revelando a cada passo paisagem/paisagens singulares.

Verificou-se que cada sujeito tem seu próprio tempo ao desvelar a cidade a pé. O tempo livre que ele dedica ao turismo é um tempo particular, indicado pela sua consciência e por fatores que influenciam o seu passeio: a chuva, o sol, o frio, o calor, os cheiros, as pessoas, os sentidos, entre outros elementos. Constatou-se que o sujeito precisa ter liberdade de espírito para se permitir envolver pela cidade, livre de qualquer preocupação. Ter tempo, nessa pesquisa, é estar receptivo a todos os acontecimentos que possam surgir enquanto se desvela a cidade. O tempo é medido de acordo com as necessidades de cada sujeito, sem pressa, diferente do tempo daqueles que andam em grupo e são obrigados a seguir um tempo cronometrado e indicado por outro sujeito.

Caminhando/passeando, o turista/*flâneur* apropria-se da cidade pelo movimento. Escolhe seu próprio caminho, movimenta-se com um ritmo particular e atravessa a cidade conforme o tempo do seu corpo, do seu compasso. Quando o turista/*flâneur* caminha/passeia pela cidade, ele adentra a paisagem. No decorrer do percurso, ele segue a cidade com o olhar, vivenciando-a com o seu corpo. Com desenvoltura e atenção, ele delimita e constrói a paisagem pelo enquadramento do seu olhar. Para isso, ele necessita de tempo para descobrir a cidade, para olhar a paisagem, para ter a sua própria experiência. Dessa forma, ele descobre a cidade com os seus passos, direcionando o seu olhar para o que lhe chama mais a atenção, desvelando, assim, uma cidade entre tantas outras possíveis.

Esta investigação verificou que o Centro Histórico de João Pessoa demonstrou ter algumas situações que limitam ao habitante ou visitante desvelar

esse local. A insegurança tomou conta de todos aqueles que caminharam/passearam naquelas imediações. Os olhos que contemplam se transformaram em alguns momentos em dispositivos de segurança. A falta de segurança ou policiamento nas ruas faz com que os transeuntes não se sintam seguros. Dessa maneira, compreendeu-se ser necessário que o poder público esteja atento a essa adversidade, resolvendo o problema da segurança pública para proteger todos aqueles que transitam por ali.

O turista/*flâneur* acolhe os imprevistos, aceita o inesperado. Imprevistos não faltaram na experiência dos percursos relatados, a exemplo da impossibilidade de entrar em alguns importantes monumentos do Centro Histórico de João Pessoa. O que fazer quando a estrutura turística não garante que a visita seja completa? Como (re)pensar esse roteiro a partir de suas lacunas?

O limite do Centro Histórico de João Pessoa engloba diversos atrativos turísticos divulgados pelas Secretarias de Turismo tanto do estado como do município. Dessa forma, não é aceitável que os monumentos não tenham o mínimo de infraestrutura adequada para receber os habitantes ou visitantes que passam por ali. Sem adentrar os monumentos, o habitante e/ou visitante tem a impressão de que o passeio foi realizado pela metade. É necessário se ter um contexto que garanta a satisfação dos visitantes que reservam uma parte do seu tempo livre para passear pela capital paraibana.

Na impossibilidade de esmiuçar o espaço, os transeuntes direcionaram o olhar sobre aquilo que o percurso ofereceu: a contemplação de sua arquitetura e o que dela se desenha; a percepção do rio Sanhauá e do sol que naquele momento se despedia da cidade; a natureza que proporcionava momentos de acolhimento, pela sombra das árvores, e algumas imposições, como o sol escaldante; entre outras diversas paisagens singulares formadas ao longo de cada caminho.

Se o turismo é um fenômeno, uma forma de conhecimento do lugar, também é uma experiência sensível do espaço. Os percursos descritos revelaram que a percepção do lugar passa por aquilo que experimentamos dele: uma luz cambiante que altera a nossa percepção do lugar, os desvios, as informações históricas, o tempo que se dedica para olhar.



Portanto, compreendendo o turismo como um fenômeno humano e social, espera-se que sejam desenvolvidas novas investigações nesse âmbito, contribuindo-se para a compreensão do turismo como algo além de uma mercadoria. Olhar para as percepções do sujeito do turismo deve ser condição indispensável na constituição dos estudos científicos e mercadológicos do turismo, pois a partir de experiências mais singulares, desenvolve-se um universo conceitual do turismo e uma prática turística mais humanística.

Sugere-se, aqui, pensar o fenômeno turístico a partir da relação entre o caminhante e a cidade. A possibilidade de descobrir um lugar a partir da sua própria experiência, longe de decisões preestabelecidas – no caso, de pacotes oferecidos por agências de viagens.

O caminhar/passear poderá desvelar várias maneiras de olhar a cidade, de tal forma que se respeite a necessidade de conhecer do caminhante, o que ele deseja descobrir. Considerar a experiência do sujeito é propor uma investigação para além da visão mercadológica, que o situaria no centro da prática turística.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, ABL. **Biografia Ariano Suassuna**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=226&sid=305>. Acesso em: 23 de maio de 2012.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção ABC do Turismo).
- BRUYNE, Paul de. **Dinâmica de pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- JOÃO PESSOA CONVENTION & VISITORS BUREAU. Disponível em: <http://www.joaopessoaconvention.com.br/v2012/>.
- BURNS, Peter M. **Turismo e antropologia: uma introdução**. São Paulo: Chronos: 2002. (Coleção Tours).
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (Do Etnólogo). In: **O Olhar**. Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins, 2007. (Coleção Todas as Artes).
- COLTRO, Alex. **A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade**. Cadernos de Pesquisa em Administração, São Paulo, v. 1, nº 11, p. 37-45, 1º TRIM./2000.
- COMTE-SPONVILLE, André. **O ser-tempo: algumas reflexões sobre o tempo da consciência**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- DENCKER, Ada de F. M. **Pesquisa em Turismo: planejamento, métodos e técnicas**. São Paulo: Editora Futura, 1998.

DIAS, Karina. **Entre Visão e Invisão: Paisagem [Por uma experiência da paisagem no cotidiano]**. Brasília: Editora da UnB, 2010.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Rococó**. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=65](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=65)>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2012.

\_\_\_\_\_. **Ecletismo**. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=357](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=357)>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2012.

\_\_\_\_\_. **Neogótico**. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=3501](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3501)>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2012.

ESTANISLAU, Cristiano. **Transformações no mundo do trabalho na região do Grande ABC: uma análise compreensiva a partir do filme peões**. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo, 2010.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka Martini. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007. (Coleção ABC do Turismo).

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2010.

HAULOT, Arthur. **Turismo Social**. México: Trillas, 1991.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. 2<sup>o</sup> ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

INSTITUTO ARTE DÉCO BRASIL. Disponível em: <<http://www.artdecobrasil.com/home.php>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2012.

IPHAN. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2012.

JACCOUD, Mylène; MAYER, Robert. **A observação direta e a pesquisa qualitativa**. In: A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Sociologia)

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 3<sup>o</sup> ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Coleção cidades).

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A paisagem como fato cultural. In: **Turismo e paisagem**. YÁZIGI, Eduardo(org.). São Paulo, Contexto, 2002. (Turismo Contexto).

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MOESCH, Marutschka Martini. **Epistemologia Social do Turismo**. Tese de Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo. v.1. São Paulo: Universidade de São Paulo(ECA), 2004.

MOLINA, Sergio. **Conceptualización del turismo**. México: Limusa, 1991.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO (MTUR). **Anuário Estatístico de Turismo – 2011**. Brasília, MTUR, 2011.

\_\_\_\_\_. **Rede de Cooperação Técnica para a Roteirização**. 2º ed. Brasília, 2010.

\_\_\_\_\_. **João Pessoa**. Disponível em: <[http://www.turismobrasil.gov.br/promocional/destinos/J/joao\\_pessoa.html](http://www.turismobrasil.gov.br/promocional/destinos/J/joao_pessoa.html)>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO (OMT). Disponível em: <<http://leadersfortourism.unwto.org/es>>. Acesso: 29 de março de 2012.

\_\_\_\_\_. **Entender el turismo: Glosario básico**. Disponível em: [http://www.unwto.org/pdf/Understanding\\_Tourism-BasicGlossary\\_ES.pdf](http://www.unwto.org/pdf/Understanding_Tourism-BasicGlossary_ES.pdf). Acesso em: 12 de junho de 2013.

OLIVEIRA, Carla Mary S. **História da Arte. Período Colonial – Brasil**. Disponível em: <<http://cms-oliveira.sites.uol.com.br/barroco-pb.html>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2012.

\_\_\_\_\_. **História da Arte. Idade Moderna – Europa. Maneirismo**. Disponível em: <<http://cms-oliveira.sites.uol.com.br/maneirismo.html>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2012.

\_\_\_\_\_. **História da Arte. Idade Contemporânea – Europa. Neoclassicismo**. Disponível em: <<http://cms-oliveira.sites.uol.com.br/neoclassicismo.html>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2012.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília (orgs). **Turismo de experiência**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

REIS, Nestor Goulart. **Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, Fapesp, 2000. (Uspiana Brasil 500 Anos)

REY-PUENTE, Fernando. **O tempo**. WMF, Martins Fontes, 2010.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário**. Porto Alegre, RS: L&P, 2011.

SHELLE, Karl Gottlob. **A arte de passear**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. – (Breves encontros)

SECRETARIA DE TURISMO DE JOÃO PESSOA-PB. **Informações sobre o Turismo na Cidade de João Pessoa - Paraíba**. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/secretarias/setur/joaopessoa>>. Acesso em: 1º de dezembro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Sinalização Turística para Pedestre no Centro Histórico de João Pessoa**. SETUR, João Pessoa.

SCHLUTER, Regina G. **Metodologia da pesquisa em turismo e hotelaria**. São Paulo: Aleph, 2003. (Série Turismo).

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 3ª edição. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001. (Coleção Megalópolis).

YÁZIGI, Eduardo. A importância da paisagem. In: **Turismo e paisagem**. YÁZIGI, Eduardo(org.). São Paulo: Contexto, 2002 (Turismo Contexto).